

FEVEREIRO, 2013

IV SÉRIE - Nº 30

BIMESTRAL

Macau

Artes

**FESTIVAL LITERÁRIO
MAIS MADURO**

Jornal Tribuna de Macau

**30 ANOS A CONTAR
HISTÓRIAS**

NEGÓCIOS CRIATIVOS EM PORTUGUÊS

Ano da Serpente

**PREVISÕES
SIGNO A SIGNO**



BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n° 762 a 804
Edif. China Plaza, 15° andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** Cláudia Aranda, Filipa Queiroz, José Simões
Morais, Márcia Schmaltz, Mónica Menezes,
Nuno G. Pereira e Vera Penêda**Fotografia:** Carmo Correia, José Goulão (Portugal),
José Simões Morais, Gonçalo Lobo Pinheiro e Paulo
Cordeiro (Portugal)**TRADUÇÃO:** Cherry Lee**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gonçalo Lobo Pinheiro**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International"
14° andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL****ANGOLA:** AOA 2,620.00 | **BRASIL:** BRL 56.00**CABO VERDE:** CVE 2,459.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,634.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 771.00**PORTUGAL:** EUR 22.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 546,445.00**TIMOR-LESTE:** USD 28.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 35.00

Macau



O ano de 2013 será fértil em efemérides relacionadas com Macau.

Em primeiríssimo lugar, celebram-se os dez anos do estabelecimento do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

O seu lançamento,

em 2003, colocou a Região Administrativa Especial de Macau no papel charneira de plataforma entre a China e o mundo lusófono. O secretariado permanente do Fórum estabeleceu-se em Macau e o Governo local criou um Gabinete para o apoiar.

As relações bilaterais entre os países envolvidos têm vindo a crescer desde então e a superar as expectativas de forma consistente. Um impulso importante para a consolidação do Fórum foi dado em 2010, com a visita do primeiro-ministro Wen Jiabao a Macau, por ocasião do terceiro encontro ministerial do Fórum. O próprio primeiro-ministro anunciou, entre outras medidas, a instituição de um Fundo de Cooperação de Desenvolvimento, no valor de mil milhões de dólares norte-americanos e estabeleceu uma nova meta, de 100 mil milhões de dólares norte-americanos, a ser alcançada em três anos. Porém esse valor foi plenamente atingido já em pleno ano de 2012. Mas em 2013 também se celebram os 20 anos da promulgação da Lei Básica da RAEM, que, em conjunto com a Constituição do País, forma a base constitucional da região administrativa especial.

Finalmente, este será também o ano em que se festejará o 60º aniversário do Grande Prémio de Macau, o maior cartaz desportivo do território, já para não falar no centenário da fundação da Associação Comercial de Macau, uma das instituições de referência na vida local.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

VIDAS DE MÉRITO

As personalidades distinguidas pela RAEM em 2012, **8**

FOTOGRAFIAS CAMPEÃS

As imagens que mereceram destaque no ano passado, **10**

13 ANOS DE RAEM

As imagens da festa que saiu às ruas, **12**

Gonçalo Lobo Pinheiro

NEGÓCIOS COM ALMA LUSÓFONA

Empresários da lusofonia apostam em Macau, **22**

Cláudia Aranda

BNU: 100 ANOS A FAZER HISTÓRIA

Um banco que faz parte da história de Macau, **42**

Filipa Queiroz

OS ALTOS E BAIXOS DA PATACA

Como a moeda da RAEM conquistou o seu lugar, **48**

Macao Magazine

A SIMBOLOGIA DA SERPENTE

O que se pode esperar de 2013, **56**

Márcia Schmaltz

PREVISÕES PARA 2013

O que dizem os almanaques para cada um dos signos, **68**

Luís Ortet

MONTE DA GUIA

O pulmão da cidade, **76**

José Simões Morais

FUTEBOL DE FAVELA ANIMA PEQUIM

Pequenos jogadores, grandes talentos, **84**

Vera Penêda

FOGO PARA TRAZER SORTE

Ícones chineses – Panchões, **94**

HÁ JAZZ PELA CIDADE

O renascimento de um clube histórico, **98**

Nuno G. Pereira

30 ANOS A DAR NOTÍCIAS

Jornal Tribuna de Macau, uma referência em língua portuguesa, **104**

Nuno G. Pereira

ROTA DAS LETRAS DE REGRESSO

A segunda edição do Festival Literário, **112**

Cláudia Aranda

SECÇÕES

Aconteceu, **4**

Cartaz, **122**

Memórias, **128**

O ANO DA SERPENTE DE ÁGUA

O ano de 2013, a partir do dia 10 de Fevereiro, será da “Serpente de água”. Isso significa que este será um ano menos conflituoso em comparação com 1941, 1989 e 2001, todos eles anos de elementos desavindos. Mas ainda assim, um ano conflituoso.

p. 68

LUSÓFONOS, CRIATIVOS E EMPREENDEDORES

Na estratégia de aproveitamento de nichos de mercado que as oportunidades estão a florescer e que pequenas e médias empresas de países da lusofonia têm vindo a posicionar-se na economia de Macau.

p. 22

A CAPACIDADE DE SUPERAR

Durante mais de 100 anos o pai português da pataca, o Banco Nacional Ultramarino, tem mantido o passo em direcção ao crescimento económico para enfrentar a concorrência cada vez mais acesa em Macau.

p. 42

SOLIDEZ EM LÍNGUA PORTUGUESA

O *Jornal Tribuna de Macau* fez 30 anos, sempre liderado pelo seu fundador. José Rocha Dinis explica a solidez actual do projecto e recorda como a Síndrome Respiratória Aguda Severa salvou o jornal da crise.

p. 104

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

Momentos Surpreendentes

*Uma variedade de eventos de craveira mundial
durante todo o ano atrai um público global e
proporciona-lhe surpresas em todos os momentos.*



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

28.245

milhões de patacas é o novo recorde de receitas brutas dos casinos de Macau registados no fecho de 2012



Macau é sétima economia mais livre da Ásia-Pacífico

Das 41 economias da região Ásia-Pacífico, Macau situa-se no sétimo lugar das economias mais livres, a seguir a Hong Kong, Singapura, Austrália, Nova Zelândia e Taiwan, China e Japão. De acordo com o relatório relativo ao *Índice de Liberdade Económica* para o ano de 2013, da Heritage Foundation, a classificação geral de Macau é superior ao nível médio em termos mundiais e regionais: uma região “de liberdade relativa”.

Fundação Macau financia Escola Portuguesa

A Escola Portuguesa de Macau vai ser financiada até 2017 pela Fundação Macau, que substituiu a Função Oriente, na sequência de um acordo entre as duas instituições. Com um orçamento anual de cerca de 30 milhões de patacas, o financiamento da escola passa a ser sustentado em três partes: propinas, contribuição do ministério português da Educação e contribuição da Fundação Macau, que assume quase nove milhões de patacas.

12 delegados eleitos à Assembleia Popular

Os nomes dos 12 delegados de Macau ao órgão legislativo nacional, a Assembleia Popular Nacional, foram escolhidos a 17 de Dezembro, após uma votação a que se apresentaram 15 candidatos. O empresário Lau Ngai Leong e o membro do Conselho Executivo Lionel Leong estiveram novamente entre os mais votados, com 337 e 333 votos, respectivamente. Eleitos foram também Io Ho Meng, presidente da União Geral das Associações de Moradores de Macau, Ho Sut Heng, responsável da Associação dos Operários, Long Weng Ian, da Associação Geral das Mulheres de Macau, e Lok Po, editor do jornal Ou Mun. A lista é ainda composta pela antiga deputada Leong Iok Wa, pelo vice-presidente da Assembleia Legislativa, Ho Iat Seng, pelo antigo deputado Lei Pun Lam, e pela advogada Paula Ling, além dos deputados Chui Sai Peng e Kou Hoi In.



580.000

turistas passaram por Macau nos feriados de fim de ano



Coreia do Sul vence Torneio da Soberania

A equipa de veteranos de futebol da Coreia do Sul revalidou em Dezembro o título de campeã do Torneio da Soberania de Macau, ao derrotar na finalíssima a equipa de Fujian (China) por 2-0. O terceiro lugar da competição foi conquistado pelo Sporting, que derrotou Macau por 5-1. O Torneio da Soberania é organizado pela Associação dos Veteranos do Futebol de Macau desde 2001, para celebrar a instalação da Região Administrativa Especial de Macau, em Dezembro de 1999.



Mais de 1600 estudam português nas escolas chinesas

Um total de 1641 estudam no actual ano lectivo a disciplina de português nas escolas chinesas de Macau. Entre as escolas privadas de Macau, 16 estabelecimentos de ensino ministram a língua portuguesa. Há ainda cerca de 2000 alunos a estudarem a língua portuguesa nas 11 escolas oficiais, além daqueles que estudam em língua veicular portuguesa na Escola Portuguesa de Macau e no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes.

Protocolos assinados com Cantão

Os Governos de Macau e de Cantão assinaram em Dezembro três protocolos nas áreas dos produtos agrícolas, indústrias culturais, e convenções e exposições, durante uma reunião que se realizou no território. O encontro serviu também para se fazer um balanço dos trabalhos de cooperação levados a cabo nos últimos tempos, com as duas partes a demonstrarem-se satisfeitas com os resultados obtidos.



Estilo manuelino à entrada da RAEM

O empresário de Macau David Chow vai investir cerca de 2000 milhões de patacas na construção na ilha da Montanha de um centro comercial com uma praça ao "estilo manuelino", num projecto de homenagem à cultura portuguesa de Macau. O projecto, denominado "Praça da Amizade", que vai ocupar uma área de cerca de 30 mil metros quadrados de terreno, deverá começar a ser construído até ao final deste ano e, depois, toda a obra deverá estar concluída até final de 2016.



Macau entre as 100 cidades mais caras

Macau é a 16.^a cidade da Ásia mais cara para os estrangeiros viverem. A conclusão é da ECA International, que revela que as cidades chinesas dominam a lista das mais caras no continente asiático. Na RAEM, o custo de vida coloca o território entre os 100 mais caros do mundo para os expatriados. Macau ocupa a posição número 83 – a de uma cidade mais barata que a chinesa Shenyang e mais cara que Munique, na Alemanha.

Ensino do chinês chega ao Nordeste português

O Instituto Politécnico de Macau (IPM) vai colaborar com o Instituto Politécnico de Bragança (IPB) na criação de cursos de Mandarim naquela cidade portuguesa. Bragança, na região Nordeste de Portugal, quer transformar-se num núcleo da língua e cultura chinesas no país. O projecto conta também com o apoio do pólo de Zhuhai da Universidade Normal de Pequim.

Trabalhar para melhores condições de vida

O desenvolvimento económico e a melhoria das condições de vida da população vão continuar a ser prioridades do Governo de Macau em 2013, como afirmou o chefe do Executivo, Chui Sai On, na sua mensagem de Ano Novo. "No novo ano de 2013, o Governo continuará a prosseguir o princípio governativo de 'ter por base a população', dando prioridade às acções relativas ao desenvolvimento da economia e à melhoria das condições de vida da população, implementando diversas medidas de apoio social e de redução e isenção de impostos e taxas", realça Chui Sai On em comunicado.

2013 MIECF

Macao International Environmental
Co-operation Forum & Exhibition
澳門國際環保合作發展論壇及展覽

主辦單位 / Host



中華人民共和國澳門特別行政區政府
Government of the Macao
Special Administrative Region of
the People's Republic of China



參展優惠
2013年1月15日
或之前報名，可獲
Early Bird Promotion
Register on/before
15 Jan 2013 and get
10% 折扣 / off

可持續發展城市 -
邁向綠色未來

SUSTAINABLE CITIES -
THE WAY TOWARDS A GREEN FUTURE

關注環保 · 親近自然 · 分享樂活
Thinking Green · Going Clean · Living Cool

2013年3月21 - 23日 · 澳門

21 - 23 March 2013 · MACAO

www.macaomiecf.com



 **ufi**
Approved
Event



MÉRITOS RECONHECIDOS

Um total de 46 personalidades e instituições foram distinguidas com as medalhas e títulos honoríficos da Região Administrativa Especial de Macau, relativos a 2012, atribuídos pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On. A medalha de honra Grande Lótus foi entregue a Lao Kuong Po, personalidade envolvida na criação da Associação Bem-Estar dos Moradores de Macau. Na juventude, Lao Kuong Po participou na guerrilha de Zhu Jiang contra a invasão dos japoneses. A Associação Comercial de Macau recebeu a medalha de honra Lótus de Ouro. A cerimónia de entrega de títulos decorreu a 14 de Dezembro.

* Lao Kuong Po, sentado à direita do Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, foi agraciado com a Grande Lótus, o mais importante título da RAEM, pela sua contribuição para o bem-estar da população. A Associação Comercial de Macau, representada por Ma Iao Lao, sentado à direita do líder do Governo, recebeu a Lótus de Ouro.



PRIMEIRA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Ao Peng Kong (Medalha de Mérito Profissional), Paulino do Lago Comandante (Medalha de Mérito Profissional), Lei Chin Ion (Medalha de Mérito Profissional), Iong Weng Ian (Medalha de Mérito Profissional), Au Ieong Iun Han (Lótus de Prata), Lao Kuong Po (Grande Lótus), Associação Comercial de Macau, representada por Ma Iao Lai (Lótus de Ouro), Leong Chong Kao (Lótus de Prata), Cheang Chi Kong (Medalha de Mérito Industrial e Comercial), Ho Pui Fan (Medalha de Mérito Industrial e Comercial), Paulo Tse (Medalha de Mérito Industrial e Comercial) e Chang Iok Meng (Medalha de Mérito Industrial e Comercial).

TERCEIRA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Liu Gangqi (Título Honorífico de Prestígio), Chan Shuk Leung (Título Honorífico de Prestígio), Lau Sut Man (Medalha de Serviços Comunitários), Pang Siu In (Medalha de Serviços Comunitários), Lao Ion Fai (Medalha de Serviços Comunitários), Iao Teng Fong (Medalha de Dedicção), Ho Si Lo (Medalha de Dedicção), Cheong Mun Hong (Medalha de Valor), Ma Io Weng (Medalha de Valor), Kuan Sok Mui (Medalha de Mérito Desportivo), Wong Hang Cheong (Medalha de Mérito Desportivo) e Chong Coc Veng (Medalha de Mérito Desportivo).

SEGUNDA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Lo Keng Chio (Medalha de Mérito Desportivo), Suzanne Devoy (Medalha de Mérito Altruístico), Luis Lei Xavier (Medalha de Mérito Altruístico), Leong Iok Wa (Medalha de Mérito Altruístico), Lei I Leong (Medalha de Mérito Cultural), Tang Keng Pan (Medalha de Mérito Cultural), Lai Sai Kei (Medalha de Mérito Educativo), Kou Kam Fai (Medalha de Mérito Educativo), Chu Sheung Maria (Medalha de Mérito Educativo), Iao Tun Ieong (Medalha de Mérito Educativo), Solmar Limitada (Medalha de Mérito Turístico) e Liu Yiu Tung Francis (Medalha de Mérito Turístico).

QUARTA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Macao Youth Artistic Ability Volunteer Association (Título Honorífico de Valor), Seleção Masculina de Hóquei em Patins de Macau (Título Honorífico de Valor), Sou Chin Pang (Título Honorífico de Valor), Che Ngan Ngan (Título Honorífico de Valor), Li Yi (Título Honorífico de Valor), Wong Ka Fai (Título Honorífico de Valor), Fundação Espacial da China (Título Honorífico de Prestígio), Barry John Bland (Título Honorífico de Prestígio) e Chang Shih-Hsien (Título Honorífico de Prestígio).

FOTOGRAFIAS FELIZES PREMIADAS

Fotografias premiadas no concurso de fotografia *Momentos Felizes da Vida em Macau 2012*, promovido pelo Gabinete de Comunicação Social (GCS), estiveram em exposição no mês de Novembro na Galeria do Jardim Lou Lim leoc. Os 53 trabalhos seleccionados pretendem constituir testemunhos de momentos positivos vividos em Macau durante o último ano

Na abertura do evento, o director do GCS, Victor Chan Chi Ping, sublinhou o impacto positivo da criação, nesta edição de 2012, de uma página electrónica própria do concurso, o que constituiu uma forma de aproveitamento das vantagens proporcionadas pelas novas tecnologias.

Registou-se nesta edição de 2012 um grande aumento no número de candidatos (266) e de obras apresentadas (1834).

O concurso *Momentos Felizes da Vida em Macau 2012* é organizado pelo GCS, em conjunto com a Associação Fotográfica de Macau, a Associação de Salão Fotográfico de Macau, a Associação Promotora da Arte Fotográfica de Macau, a Associação dos Fotógrafos de Macau, a Associação Fotográfica Multi MediArte de Macau, o Clube Foto-Artístico de Macau, a Associação da Arte de Lente Fotográfica de Macau, a Associação de Fotografia Digital de Macau, a Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Macau, a Associação dos Jornalistas de Macau, o Clube de Comunicação Social de Macau e o Clube de Jornalistas de Macau.

Este concurso realiza-se desde 2004, visando enriquecer as imagens do anuário Macau – Livro do Ano, editado pelo GCS, e fazer um registo do desenvolvimento do território. ●



1º PRÉMIO: UNG TENG PONG
ERA DE OURO E PROSPERIDADE



2º PRÉMIO: CHEONG KENG LIM
*CERIMÓNIA RELIGIOSA DE
TRANSMISSÃO DE LANTERNAS*



3º PRÉMIO: TAM KAM WENG
CÓM ESFORÇO TUDO SE CONSEGUE



15 ANOS DA TRANSFERÊNCIA

DESFILE MULTICULTURAL COM MILHARES NAS RUAS



Um desfile multicultural tomou conta das ruas históricas de Macau a 20 de Dezembro, para assinalar os 13 anos do estabelecimento da RAEM, atraindo milhares de pessoas. O *Desfile por Macau, Cidade Latina* contou com a actuação de mais de 40 grupos oriundos de 20 países

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

慶祝澳門回歸祖國十三周年

Celebração do 13.º Aniversário da Transferência da Administração de Macau para a China

Celebration of the 13th Anniversary of Macao's Handover to China

Desfile por Macau
澳門 拉丁城區 幻彩
Parade through Macao Latin City

13 ANOS DA TRANSFERÊNCIA



Portugal, Brasil, Argentina, México, Peru, Colômbia foram alguns dos 20 países que representaram Macau enquanto “Cidade Latina”, com 2000 artistas a darem corpo a danças e actuações variadas





13 ANOS DA TRANSFERÊNCIA





Pelas 16 horas, estavam todos a postos para mostrar as danças e actuações tradicionais latinas. Apresentaram-se no largo de São Paulo, perante uma ilustre plateia, que era presidida por Cheong U, secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, responsável pelo Instituto Cultural, entidade organizadora do *Desfile por Macau, Cidade Latina*



13 ANOS DA TRANSFERÊNCIA

Das actuações locais, destacaram-se o espectáculo de magia no Largo de Santo António, o Salão Musical no Largo da Companhia, danças de Bollywood na Rua D. Belchior Carneiro, espectáculo de andas na Rua Sanches de Miranda, e, já na praça do Tap Seac, a mascote VIVA, um gigantone italiano com 18 metros de altura, que deu as boas-vindas aos artistas na cerimónia de encerramento “Paz, Amor e Integração Cultural”





Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



deltaedições

ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau

Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.

Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São D'Somingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00

CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00

MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 771.00

PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 546,445.00

TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da revista **MACAU** (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.

LUSÓFONOS, CRIATIVOS E EMPREENDEDORES

É na estratégia de aproveitamento de nichos de mercado que as oportunidades estão a florescer e que pequenas e médias empresas de países da lusofonia têm vindo a posicionar-se na economia de Macau

Texto **Cláudia Aranda** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



ABI



Indústrias criativas, estética e cuidados de saúde, actividades culturais e artísticas, restauração e pequeno comércio alimentar, assim como importação e comercialização de vinhos, são alguns dos sectores onde se tem fixado um crescente número de empresários lusófonos em Macau. Estes empreendedores são, regra geral, macaenses ou residentes locais com nacionalidades de países de língua portuguesa, que mantêm laços com as culturas angolana, brasileira, cabo-verdiana, guineense, moçambicana, portuguesa, são-tomense, timorense ou, até, goesa.

O mercado asiático está na mira de uma boa parte destes pequenos empresários lusófonos. Alguns já estão a estabelecer contactos e parcerias de modo a consolidar a sua presença a médio ou longo prazo na China e beneficiar das potencialidades do maior mercado do mundo,

com mais de mil milhões de pessoas. Mas, no entanto, é em Macau, ponto de confluência de comércio e de culturas entre a China e o Ocidente e plataforma privilegiada na relação com os países de língua portuguesa, que pequenos negócios se estabelecem e se consolidam.

O carácter business friendly da cidade é o principal atractivo. A carga fiscal é reduzida e o Governo apoia as pequenas e médias empresas com empréstimos sem juros. Os pequenos empresários buscam, por um lado, o diferencial ou a vantagem competitiva face às indústrias dominantes do jogo e do turismo. Mas, por outro lado, há interesse em agarrar as oportunidades que surgem associadas a essas mesmas indústrias. O aumento do número de visitantes que entram diariamente em Macau tem permitido transformar oportunidades em negócios lucrativos.

A comunidade de expatriados a trabalhar nos casinos e na indústria do entretenimento também é um mercado que se torna cada vez mais interessante, à medida que vai crescendo. As estatísticas são reveladoras da importância desses mercados e os empresários lusófonos têm estado atentos às oportunidades que podem surgir. Macau recebeu em 2011 mais de 28 milhões de visitantes, número que corresponde a um aumento de 12% em relação ao ano anterior, de acordo com a Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC) do Governo da RAEM. A despesa total estimada dos visitantes, excluindo as despesas no jogo, alcançou 45,3 mil milhões de patacas em 2011, um aumento de 20 por cento face ao ano anterior. Por outro lado, dados de Março de 2012 indicavam que havia 98.664 trabalhadores não-residentes, num universo populacional que atingiu já os 562.900 habitantes.

DINÂMICA EMPRESARIAL CRESCER

No que diz respeito a novas companhias estabelecidas na cidade com origem em países de língua portuguesa, 27 empresas, com capital social no valor total de 3,241 milhões de patacas, estabeleceram-se na cidade entre Abril de 2011 e Março de 2012, de acordo com os dados fornecidos à MACAU pela DSEC.

Portugal é o local de residência habitual de, pelo menos, 24 dessas companhias, com capital social no valor de 3,217 milhões de patacas. Não houve registo de empresas de Cabo Verde, Guiné-Bissau ou Moçambique durante aquele mesmo período.

Em termos de ramo de actividade económica, das 24 companhias portuguesas estabelecidas no último ano, nove inscrevem-se no sector do comércio por grosso e a retalho. Outras sete nos serviços prestados às empresas, quatro nas actividades imobiliárias, recreativas, serviços culturais, desportivos e outros. Por último, outras quatro registaram-se no sector da educação, saúde e bem-estar e serviços financeiros.

O aumento do número de visitantes que entram diariamente em Macau tem permitido transformar oportunidades em negócios lucrativos. A comunidade de expatriados a trabalhar nos casinos e na indústria do entretenimento também é um mercado que se torna cada vez mais interessante

Os empresários residentes de Macau continuam, no entanto, a ser quem mais constitui sociedades no território. Os dados relativos às sociedades constituídas em 2010 e 2011 indicam que Macau é a maior proveniência do capital social das empresas, segundo a residência dos sócios. Por outro lado, há registo de um crescimento progressivo do número de sociedades constituídas nos últimos dois anos, conforme estatísticas oficiais.

Das 3405 sociedades criadas em 2011 (mais 13,8 por cento do que em 2010), acima de 2000 eram compostas por sócios com residência em Macau. O capital social das empresas constituídas totalizou 983 milhões de patacas. Desse valor, cerca de 743 milhões de patacas era proveniente de Macau, seguindo-se o Interior do País, que constituiu sociedades com capital social avaliado em 135 milhões de patacas, enquanto Hong Kong totalizou 67 milhões de patacas.

Essa tendência manteve-se no primeiro trimestre de 2012. Analisando a residência dos sócios, Macau voltou a ser a maior proveniência, com 69 milhões de patacas, seguido de Taiwan, com 50 milhões de patacas, e do Interior da China, com 27 milhões.



INVESTIR NO “TACHO”

**HERCULANO DILLON DE JESUS –
RESTAURANTE LAGOA AZUL**

Cozinhar é o passatempo favorito de Herculano Dillon de Jesus, que tem vindo a apurar a oferta de pratos macaenses e portugueses no Restaurante Lagoa Azul, aberto no ano passado na avenida da Praia Grande. “Como já sou reformado decidi abrir o restaurante. Eu é que cozinho, gosto, é um *hobby* que tenho”, diz.

Quem ouve este antigo corredor de motociclismo do circuito japonês e chinês e piloto de carros do Grande Prémio de Macau de Fórmula 3 apercebe-se rapidamente que cozinhar é uma das suas paixões, para além, claro, do desporto motorizado. A cada dois ou três tópicos da conversa sobre o seu percurso de vida ele introduz um elemento de culinária. Ora fala das características do açafraão e das folhas de louro, ora explica como preparar um prato. O espaço da cozinha partilha-o com uma ajudante chinesa, que aprendeu com ele como preparar especialidades da cozinha portuguesa e macaense.

Mas Dillon tem que estar sempre presente para assegurar que a cozedura da carne fica no ponto, nem crua nem muito passada. “A comida deve ser feita 70 por cento de antemão e os outros 30 por cento na hora da entrega”, explica Dillon.

O cozinheiro prossegue entusiasmado explicando os detalhes culinários do “Tacho” e do “Bafa-Assa”, especialidades macaenses. “Primeiro abafa-se e depois assa-se. Começa-se por fazer um refogado, põe-se o lombo inteiro e deixa-se abafar um bocado e depois assa-se, deixa-se arrefecer e corta-se às rodelas. É um tipo de rosbife.”

Herdou o apelido Dillon da mãe, filha de mãe equatoriana e de pai australiano imigrados na China. A mãe, que após o fecho de fronteiras no seguimento da fundação da República Popular da China em 1949, havia ficado retida na China, foi resgatada pelo pai. O progenitor era um português de segunda geração, com família originária de Xangai, que trouxe a mãe para casar em Macau, após um romance por correspondência trocada através do moço de recados que ia e vinha fazendo de correio.

Portugueses, chineses, macaenses, russos, japoneses, moçambicanos são algumas das na-

ECONOMIA

cionalidades que mais frequentam o restaurante. Os pratos com mais saída são o minchi, a feijoada, o peixe preparado à moda do Mediterrâneo com limão e orégãos e grelhado na chapa. O bife também tem muita saída “grelhado com sal marinho e quando está pronto sacode-se o sal, é muito fácil”. Dillon lamenta que haja tão pouca gente hoje a querer “investir e aprender” as especialidades da cozinha macaense. O cozinheiro acredita que ainda tem muito para descobrir. “Sei cozinhar muitas coisas mas de comida macaense conheço apenas uns quatro ou cinco pratos, os mais populares”. Mas ainda “há pratos de pormenor que dão trabalho que eu vou aprender”. Dillon tem as velhotas amigas, que prometeram ensinar-lhe os truques. A julgar pelo talento e o entusiasmo, tudo indica que o cozinheiro continuará a contentar o apetite dos seus clientes com novas propostas de gastronomia local durante muito tempo.

RECRIAR, PARTILHAR E REICICLAR A CIDADE

DÉBORA COSTA E JOÃO OLIVEIRA, LOJA MASSALA – RE'CREATION GROUNDS

A Massala – Re'Creation Grounds, inaugurada em Fevereiro de 2011, é muito mais do que uma loja de roupa, explicam a psicóloga Débora Costa e o engenheiro de som João Oliveira. O projecto reflecte o percurso e a influência multicultural do casal. Débora nasceu em Macau, filha de pais moçambicanos, João é de Beja, Portugal, mas viveu cinco anos na cidade antes da transferência. “O espaço é um reflexo dessa mistura e das viagens que fizemos”, refere Débora Costa.

O estabelecimento situado na rua da Alfândega é um espaço multifuncional, que se divide em quatro áreas, que se pretendem interactivas e, nas quais, se desenvolvem as acções da Massala. O jogo de palavras implícito no nome do estabelecimento pressupõe um processo

contínuo de criação e reutilização, de troca e de partilha. Para quem entra no estabelecimento, ou na “sala *re'creational ground*”, a primeira secção com que se depara é o Go Native – Clothes and Crafts, que consiste na loja de artesanato, roupas e livros. Segue-se o *Mingle Eat – Arts and Culture*, espaço de arte e cultura, aberto a exposições, concertos, workshops ou projecções de filmes. Ao fundo, encontra-se o Veggiebites - Coffee Store, espaço para café, chá, mercearia e encomendas de comida vegetariana. Por último, *Recycle your City - Handmade Furniture* é dedicado ao aproveitamento e restauro de objectos usados.

Este último conceito encontra-se aplicado no próprio estabelecimento restaurado pelo casal com apoio de familiares. Grande parte do mobiliário foi recuperado do lixo e reciclado.





O casal começou já a trabalhar noutros espaços onde fazem trabalhos de restauro e decoração, com utilização de objectos usados e reciclados. Quanto aos produtos à venda são escolhidos com critério: “Vamos aos locais de origem perceber como são feitos”. Neste espaço, incluem-se, também, artesanato e peças únicas de artistas locais. Ambos acreditam nas vantagens de cruzar e partilhar ideias e experiências com a rede de criação artística que existe em Macau, onde se incluem iniciativas, sobretudo, na área do teatro e do *design*. “Há pessoas com projectos que são alternativos como o nosso mas que não são iguais ao que nós fazemos, há uma singularidade em cada actividade”, diz João Oliveira. “Tentamos ser um espaço dinamizador, mas estamos abertos a que venham até nós propor ideias. Queremos que haja interactividade e reciprocidade no que fazemos”, afirma Débora Costa.

Entre essas acções, incluem-se actividades educativas na área da reciclagem e *workshops* de comida *vegan*. O objectivo “não é impor conceitos mas, sim, mostrar que há formas alternativas de comer ou de estar na vida”. Por outro lado, dentro do conceito *recycle your city*, os dois sócios pretendem convidar as pessoas a “parar para pensar” nos seus gestos do dia-a-dia, de modo a contrariar o espírito consumista da sociedade actual. Isso passa por transmitir a ideia de que “agarrar num objecto que tenho em casa ou na rua e reutilizá-lo pode ser parte da nossa vida”.

A médio prazo, o objectivo é tirar rendimento económico da multifuncionalidade do espaço. Débora acredita que estão “a meio caminho da consolidação do conceito versus a parte económica e funcionar de maneira a que uma parte sustente a outra”.



A ELEVAR OS PADRÕES DE CRIATIVIDADE

DENISE LAU – ICON COMMUNICATIONS

A Icon Communications é uma empresa vocacionada para o *design* e produção de audiovisual que ganhou já competitividade internacional, em termos da criatividade e qualidade dos vídeos produzidos. Destacase, por isso, no universo ainda limitado das indústrias criativas de Macau. Mas foram necessários alguns anos e muitas viagens pelo mundo para que a criativa e directora da empresa Denise Lau se estabelecesse na cidade para fundar a Icon Communications em 2006 e constituir escritório em 2010.

Neta de moçambicana de origem chinesa e de avô são-tomense, Denise Lau viveu a infância e a adolescência entre Moçambique, onde nasceu, o Brasil, Portugal e Macau. A multiculturalidade faz parte da sua vida, está-lhe no sangue mas, sobretudo, na forma dinâmica e universal de viver e de ver o mundo.

O pluralismo é também cultura de empresa da Icon Communications, com funcionários portugueses e macaenses, incluindo o gestor de projectos Rui Borges, que viveu a infância em Macau mas estudou na África do Sul, onde absorveu conhecimentos e influências que se reflectem na originalidade dos vídeos produzidos pela empresa.

A Icon Communications até agora orientada para a produção de conteúdos de vídeo e imagem para clientes australianos e americanos, está, entretanto, a posicionar-se no mercado local. “Somos uma empresa de Macau e é bom haver empresas especializadas que possam oferecer um serviço de qualidade nesta cidade. Macau precisa disso”, diz a directora da empresa.

A empresa tem vindo a tentar impor padrões de qualidade cada vez mais elevados. Em Macau, estão a surgir movimentos “sensíveis à criatividade que começam a querer que a comunicação se aproxime de uma visão mais internacional”, refere Rui Borges. Além disso, a cidade está a ganhar outras plataformas de público. Até agora, a comunicação e publicidade das empresas locais era muito orientada para atrair os jogadores do Interior do País. Mas a cidade começa a receber clientes de outras partes do mundo. “Há, inclusive, um *boom* de turistas indianos que vêm para a cidade fazer casamentos, exposições ou eventos”, refere o gestor de projectos. Com esta necessidade de satisfazer um novo tipo de clientes cria-se também um maior apetite para outro tipo de comunicação e de imagem.

A companhia está actualmente em condições de produzir audiovisual com tanta qualidade como Hong Kong, mas a preços mais competitivos. No território vizinho, “é tudo proporcionalmente mais caro e aqui conseguimos ter preços mais baixos e manter os padrões de qualidade. Ao cliente interessa-lhe é pagar um valor baixo mas com qualidade”, frisa Rui Borges.

Denise Lau pretende começar ainda este ano a promover a empresa no Interior da China através dos parceiros no terreno. “Estamos a detectar interesse e necessidade de empresas chinesas que estão a expandir e querem avançar para mercados internacionais e que procuram empresas de Macau e Hong Kong que façam essa ponte”, explica Rui Borges. Denise Lau acredita que a empresa está bem posicionada para fazer essa ligação com as empresas chinesas a partir de Macau, que é a “porta da China para os países lusófonos e não só”.



O FIEL FARMACÊUTICO

CARLOS SANTOS – FARMÁCIA LOTUS

Oferecer qualidade e confiança na prestação do serviço farmacêutico às comunidades de Macau tem sido desde sempre a missão do farmacêutico Carlos Santos, proprietário da Farmácia Lotus, na Taipa. Foi com esta preocupação que o farmacêutico chegou em 1984 a Macau. Vinha então como responsável técnico para a organização do sistema farmacêutico e a criação de condições para a elaboração e aprovação da legislação, outorgada em 1990, e que continua em vigor.

A qualidade do serviço farmacêutico foi também o princípio estabelecido para a rede de farmácias que ajudou a implementar em Moçambique, entre 1996 e 2006. E foi com esse espírito que regressou a Macau para criar o novo projecto em 2009, em sociedade com a mulher e com o cunhado, moçambicanos de origem chinesa.

A Farmácia Lotus é um estabelecimento que “pode proporcionar uma qualidade técnica e apoio em termos de serviço farmacêutico à altura das necessidades das pessoas”, garante Carlos Santos.

Para o farmacêutico, a maior dificuldade enfrentada pelas farmácias passa pelo facto de terem sido desprovidas daquilo “que é a essência de negócio”, que é a venda de medicamentos. Segundo Carlos Santos, a maior parte das vezes o utente não sente necessidade de ir à farmácia, uma vez que pode obter os medicamentos nos hospitais ou clínicas, sejam públicos ou privados. Carlos Santos tem tentado contrariar essa tendência, demonstrando aos utentes a mais-valia que representa manter um contacto estreito com o farmacêutico, aconselhando-os e transmitindo uma mensagem de confiança, com vista a fidelizar os clientes. “Procuramos de forma muito personalizada resolver os problemas individualmente de cada pessoa”, explica.

O farmacêutico tem conseguido fidelizar especialmente a comunidade macaense, portuguesa e de expatriados. Segundo ele, estas comunidades valorizam o papel do farmacêutico, mas, segundo constata, para a grande maioria da população o mais importante é o custo dos medicamentos. E, havendo alternativa, os utentes escolhem a opção mais barata sem ter em conta a importância do atendimento por parte de um técnico especializado.

No entanto, explica o especialista, num contexto comunitário, “o farmacêutico é o último elo de uma cadeia de prestação de cuidados de saúde, ele é quem dá continuidade ao processo iniciado pelo médico”. Está provado pela Organização

Mundial de Saúde (OMS) que “o utente quando está em frente ao médico retém cerca de 30 por cento da informação e cabe ao farmacêutico desmistificar, acompanhar e monitorizar os passos seguintes para que a terapêutica seja bem sucedida. Razão pela qual é importante fidelizar o doente à farmácia”, acrescenta o farmacêutico. Apesar das dificuldades, a empresa está a crescer. “Mais de 70 por cento da nossa clientela são expatriados e 50 por cento dessa população já esta fidelizada à farmácia, já são clientes assíduos”. Entretanto o negócio vai expandir para a importação e distribuição de medicamentos, devendo a actividade iniciar ainda em 2012.



A APOSTA NO VINTAGE PORTUGUÊS

**MARGARIDA VILA-NOVA E IVO FERREIRA –
MERCEARIA PORTUGUESA**

O diferencial da Mercearia Portuguesa é vender marcas tradicionais portuguesas, com rótulo e *design vintage*, assim como produtos alimentares de reconhecida qualidade que não se encontram

disponíveis noutros estabelecimentos. Tratam-se de produtos revivalistas, que transportam consigo a história e cultura que também fazem parte do passado de Macau.

A estratégia de negócio passa por “representar com exclusividade no território o que há de mais autêntico em termos de produtos tradicionais portugueses”, explicam Margarida Vila-Nova, atriz, e Ivo Ferreira, realizador de cinema, autores do projecto inaugurado em Novembro de 2011.

O casal quis que a própria visita à mercearia fosse “uma experiência” de autenticidade, a começar pela localização no Albergue da Santa Casa da



Misericórdia, no bairro de São Lázaro, no centro da cidade, dinamizado pelo arquitecto Carlos Marreiros. O mobiliário foi trazido de Portugal de modo a reproduzir a mercearia tradicional. Aqui, “até a cera do chão é portuguesa”.

Os objectos com rótulo e *design vintage* enquadram-se no conceito de “produtos-souvenir” destinados a um público de portugueses, macaenses, chineses e turistas que desejem guardar uma recordação representativa da história desta cidade. Macau tem um passado de influência europeia bem preservado e visível na sua arquitectura. “As pessoas quando visitam

Macau encontram portugalidade na calçada, nos nomes das ruas, na forma de falar, na memória das pessoas”, refere Margarida. Só falta, pois, que levem como lembrança dessa passagem um objecto genuíno que adicione um pouco do aroma e do sabor da sua história.

A loja recebe turistas do Interior da China, Hong Kong, Japão, Taiwan, Coreia, que chegam de guia turístico ou revista na mão, com artigos e reportagens sobre a mercearia, atraídos pelo “exotismo”, pela novidade do conceito e a singularidade da loja. Os visitantes valorizam muito a identidade forte dos produtos, diz Margarida. Considerando que, “com a globalização, hoje encontra-se tudo por toda a parte, que já não há novidades, e a identidade de cada país está um pouco por todo o lado, esta loja, comparativamente, oferece peças de autor que são produtos únicos”, explica a actriz.

Além de produtos como o azeite de Montargil ou o chá dos Açores, a loja vende artesanato regional, como as bonecas de barro de Júlia Côta, vendidas em exclusivo pela Mercearia Portuguesa, que tem, também mais quatro pontos de venda na cidade.

O casal está estabelecido no território. “Estaremos sempre por cá”, diz Ivo, que mantém uma afinidade forte com Macau, cidade onde realizou o seu primeiro documentário em 1997 e onde voltou sempre para filmar. Margarida, por sua vez, mantém um pé na cidade e outro em Portugal. Mas o objectivo é “traçar um percurso criativo e artístico na cidade”, afirma a actriz. “Temos mais ideias e estamos a trabalhar em projectos que vão divulgar a cultura chinesa e portuguesa e contribuir para o panorama artístico e para a afirmação da identidade cultural de Macau”, conclui o realizador de cinema.



ESTÉTICA É NEGÓCIO PARA QUEM SABE

PATRICIA INHAIA – CENTRO DE ESTÉTICA E DEPILAÇÃO WE LOVE WAX

Patrícia Inhaia, uma brasileira de Curitiba, chegou, viu e conquistou em Macau um nicho de mercado muito específico na área dos cuidados de estética e de beleza, especializando-se em depilação, manicura, bronzamento artificial, tratamentos capilares e descoloração.

Na cidade desde 1997, Patrícia estabeleceu o



negócio em 2001 mas abriu o salão de beleza apenas em 2006. Quando saiu do Brasil, vinha com a intenção de viajar pela Ásia e aprender o mandarim, mas acabou por encontrar trabalho e estabelecer-se na cidade.

Começou por prestar cuidados de beleza ao domicílio, conciliando a actividade com o trabalho de arquivista e secretária de redacção do jornal que, na altura, se chamava *Macau Hoje*. Com o avolumar da procura por parte da clientela, optou por abrir um salão na Taipa. Na altura trabalhava sozinha, das nove da manhã às nove da noite. Mas o esforço compensou. A empresa pôde começar a crescer e, ao fim de um ano, Patrícia contratou a sua primeira empregada. Actualmente, o salão emprega cinco funcionárias especializadas. O público é essencialmente feminino, mas as portas estão abertas também a clientes masculinos.



O negócio de Patrícia tem beneficiado com o crescimento da economia de Macau nos últimos anos. Com a expansão da indústria do jogo e do turismo, a comunidade de expatriados a residir em Macau tem estado a aumentar. Se, no princípio, as clientes eram portuguesas, agora a empresária passou a atender australianas, americanas e filipinas.

A depilação é o forte do negócio. Patrícia acredita que se as clientes continuam a preferir o seu salão é, com certeza, pela garantia de que o serviço é bem prestado. A experiência é o critério de Patrícia para empregar as suas empregadas. Trata-se de um trabalho especializado que requer muita prática e, nesse aspecto, “as esteticistas filipinas oferecem as melhores qualificações”, de acordo com os critérios de selecção da empresária. “Elas têm um pouquinho mais de latino, a cultura de fazer depilação já existe nas

Filipinas e para este tipo de serviço precisamos de técnicas que se sintam seguras e confiantes no seu trabalho”, refere.

A mão-de-obra chinesa não tem sido opção pois ajusta-se menos às exigências deste trabalho. “As chinesas têm menos prática, é uma questão cultural, têm menos experiência e estão menos acostumadas.” Por outro lado, explica a empresária, uma esteticista ganha um salário entre 8000 e 12000 patacas, valor que fica abaixo das expectativas da mão-de-obra especializada local. “Os residentes locais querem trabalho mais bem remunerado nos casinos, mesmo que a gente ofereça condições não há pessoas para esse trabalho”. Patrícia, entretanto, vai prosseguir com o investimento na qualidade de atendimento, que passa por oferecer maior diversidade de serviços em menor período de tempo.

COMIDA PORTUGUESA COM CARA E CORAÇÃO

CARLOS ALBERTO E ROSA (SÃO) LAU – CAFÉ LISBOA

Se há restaurante na cidade de Macau que respira lusofonia é o Café Lisboa, na Taipa. Carlos Alberto Lau, moçambicano de origem chinesa, “dá a cara” e gere as relações públicas, enquanto que Rosa Lau – a portuguesa da aldeia de Longa-Tabuaço, distrito de Viseu, que todos tratam por São – “é o coração” do negócio.

Na decoração da casa, com diversos pormenores futebolísticos, destacam-se elementos que denunciam a simpatia dos proprietários pelo Sporting Clube de Portugal. No entanto, Carlos faz questão de deixar claro que “nesta casa são todos bem-vindos, sportinguistas, benfiquistas”, ou qualquer que seja o clube desportivo ou a origem de quem chega.

A lusofonia completa-se com a clientela “macaense, portuguesa, moçambicana, angolana e brasileira”. Também chegam chineses e de clientes Hong Kong. É “o passa-palavra a funcionar, as pessoas ficam curiosas e vêm para experimentar a comida portuguesa”, diz Carlos. A garantia de satisfação é assegurada por São. É ela quem elabora os pratos, organiza a cozinha do restaurante e quem tem o dom de fazer a clientela comer e chorar por mais. O negócio não tem segredos, “as pessoas gostam porque é comida caseira, é isso que as faz voltar”, explica Carlos. “As pessoas aqui sentem-se em casa”, acrescenta São.

No início, quando abriram, em 2001, o projecto começou por ser, como o nome indica, apenas um estabelecimento para café, doces e salgados. Mas à medida que as pessoas se foram acostumando



CAFÉ LISBOA



a frequentar o espaço começaram a desafiar São a preparar este e aquele petisco. Foram esses clientes que frequentam regularmente o estabelecimento “que fizeram a casa”, diz São, que nunca deixou de responder aos pedidos que eles lhe faziam. Desse intercâmbio entre a cozinheira e os clientes habituais, aos poucos, começaram a sair pratos diários.

A escolha é variada e inclui especialidades da cozinha tradicional, desde o norte ao sul de Portugal. À sexta-feira, por exemplo, o prato do dia é dobrada à portuguesa, uma especialidade típica da cidade do Porto. Aos domingos, há “leitão, feijoada e caldo verde, que as pessoas gostam muito”. De resto, há pratos que a

cozinheira garante, nunca falham no menu, seja qual for o dia da semana, como por exemplo, o arroz de pato, bacalhau com natas ou carne de porco à alentejana.

A restauração acabou por revelar-se o prato forte no percurso profissional de Carlos e São, a residir em Macau desde 1994. Ao fim de 11 anos à frente do Café Lisboa, a antiga empregada administrativa e o anteriormente funcionário público, com experiência prévia na restauração e no ramo do comércio e distribuição de produtos alimentares, prometem continuar por tantos ou mais anos no mesmo negócio. Afinal, em equipa que ganha não se mexe, como se diz popularmente.

NEGÓCIO NA CHINA E LOJA DE VINHOS NA TAIPA

JORGE VALENTE - LES MILLÉSIMES

O macaense Jorge Valente aliou-se a um sócio chinês a viver em Macau desde 1983 e a outro igualmente chinês, mas de Pequim, e inaugurou uma nova loja de vinhos na Taipa em Março deste ano. Macau é agora a plataforma principal do negócio de comércio de vinhos iniciado em Pequim há mais de cinco anos pelo sócio chinês e totalmente orientado para o mercado da China.

Tratou-se de associar o melhor que os três poderiam oferecer: os dois sócios e investidores tinham o conhecimento do mercado de vinhos europeus na China, experiência no negócio dos licores chineses em Macau e rede de contactos em Cantão. Juntou-se-lhes a componente lusófona proporcionada pelo director e porta-voz da empresa, Jorge Valente, ele mesmo também fluente em mandarim, cantonês, inglês e português.

A empresa, inicialmente focada em produtos franceses de gama alta, diversificou a oferta de vinhos, passando a incluir colheitas portuguesas e americanas. O objectivo é expandir o negócio “tanto verticalmente, para todas as gamas de preços, como, também, lateralmente, para haver variedade de escolha pelo consumidor”, explica Jorge Valente.



A opção por Macau enquanto quartel-general da empresa tornou-se óbvia pelas facilidades que a cidade oferece para fazer negócio. “Há muitas oportunidades, os custos são mais baixos, o regime fiscal é mais vantajoso. Por outro lado, há poder de compra. Só é preciso encontrar um produto atractivo, a procura faz-se por si mesma”, explica o empresário. Entretanto, até ao final do ano a Les Millésimes deverá inaugurar cinco *franchises* em Cantão. O conceito passa por abrir “lojas pequenas ao público com variedade grande de vinhos com bom valor qualidade - preço”. Questionado sobre a relevância de falar português no seio de um negócio orientado para o mercado chinês, Jorge Valente referiu que, neste contexto, mais importante do que falar

a língua é “saber tirar proveito das vantagens oferecidas, tanto pela cultura portuguesa como pela influência da lusofonia em geral”. Macaense com pai português, mãe macaense e avó chinesa, Jorge Valente acredita que “o ser português é muito bom para integrar sociedades multiculturais”. A cultura lusófona “é, à partida, mais inclusiva e tolerante” e sabe como integrar-se em sociedades distintas. “Nós, os macaenses, aqueles que sabem aproveitar bem a sua identidade, nunca estamos em desvantagem, quer na vida profissional quer na vida privada, seja a lidar com a cultura chinesa ou a anglo-saxónica”. Este aspecto é, sem dúvida, “uma vantagem numa sociedade multicultural como a de Macau”.



VINHOS BOUTIQUE COM SELO DE QUALIDADE

ANA E JOÃO TIQUE – PORTUGUESE TOPWINE

Exportar e promover vinhos portugueses tipo *boutique* para toda a Ásia em regime de exclusividade é a aposta de Ana e João Tique, em Macau desde 2008, ano em que foi fundada a empresa Portuguese TopWine, com sede em Portugal e escritórios e armazém em Macau. Pai e filha lideram no território a companhia portuguesa que se dedica à exportação e promoção no mercado asiático de uma selecção exclusiva de vinhos portugueses de gama média e alta de pequenos produtores.

Ana e João Tique decidiram criar a empresa a partir do momento em que, com base em conhecimentos adquiridos em contacto com enólogos e entusiastas do vinho em Portugal, identificaram uma oportunidade de negócio no comércio da bebida dos pequenos produtores. Os criadores de pequena dimensão são “aqueles que se esforçam mais para ter vinhos de qualidade mais baratos e que têm pouca capacidade financeira para vir para a Ásia”, explicam os gestores e directores da empresa.

A partir daí, Ana e João correram Portugal



de norte a sul “para analisar onde estava a qualidade, a consistência, o *design* e o *value for money* em condições que pudessemos investir, comprar, aplicar uma margem e continuar a ser interessante em termos da relação qualidade e preço na Ásia”, descreve João.

Em 2011, a empresa alargou o negócio de exportação de vinhos desses pequenos produtores para a distribuição, com a colocação do produto em pontos estratégicos como os casinos, restaurantes e cadeias de supermercado, e investindo no *marketing* e em eventos promocionais para que o produto mantenha uma imagem dinâmica no mercado local.

Investir na imagem é crucial porque a actual oferta de vinhos é muito vasta e a competição é grande. “Não basta que um vinho seja bom para que consiga ser vendido na Ásia. É preciso fazer chegar o produto ao cliente final e fidelizá-lo”, explica João. Nesse contexto, a empresa optou por criar um conceito que, por enquanto, é único

no ramo da venda de vinhos portugueses no mercado asiático.

Cada garrafa comercializada exhibe o selo de garantia de qualidade *Portuguese Topwine Selection*, que “é a base da comunicação da empresa com o público final”. Porque, explicam, “o cliente, independentemente do preço que está disposto a dar pela garrafa e do local onde ele esteja - quer seja num supermercado, quer seja num restaurante -, identifica este selo e sabe assim que é um produto que tem qualidade”.

A aposta no selo de qualidade enquanto estratégia de comunicação “tem obviamente dado bons resultados”, refere João. O empresário acrescenta que a distribuição em Macau tem sido excepcionalmente bem sucedida. “No prazo de um ano conseguimos ganhar uma fatia do mercado bastante significativa. Ao mesmo tempo, por conta do sucesso que temos tido em Macau, estamos a criar uma rede de pequenos distribuidores na China, em Hong Kong e Japão.”

COMÉRCIO DE ROUPAS E TURISMO NA "ILHA DA FANTASIA"

**PEDRO FERNANDO ROMERO DA SILVA –
PEROM MACAU LIMITADA**

Comércio de importação e exportação é o negócio do brasileiro Pedro Fernando Romero da Silva. Chegou a Macau em Agosto de 2011 para montar a Perom Macau Limitada, empresa que se tem dedicado à importação de vestuário, produtos químicos e maquinaria para construção de Cantão, Hebei e Xangai para o Brasil. O produto químico destina-se a fabricar um material, mais conhecido no Brasil pelos nomes comerciais, o isopor, e em Portugal por esferovite.

A Perom Macau realiza toda a assessoria para o cliente, estabelece os contactos, localiza o produto e despacha para o Brasil. Os clientes estão em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Pedro está, no entanto, interessado em alargar a empresa para outros ramos de negócio, nomeadamente a actividade turística. “O turismo é um nicho de mercado que sinto que tem oportunidade, o brasileiro tem dinheiro, gosta de jogar, viaja muito para Las Vegas e ainda não conhece Macau.”

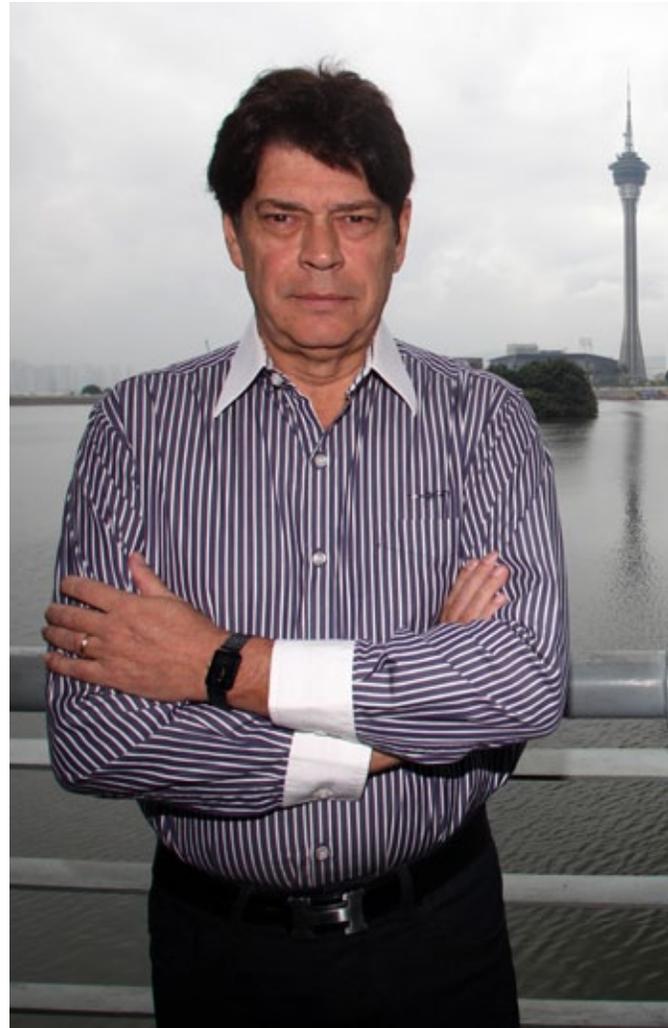
O empresário diz-se encantado com a cidade e vai descrevendo as suas vantagens e aspectos que mais o atraem. “Macau parece a ilha da fantasia, é uma cidade cercada pelo luxo.” Além disso, o território, devido ao passado de influência portuguesa, “tem mais a nossa cara, me senti muito bem aqui, me senti em casa”, explica entusiasmado.

Na área do turismo, pretende trazer “grupos de pessoas a Macau para conhecer os casinos, os hotéis e o entretenimento disponível na cidade”. Como o território é pequeno, a ideia será organizar excursões e levar os grupos de turistas brasileiros “à China, especialmente Cantão, e regressar para dormir nos hotéis em Macau”.

A relação do empresário com a China remonta a 2008 com a realização de viagens regulares a vários pontos do país no contexto da actividade

de importação e exportação. Antes foi proprietário durante 23 anos de uma fábrica de roupas em São Paulo. “Deixou de ser interessante fabricar roupa no Brasil”, explica Pedro. Com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio em 2001 e a liberalização do comércio internacional dos têxteis a partir de Janeiro de 2005, “o sector têxtil no Brasil ficou dilacerado”, explica Pedro, que teve então que encerrar a fábrica com 500 empregados. A opção foi entrar no negócio de importação da China de vestuário e bens de baixo custo.

Agora, estabelecido em Macau no comércio de importação e exportação, Pedro conta que o seu sonho é “viver por cá uns dez anos”. “Macau é muito gostoso, não tem violência, posso sair as onze horas da noite com a minha esposa e sentar ali na pracinha. Isso não se pode fazer no Brasil, de modo nenhum”. No aspecto da segurança, Macau “é o paraíso”. ●



BANCO NACIONAL

A CAPACIDADE DE SUPERAR

Durante mais de 100 anos o pai português da pataca, o Banco Nacional Ultramarino, tem mantido o passo em direcção ao crescimento económico para enfrentar a concorrência cada vez mais acesa em Macau. Modernizar e manter os clientes felizes são as principais metas traçadas pelo presidente da comissão executiva do banco, Pedro Cardoso

Texto **Filipa Queiroz** / *Macao Magazine*



AL ULTRAMARINO

‣ A pataca tem cumprido bem o seu papel e para esse papel muito tem contribuído o Banco Nacional Ultramarino [BNU]", diz Pedro Cardoso. Um ano volvido desde a nomeação para o cargo, encontrámo-nos com o presidente da comissão executiva do BNU numa das várias salas de reuniões da sede do banco, no interior do histórico edifício branco e cor-de-rosa na Avenida de Almeida Ribeiro, considerado actualmente um marco histórico da cidade. Falando sobre o passado, o presente e o futuro, Cardoso não hesita em dizer que a moeda de Macau está bem estabelecida, bem como o banco emissor.

O BNU foi criado em Lisboa em 1864. O objectivo inicial era o de servir de banco emissor nos territórios ultramarinos portugueses, e contribuir para o seu desenvolvimento económico. A sucursal de Macau foi inaugurada em 1902, tal como a da Guiné-Bissau, logo depois de Angola, Cabo Verde, São Tomé, Goa e Moçambique. As primeiras notas de uma e

cinco patacas aparecem em 1905. Mas 110 anos mais tarde, depois de ser nacionalizado e de se tornar uma subsidiária integral da Caixa Geral de Depósitos em 2001, o banco mantém-se apenas na agora chamada Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

"Ao longo da vida de Macau desde essa altura, sempre com momentos bons e menos bons, nomeadamente toda aquela fase da Guerra Sino-Japonesa e da II Guerra Mundial, foi muito importante o apoio dado pelo BNU ao Governo de Macau", lembra Cardoso. Foi o primeiro banco a emitir cartões de crédito denominados em patacas, o cartão BNU MOP Visa. "Eu diria que para além do importantíssimo papel que teve no domínio da promoção da pataca, destacaria todo o apoio dado, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, no domínio do desenvolvimento da indústria da manufactura, fosse ela dos têxteis, brinquedos ou outras áreas." O presidente também enfatiza o papel do banco no financiamento dos empresários locais,



* Carmo Correia

* Pedro Cardoso, presidente da Comissão Executiva do BNU

o financiamento da construção dos principais projectos de infra-estruturas da cidade e, por último mas não menos importante, o desenvolvimento da indústria do jogo, especialmente depois do processo de liberalização.

"O BNU esteve no financiamento dos principais projectos e tem hoje em dia com essas entidades um relacionamento bastante estreito, que se traduz nos mais diferentes tipos de prestação de serviços", explica. "Desde as caixas automáticos (ATM), terminais de pagamento automático, gestão financeira, e outras áreas."

DESAFIO ESPECIAL

"Eu já tive a oportunidade de trabalhar em várias instituições bancárias e variadíssimas áreas em quatro países e devo dizer que esta tem sido a experiência mais gratificante, pelo menos nestes primeiros 12 meses", confessa o presidente da comissão executiva. Cardoso começou a carreira no Banco Pinto & Sotto Mayor, onde trabalhou no departamento internacional, juntando-se depois a um projecto do Banco Comercial Português (BCP), onde também trabalhou na área de mercado de capitais internacionais, planeamento e marketing. Em 1996 foi convidado para o primeiro desafio profissional fora de Portugal, tornando-se vice-gerente da Agência do Banco Comercial Português em Nova Iorque.

Regressado a Portugal, três anos depois, Pedro Cardoso continuou o trabalho no BCP, assumindo vários cargos. Em 2004 aceitou gerir o Banco Best online, uma estrutura de propriedade múltipla que compreendia um dos maiores grupos económicos portugueses, o Grupo Banco Espírito Santo. Finalmente um ano depois integrou a administração de outra instituição bancária, a Caixa Geral de Depósitos (CGD). Primeiro em Espanha, onde permaneceu durante vários anos com diferentes responsabilidades; depois em Portugal, a convite do ministro das Finanças na época, para integrar o quadro da administração.

No ano passado, Pedro Cardoso foi nomeado o novo presidente da comissão executiva do BNU em Macau, sucedendo a Artur Santos. Um desafio que considera particularmente gratificante porque lhe deu a oportunidade de "vir para um território que não só está numa fase de crescimento económico muito acentuado, mas igualmente por ser uma área particularmente



multicultural". Apesar de estar "muito bem implementado" no território, e "particularmente bem aceite pela generalidade da população e autoridades", Cardoso acredita que o banco precisava de uma mudança. Precisava de se modernizar e preparar para caminhar a um ritmo compatível com o crescimento da economia, e do próprio sector bancário de Macau.

A ESTRATÉGIA

"É simples", atira Pedro Cardoso. "É diferenciar o BNU da concorrência através da qualidade de prestação de serviços." O presidente da comissão executiva diz que o único foco de atenção do banco é o cliente e, portanto, apresentar um nível de serviço e abordagem impecáveis. Na sucursal da Avenida de Almeida Ribeiro já é possível ver a diferença. Há um novo sistema de fila de espera automático, com uma área designada para os clientes aguardarem sentados, e novos escritórios individuais à disposição para tratar de questões de gestão de conta.

O número de clientes do BNU também tem aumentado. Em Dezembro de 2012, tinha cerca de 180 mil, mais oito por cento do que no ano passado. Como Pedro Cardoso explica, o BNU tem cerca de 30 por cento da população de Macau como cliente individual. A esmagadora maioria é chinesa, seguida da comunidade portuguesa e do cada vez maior número de residentes naturais de países como os Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia, além dos residentes de outros países asiáticos como o Vietname e as Filipinas.

O banco tem 14 agências em Macau e 430 funcionários. De acordo com o presidente da comissão executiva, a aposta passa por treiná-los de forma a passarem da melhor forma aos clientes as valências dos produtos e serviços. O sentido de responsabilidade social, garante, vai ser mantido. Dando continuidade ao apoio a instituições como a Tung Sin Tong e estudantes da Universidade de Macau, bem como a outros sectores como o desporto e a cultura.

ECONOMIA



|| O BNU esteve no financiamento dos principais projectos e tem hoje em dia com essas entidades um relacionamento bastante estreito, que se traduz nos mais diferentes tipos de prestação de serviços"

O BNU aborda o mercado de forma segmentada, através de quatro áreas de negócio: uma dirigida às grandes empresas, que compreende as principais operadoras de jogo e empresas de serviços públicos de Macau; um novo segmento que está a ser desenvolvido a um ritmo bastante acelerado que é o das pequenas e médias empresas; a banca de particulares - este ano, o banco lançou o novo serviço BNU Advantage destinado a apoiar e prestar serviços aos clientes que precisam de ter um gerente de conta dedicado; e, por último, uma área de banca privada para os clientes institucionais de elevado património.

Além de Macau, a subsidiária da CGD tem um escritório de representação em Xangai, outro na Índia e uma sucursal em Zhuhai. Pedro Cardoso diz que o banco tem perspectivas de estabilidade a longo prazo sem depender apenas da tradição e do passado, mas em termos de perspectivas futuras. Segundo ele, a crise económica global não é uma ameaça. "O Grupo CGD está presente em 23 países, a grande maioria dos quais passa neste momento por uma acentuada fase de crescimento económico. Não se trata apenas do caso do BNU, mas também das diversas entidades que operam em diversos países." E acrescenta: "Obviamente que o BNU tem um papel muito importante nesta fase, assim como as diferentes entidades do grupo CGD, tanto em termos de resultados como em termos de volume de negócio".

PERSPECTIVAS FUTURAS

Contratado por três anos é dentro desse prazo que Pedro Cardoso pensa "que o processo de transformação do BNU será realizado", mas

recusa-se a fazer prognósticos a longo prazo. "A minha carreira, a minha actividade profissional e vida pessoal têm-se sempre norteado em função de desafios e portanto não significa que estando no mesmo sítio não se possa ter outros desafios no futuro."

Em 2011, o banco registou um lucro de 325,3 milhões de patacas, uma queda ano a ano de 13 por cento. Os resultados do banco foram influenciados negativamente pela subida das provisões de crédito e uma queda nas margens de lucro, devido ao aumento da concorrência no mercado. Mesmo assim, registou um crescimento no volume de negócios que rondou os 13 por cento anuais. "Um crescimento muito equilibrado", nota. "É raro ver um crescimento equilibrado entre créditos a clientes e depósitos a clientes, portanto o crescimento foi exactamente igual de um lado e de outro do balanço do banco. Contrariamente ao que tem sido nos últimos anos o crescimento da banca em Macau, em que o aumento dos créditos é quase três vezes superior ao dos depósitos, e sobretudo este crescimento também contrasta com os dois anos anteriores, que foram anos de crescimento muito reduzido."

Se é verdade que a concorrência teve um efeito nefasto sobre os resultados a curto prazo, nomeadamente do Banco Industrial e Comercial da China (ICBC) e do Banco da China, o presidente da comissão executiva do BNU diz que a competição também consegue ser positiva. Significa ter de oferecer melhor serviço aos clientes, melhores preços e, ao mesmo tempo, obrigar ao desenvolvimento de competências. "É sempre uma fonte permanente de estímulo à nossa capacidade de superação." ●

A HISTÓRIA INCOMUM DA AFIRMAÇÃO DA PATAÇA

O lugar da pataca como moeda oficial de Macau não suscita hoje quaisquer interrogações, mas nem sempre foi assim. A criação de um sistema monetário estável foi um processo atribulado, mesmo depois de a pataca ter entrado em circulação em 1906, com o estatuto oficial de única moeda legal no território

Texto *Macao Magazine* | Fotos José Goulão



BANCO

NACIONAL ULTRAMARINO

1
AVO

UM AVO

壹仙

Nº 930453

Handwritten signature

壹仙

GENUINE

ECONOMIA

No final do século XIX, a economia de Macau funcionava com base no valor da prata - não necessariamente em moedas, mas em barra, a peso para as transações mais importantes - e na circulação de uma variedade de moedas locais e regionais tendo como referência sempre o equivalente em prata.

Entre essas moedas que faziam funcionar a economia quotidiana da cidade, e que geravam alguma confusão devido à diversidade de denominações e de valores, estavam os dólares de Hong Kong; os certificados de pagamento das possessões britânicas da região do estreito de Malaca, que viriam a transformar-se nos dólares de Singapura; uma variedade de moedas

correntes da Província de Guangdong; e uma moeda de prata de oito reais cunhada pelo império espanhol - a famosa “peça de oito”, imortalizada nas histórias de piratas por fazer parte da carga de muitos galeões que atravessavam o Oceano Atlântico. A utilização da “peça de oito” era generalizada por todo o Extremo Oriente e era conhecida pelos portugueses como a “pataca mexicana”.

Foi desta “pataca mexicana” que derivou o nome da que viria a ser a moeda oficial de Macau. Mas a designação pataca já era comum desde o final século XVII para identificar as moedas de outras possessões ultramarinas portuguesas. No Brasil, por exemplo, a pataca foi uma moeda de prata



em várias denominações que circulou entre 1695 a 1834, inicialmente cunhada em Portugal e enviada para a colônia sul-americana, mas que passou depois a ser cunhada no Brasil, nas casas da moeda de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em Timor (hoje Timor-Leste), a pataca foi a moeda da colônia portuguesa entre 1894 e 1959, excepto no período compreendido entre 1942 e 1945, durante a ocupação japonesa na Segunda Guerra Mundial.

Em 1901, o governo de Portugal, numa tentativa de estabelecer um ordenamento do sistema monetário de Macau, decidiu criar uma moeda própria para o território e atribuiu ao Banco Nacional Ultramarino (BNU) – que

hoje faz parte do banco público Caixa Geral de Depósitos e apenas em Macau mantém a designação original – direitos exclusivos para fazer emissões de papel-moeda com a designação oficial de “patacas”.

Com a atribuição da competência de banco emissor para Macau, o BNU - criado em 1864 como banco emissor para as colônias portuguesas da época - abriu portas em 1902 na Avenida Almeida Ribeiro, na época a principal artéria da cidade, depois de já ter instalado filiais em Angola e Cabo Verde, em 1865; em São Tomé e Príncipe e na Índia, em 1868, e Moçambique, em 1877. Depois de Macau, o BNU abriu ainda dependências na Guiné em 1903, e em Timor em 1912.

Depois da abertura de agências nas então colônias portuguesas em África e no Oriente, o BNU deu início, a partir de 1917, à criação de uma rede de dependências no Continente, Madeira e Açores. As primeiras notas emitidas pelo BNU de Macau – com as denominações de uma, cinco, dez, 20, 25, 50 e 100 patacas – foram colocadas em circulação em 27 de Janeiro de 1906 e a nova moeda declarada a única de circulação legal em Macau, com o câmbio oficial de uma pataca igual 450 réis (unidade de moeda da monarquia portuguesa).

As notas desta primeira emissão – que ficou conhecida nos arquivos do BNU como a “emissão Antiga-Simples” - foram impressas em Londres, na casa Barclay & Fry, Ltd., e apresentavam as assinaturas impressas do Governador e Vice-Governador do BNU e a assinatura manuscrita do gerente da filial de Macau da agência. O papel utilizado era de fraca qualidade e só as notas de 100 patacas apresentavam marca de água.

Colocar em letra de lei o estatuto da pataca como única moeda legal em Macau e fazer uma emissão de notas revelou-se longe de ser suficiente para mudar o sistema monetário local e fazer a nova moeda ser aceite nas lojas, fábricas, armazéns, botequins, casas de câmbio e nas ruas da cidade. Não seria fácil convencer a população a abandonar os velhos hábitos monetários e a adoptar o dinheiro em papel. As novas notas levantaram todo o tipo de suspeitas e eram rapidamente trocadas por moedas de prata a um câmbio bastante desvalorizado.



Num relatório de 1914, o gerente do BNU em Macau dava conta das dificuldades da pataca para se afirmar como moeda de utilização geral, ao referir que os próprios funcionários públicos se apressavam a trocar para moedas de prata os salários pagos em patacas

As transacções do dia-a-dia acabavam por se processarem como sempre: com a variedade de moedas tradicionais a manter-se em circulação, apesar dos decretos oficiais. A nova moeda era utilizada apenas para pagamentos de taxas oficiais, impostos e despesas, como facturas de electricidade.

Num relatório de 1914, o gerente do BNU em Macau dava conta das dificuldades da pataca para se afirmar como moeda de utilização geral, ao referir que os próprios funcionários públicos se apressavam a trocar para moedas de prata os salários pagos em patacas. Além das moedas de prata, a recém-criada pataca enfrentou também, durante as suas primeiras décadas de existência, a concorrência dos certificados de depósito tradicionais chineses – os pangtan – denominados em moedas de prata, emitidos por bancos privados e cambistas locais contra a entrega de prata e que eram aceites como notas, transferíveis e convertíveis no valor correspondente em prata. Os pangtan mantiveram-se em circulação como moeda de facto até 1944, quando foram proibidos e quando a legislação local proibiu também a circulação de quaisquer outras moedas para além da pataca.

CERTIFICADOS PARA OS TEMPOS DE GUERRA

Um dos episódios mais invulgares da história monetária de Macau – uma emissão local de “certificados” para substituírem as notas habituais – resultou das circunstâncias excepcionais em que o território viveu durante a Segunda Guerra Mundial e a ocupação japonesa da China e de grande parte da Ásia.

A neutralidade de Portugal na guerra resultou em

que Macau escapasse a uma ocupação japonesa efectiva – apesar de o comandante da guarnição japonesa que ocupava uma ilha chinesa vizinha se ter instalado na região – mas deixou a cidade praticamente isolada, transformando-a num ponto de neutralidade numa Ásia ocupada e em guerra. Os efeitos da invasão japonesa na China, que se iniciou em 1931 na Manchúria, começaram a sentir-se em Macau em 1937, com um grande afluxo de refugiados e ao mesmo tempo uma progressiva quebra de circulação de divisas estrangeiras, que o governo local recolhia e utilizava para pagamento de importações. A guerra impossibilitava também o envio para o território de emissões de papel-moeda a partir de Portugal. Uma dessas remessas de notas de patacas ficou retida em Moçambique e só viria a ser colocada em circulação em Macau em Novembro de 1945, meses depois do fim da guerra. Face à situação, os responsáveis da época decretaram a constituição de uma reserva, ordenando às tesourarias oficiais que guardassem toda a prata e todas as divisas estrangeiras que entrassem nos cofres oficiais. Em 1944, após repetidos pedidos do governador de Macau, Gabriel Maurício Teixeira, o então Ministério das Colónias português autorizou a filial de Macau do BNU a emitir “certificados” como “moeda privativa da Colónia, do valor nominal a estabelecer pelo governador de Macau”. Os certificados foram à partida definidos como uma solução provisória, ficando estipulado que saíam de circulação logo que o restabelecimento de comunicações voltasse a tornar possível o abastecimento do território com notas.

A “moeda privativa” foi impressa em papel



de fabrico local. Na impossibilidade de serem produzidas as chapas metálicas utilizadas para a impressão das emissões normais de papel-moeda, eram usados dois blocos de calcário com cerca de 35 quilos cada um, numa espécie de pedra litográfica. Essa emissão de moeda obrigou a medidas de segurança excepcionais para evitar fraudes e falsificações, o que acabou por se converter numa prova de resistência física para os responsáveis da época.

A estipulação oficial foi de que os certificados teriam de apresentar a assinatura manuscrita e original do director dos Serviços de Finanças e do gerente da filial do BNU, Carlos Eugénio de Vasconcelos, que num relatório para a sede em Lisboa referiu que durante meses teve de assinar uma média de entre 1500 e 2000 certificados por dia e que houve dias em que o número de assinaturas, com caneta de aparo, chegou a 5000. As medidas excepcionais de segurança aplicaram-se também aos trabalhadores da empresa de litografia, que passaram a comer e a dormir no local de trabalho sob vigilância de soldados destacados pelo governo enquanto decorria a impressão dos certificados. Durante as pausas nos trabalhos de impressão, as pedras litográficas eram fechadas numa sala guardada por um militar português.

Apesar de todos os cuidados, rapidamente surgiram em circulação em Macau falsificações dos certificados. A maioria dessas falsificações era grosseira e facilmente identificável, mas outras foram descobertas apenas porque não continham inscrições invisíveis a olho nu que foram incluídas nos certificados genuínos. As inscrições de segurança foram o verso de Luís de Camões “por mares nunca antes navegados”, o dito popular tradicional da Póvoa de Varzim “vai com Deus” e a letra grega Ómega. Emitidos nas denominações de cinco, dez, 25, 50, 100 e 500 patacas, os certificados tinham a data de emissão de 5 de Fevereiro de 1944 e manti-

veram-se em circulação até 1947.

Uma curiosidade da história da pataca é o facto de deixar de ter somente notas e passar a ter moedas apenas a partir de 1952, com a entrada em circulação de moedas de cinco, dez e 50 avos e de uma e cinco patacas, cunhadas em Lisboa na Casa da Moeda. A moeda de prata de cinco patacas cunhada nesse ano foi considerada pela Sociedade Internacional de Numismática como uma das grandes moedas históricas do mundo.

DOIS EMISSORES

A vida da pataca é indissociável do BNU, mas a partir de 1980 com a criação do Instituto Emissor de Macau, como entidade com o direito exclusivo da emissão de moeda em Macau, o BNU passou a ser banco agente do Governo de Macau e continuou a fazer emissões de notas. A partir de 16 de Outubro de 1995, mediante um acordo entre Portugal e a China, em preparação para a transferência da administração em 1999, a filial de Macau do Banco da China tornou-se

o segundo banco emissor, enquanto a entidade oficial responsável pelas emissões passou a ser a Autoridade Monetária de Macau.

As notas actualmente em circulação em Macau têm as denominações de dez, 20, 50, 100, 500 e 1000 patacas,

Colocar em letra de lei o estatuto da pataca como única moeda legal em Macau e fazer uma emissão de notas revelou-se longe de ser suficiente para mudar o sistema monetário local e fazer a nova moeda ser aceite nas lojas, fábricas, armazéns, botequins, casas de câmbio e nas ruas da cidade

sendo a emissão mais recente feita pelo BNU datada de 2005 e pelo Banco da China de 2003. Além das notas em circulação corrente, os dois bancos fizeram recentemente emissões comemorativas. Em 2008, o Banco da China emitiu quatro milhões de notas de 20 patacas para comemorar os Jogos Olímpicos de Pequim e em 2012 lançou notas de 100 patacas comemorativas do centenário do banco. Também em 2012, o BNU e o Banco da China lançaram ambos uma emissão de notas de dez patacas comemorativas do Ano do Dragão. Este ano, em comemorações do Ano da Cobra, ambos os bancos voltaram a lançar notas comemorativas.

Apesar de o estatuto da pataca como moeda oficial de Macau não ser posto em causa, o facto é que ainda hoje o dólar de Hong Kong é uma moeda de circulação generalizada, e em alguns casos – como por exemplo nos casinos – é preferencial, por ser uma moeda de circulação internacional estabelecida. Um decreto-lei de 1995 proíbe os comerciantes de Macau de recusarem pagamentos em patacas, mas nunca deixaram de ser frequentes casos em que a preferência pelo dólar de Hong Kong é explícita. A pequena dimensão geográfica e populacional de Macau e a comparativa pequena envergadura internacional da sua economia acabam por tornar a pataca uma moeda essencialmente local, de difícil utilização e conversão cambial fora das fronteiras da região administrativa especial. A pataca está cambialmente indexada ao dólar de Hong Kong (à taxa de cerca 103 patacas para 100 dólares de Hong Kong). Além do dólar de Hong Kong, a moeda da República Popular da China, o yuan, tem igualmente circulação generalizada em Macau.

A ÁRVORE DAS PATACAS

Para lá da existência oficial como moeda da RAEM, a pataca ainda marca presença na cultura popular de Portugal e do Brasil através da expressão “árvore das patacas”, para fazer

menção de dinheiro fácil. Mas a árvore das patacas existe de facto. É o nome popular dado no Brasil à *Dillenia indica*, uma árvore originária da Índia que pode alcançar uma altura de 40 metros. A associação da árvore ao dinheiro está, segundo o folclore brasileiro, ligada ao príncipe português D. Pedro, que declarou a independência do Brasil. A *Dillenia indica*, introduzida na América do Sul durante o reinado de D. João VI (1816-1826), responsável pela transferência da corte portuguesa para o Brasil, tem a particularidade de as pétalas se fecharem sobre o centro das flores para a formação do fruto, resultando que qualquer objecto colocado na flor da árvore acabe por ficar no interior do fruto. A lenda da árvore das patacas reza que D. Pedro terá colocado patacas brasileiras no interior das flores e terá enviado depois os frutos para Portugal com a mensagem “nesta terra o dinheiro até nasce nas árvores”.

Lendas à parte e mesmo não nascendo nas árvores, em Macau a pataca, apesar das dificuldades iniciais de afirmação e da sua dimensão essencialmente local, acabou por se tornar uma peça importante do edifício institucional, da identidade própria e da autonomia de Macau, antes como território administrado por Portugal e hoje como região administrativa especial da República Popular da China. ●



LENDAS, MITOS E HISTÓRIAS SOBRE A SERPENTE



MÁRCIA SCHMALTZ

Leitora e doutoranda em
Linguística da Universidade
de Macau

O Ano Lunar de 2013 inicia no dia 10 de Fevereiro e corresponde à serpente, sexto animal na ordem do zodíaco Chinês. Popularmente, os nativos desse signo (2001, 1989, 1977, 1965, 1953, 1941,...) são também chamados carinhosamente de “dragõezinhos” [小龙 xiǎo lóng]. Uma lenda narra que a serpente teria utilizado o ardil de parente mais próximo do dragão para ser classificada no sistema zodiacal. A astrologia chinesa caracteriza as pessoas do signo como inteligentes e racionais — dotadas de autocontrolo e vaidosas. O signo da serpente é representado pelo ramo terrestre 巳 [sì “serpente”] e governa o período entre as nove e 11 horas da manhã e o quarto mês do Ano Lunar.



A SERPENTE NA MITOLOGIA CHINESA

Desde os tempos mais remotos, a serpente está presente de forma marcante em mitos, lendas e fábulas chinesas. Provavelmente, por fazer parte do ecossistema da Ásia, os materiais arqueológicos encontrados indicam a cobra como um dos principais totens das tribos primitivas. Em *Shan 'haijing, O Livro da Natureza*, há vários registos de seres fantásticos, espécies mistas de serpente, dragão e humano. A tribo Xuanyuan [轩辕] do Imperador Amarelo [黃帝 *Huángdì*], o mítico ancestral chinês, possuía o totem de uma serpente com cabeça humana. Ainda hoje, a cobra é reverenciada por etnias minoritárias no Sul

e Sudeste da China, que realizam procissões em sua homenagem, no 15.º dia do primeiro mês lunar. As gravuras da dinastia Han (206 a.C.-220) retratam as figuras mitológicas de Fu Xi e de Nüwa com suas caudas entrelaçadas. O corpo de Fu Xi era coberto de escamas, enquanto Nüwa tinha cabeça de mulher e corpo de serpente. Nüwa é a deusa criadora dos homens. Diz o mito que a deusa do céu, Hua Xu, deu à luz gémeos. O bebé de sexo masculino foi chamado de Fu Xi, e o de sexo feminino, Nüwa. A deusa tinha um imenso poder, pois era capaz de mudar de forma mais de 70 vezes por dia. Pouco tempo depois de ocorrer a separação entre o Céu e a Terra, não existiam

ainda seres humanos. Nüwa pegou então um punhado de lama e moldou várias crianças à sua imagem e semelhança. Algum tempo depois, ela se cansou. Pegou então uma corda e a emplastou de lama. Balançou-a, em seguida, no céu. Os pingos de lama que caíram sobre a terra transformaram-se também em seres humanos. A partir desse momento, passaram a existir na terra diferentes classes sociais: os ricos, moldados pela própria Nüwa, e os pobres, feitos com os pingos de lama. No noroeste da China, existe uma montanha chamada Imperfeita, que ganhou este nome devido à fúria de Gonggong, o deus das águas, ao ser derrotado na guerra pelo Imperador Amarelo.

TRADIÇÕES CHINESAS

Impetuosamente, ele jogou-se contra a montanha, um dos pilares de sustentação do céu. A montanha desmoronou e arrebentou a corda que segurava a Terra. Logo, o céu se inclinou na direcção noroeste, e a Terra afundou na direcção sudeste, fazendo com que o sol e a lua nascessem no leste e se pusessem no oeste. Igualmente, os cursos dos rios foram desviados para o mar oriental, provocando uma grande inundação. Da grande fenda do céu, jorrou também água sem parar, provocando muitas mortes. Nüwa, vendo os seus filhos em tamanho apuro, sentiu um aperto no coração e decidiu salvá-los. Ela colheu pedras multicoloridas do fundo dos rios, acendeu o fogo e fundiu as pedras até que se tornassem uma substância pegajosa como cola, e a utilizou para remendar a fenda do céu. Como temesse que o céu despencasse outra vez, cortou as quatro patas de uma tartaruga marinha gigante para que servissem de pilares nos quatro cantos da Terra. Assim, o céu seria como um tecido cobrindo a Terra. O resultado de tudo isso foi que os seres humanos nunca mais precisaram ficar preocupados, com medo de que o céu tombasse sobre suas cabeças. Porém, o fato de o céu ter despencado provocou outras catástrofes. Na região de Ji, um dragão negro revolveu-se no rio, a fim de provocar inundações. Nüwa matou-o, aproveitando para dispersar as feras que ali existiam para bem longe dos humanos. Ela tinha ainda muita coisa

pela frente, pois as inundações haviam trazido muitas doenças. Nüwa queimou os juncos, reduzindo-os a cinza, e formou barragens para conter as águas. Apareceram, assim, os continentes, e neles os seres humanos construíram suas casas. Depois de todo esse trabalho, a paz voltou e a Terra prosperou, mas Nüwa, muito cansada, foi se deitar. O seu corpo desintegrou-se, transformando-se em muitos fragmentos, entre eles, dez deuses que guardam a inteligência e a genialidade. Nüwa é a deusa da fertilidade e representa a sociedade matriarcal na cultura chinesa. Na Rua das Estalagens em Macau existe um templo dedicado a ela. No 20.º dia do primeiro mês lunar é comemorado o aniversário de Nüwa [女媧 *Nóiwó*, em cantonês]. Os pequenos caracteres no lado direito da parte de fora da porta indicam

que o templo foi inaugurado em 1888, 14.º ano do reinado do imperador Guagxu, da dinastia Qing. Uma das peculiaridades do templo é a estátua da deusa esculpida em uma pedra vinda do espaço, comprada na Austrália e doada por fiéis de Hong Kong. A estátua representa a deusa a reparar o céu.





A SERPENTE E A AGRICULTURA

Um dito popular chinês diz que quando a andorinha voa baixo e a serpente sai da toca, é sinal da chuva que se aproxima. Dessa forma, a serpente foi divinizada devido ao seu pressuposto poder de presságio de inundação.

Com a introdução do Budismo na China, o dragão aparece em muitos sutras, livros sagrados budistas, que conferem ao ser mitológico a qualidade reguladora das águas e das nuvens. Dizem os folcloristas chineses que a serpente, como uma divindade de protecção ao clima, foi preterida gradativamente ao dragão. No entanto, observa-se que o corpo alongado e coberto de escamas do dragão chinês lembra-nos uma serpente, sugerindo a ocorrência de

sincretismo dos dois seres (Wang 1998: 42-46). O réptil passou a ser objecto de culto devido à serpente Naja gigante (conhecida por Naga) ter se postado atrás e acima da cabeça de Buda, para que os pingos da chuva não atrapalhassem sua meditação. A serpente na Medicina Tradicional Chinesa e na culinária Periodicamente, todas as serpentes mudam a sua camada exterior para sair uma pele mais flexível, mais nova, assim permitindo que elas cresçam. Este processo é chamado de ecdise e depois disto surgem escamas maiores e de cores mais vivas. Os chineses da Antiguidade, ao observarem a serpente se contorcendo para verter a pele sem medo da dor, associaram o fenómeno biológico ao renascimento. Inclusive, especularam sobre a sua imortalidade, uma lenda popular do condado Deqing em Cantão, conta o porquê da capacidade de rejuvenescimento da serpente. Há muito tempo os homens apenas precisavam plantar o arroz e, quando os grãos maturavam, não precisavam colhê-los, pois os talos repletos de arroz dirigiam-se sozinhos para a porta do seu proprietário. Naquela altura, homens e serpentes eram bons amigos e as suas únicas preocupações eram com o envelhecimento e a morte. Um dia, uma anciã e uma serpente conversavam às portas fechadas se havia maneiras de se evitar o fim. A serpente teve uma ideia e sugeriu de se livrarem

TRADIÇÕES CHINESAS



da pele para que nascesse uma camada externa nova e surtisse o efeito de rejuvenescimento. A velha senhora achou uma boa ideia, e as duas começaram a tentar a arrancar a pele do corpo.

A cobra escolheu um piso irregular e áspero para se contorcer e esfregar o seu corpo àquele chão. Apesar da dor, a serpente persistiu, até a pele verter-se por inteira. A velha senhora resolveu deitar-se sobre a cama, torcia-se sobre a esteira e a dor que sentia parecia-lhe insuportável. Apenas tinha saído a pele de sua fronte quando o arroz maduro veio bater à sua porta. Como ela não atendia, ele insistiu por várias vezes, a velha senhora gritou de dentro do quarto, impaciente:

— Daqui por diante não venha mais aqui, espere-me na lavoura para lhe colher. Obediente, o arroz voltou para os alagadiços e, a partir de então, nunca mais saiu de lá.

Depois, a anciã disse à serpente:

— Como é dorido mudar a pele, eu prefiro morrer a passar por esse sofrimento. Desse momento em diante, o ser humano quando velho parte para o céu; enquanto a serpente troca a pele a cada dois ou três meses e rejuvenesce.

À serpente também está relacionada a grande capacidade reprodutiva no imaginário chinês. No interior da Mongólia Interior, diz que um rapaz ao encontrar um casal de serpentes em cópula deve tapar as suas

Um dito popular chinês diz que quando a andorinha voa baixo e a serpente sai da toca, é sinal da chuva que se aproxima. Dessa forma, a serpente foi divinizada devido ao seu pressuposto poder de presságio de inundação

cabeças com um lenço, de forma a ficar com poderes mágicos para enfeitiçar a sua pretendente. Na Planície Central Chinesa, os antigos também conferiam importância à reprodução humana para o aumento da força produtiva às lidas da lavoura e acreditavam que, ao comer o ofídio, poderia aumentar e melhorar o ato de procriação. Esse hábito alimentar remonta ao período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C.) e permanece até os dias de hoje. Ao andar pelo interior da China, encontram-se aguardentes com a infusão de serpente e a sua carne é considerada como uma especiaria, muito apreciada em pratos tradicionais.

Liu Zongyuan (773-819), poeta confucionista e expoente na literatura chinesa da dinastia Tang (618-907), legou para a posteridade um dos mais belos registos e crítica à injustiça social do sistema vigente na altura: “O caçador de serpente” [捕蛇 *bū shé*]

Conta-se que no interior de Yongzhou, província de Henan, existia uma espécie de serpente listrada em preto e branco. Dizia-se que a víbora provocava a morte de qualquer ser vivo que a tocasse. O seu veneno era

mortal e não existia qualquer antídoto. Entretanto, a peçonhenta morta servia como princípio activo para fórmulas medicinais para o tratamento de hanseníase e úlceras, entre outras doenças. Da sua pele podia extrair-se essências para a eliminação de parasitas do corpo. Sendo a actividade de captura desse tipo de serpente muito perigosa, o médico real obteve autorização do imperador para isentar o pagamento de impostos a quem as apanhasse e as entregasse duas vezes ao ano ao palácio imperial.

Nessa localidade, existia uma família de apelido Jiang que tradicionalmente caçava essa espécie de cobra. A família já gozava há três gerações do benefício de isenção de impostos. Ao ser questionada sobre o seu sentimento em relação ao ofício, o Jiang relatou que tanto o avô como o pai tinham falecido durante a actividade do ofício. Ele já exercia essa profissão há 12 anos e, por pouco, não tinha caído também em desgraça. Sentindo muita comisseração pela tragédia de Jiang, Liu Zongyuan sugeriu-lhe mudar de ofício. Jiang, ao ouvir a oferta, agradeceu-lhe dizendo: — Você sugere isso por pena de mim? Pois, lhe digo que prefiro continuar

TRADIÇÕES CHINESAS

a exercer essa profissão desgraçada do que voltar a pagar impostos! Caso eu não fizesse isso, eu já teria morrido de tanto trabalhar. Eu e a minha família moramos aqui há 70 anos; entretanto, os meus vizinhos estão cada vez mais pobres devido ao fardo de impostos e, por mais que trabalhem, nunca é o suficiente para quitá-los. Os meus vizinhos que não morreram de fome fugiram para escapar da colecta de impostos; enquanto eu, devido à caça da serpente, sobrevivi e vou levando a vida. Pelo menos corro risco de vida apenas duas vezes ao ano. No *Compêndio de Ervas Mediciniais*, do século XV, há ainda uma série de indicações quanto ao poder de cura da serpente, que não descreveremos aqui, devido à limitação de espaço.

A PRESENÇA DA SERPENTE NA ESCRITA

A presença marcante da serpente pode ser observada no sistema de escrita chinesa. Nos primórdios, o réptil era designado por “ele” [它 *tā*], terceira pessoa impessoal, explica o *Dicionário Analítico de Caracteres Chineses* e complementa que, na Antiguidade, os moradores das montanhas costumavam cumprimentar-se com um “Encontrou ela [serpente]?” [无它乎? *wú tā hū*]. Essa saudação assemelha-se ao “já comeu?” [吃饭了没有? *chīfàn le méiyǒu?*] ou ao “como vai?” [你好吗? *nǐ hǎo ma?*], na China contemporânea. O ideograma de serpente nos dias de hoje é 蛇 [*shé*],





composta pelo radical “insecto e serpentes” [虫 *chóng*] e “ele” [它 *tā*].

A PRESENÇA DA SERPENTE NAS FÁBULAS

Na pesquisa bibliográfica, percebem-se diferentes sentidos impingidos à serpente na civilização do País do Meio. Registamos uma que se relaciona à desconfiança.

Uma fábula bastante conhecida é *Confundindo arco com cobra* [杯弓蛇影 *bēigōng-shéyǐng*], que se transformou num provérbio para descrever uma pessoa com excesso de preocupação e sem fundamento.

Chen era o chefe de um distrito no interior da província de Henan. No solstício de Verão, ele convidou o seu secretário Du Xuan para beber. Um arco vermelho estava pendurado na parede e a sombra reflectida no copo parecia a de uma cobra. Du Xuan ficou muito assustado e com medo de ofender o seu chefe nada disse, limitando-se a beber. No dia seguinte, Du Xuan caiu doente, com fortes dores no peito. Nada conseguiu comer e passou a noite em claro. Em apenas alguns dias, emagreceu muito. A sua família, vendo o seu estado, chamou os melhores médicos do distrito, mas nenhum deles conseguiu curá-lo. Chen ficou a saber do estado de saúde de Du Xuan, foi à sua casa e perguntou o que de facto tinha acontecido. Du Xuan respondeu:

— Quando estive na sua casa, vi dentro do copo uma cobra.

TRADIÇÕES CHINESAS

Eu fiquei com muito medo, mas mesmo assim, bebi tudo. O chefe de Du Xuan, entendendo a causa da sua doença, ficou pensativo.

— Como é que haveria uma cobra no copo que eu dei a ele? Se houvesse, eu também teria visto!

Chen foi para casa. Por mais que pensasse, não conseguia decifrar o enigma. Ele sentou-se no lugar onde estivera

Du Xuan e mandou trazer um copo de vinho. Naquele momento, ele ergueu a cabeça e viu o arco pendurado na parede, reflectindo uma sombra na forma de uma cobra. Imediatamente compreendeu o que tinha acontecido.

Chen mandou chamar

Du Xuan e pediu que ele ocupasse o mesmo lugar da outra vez. Quando o vinho foi servido, ele apontou para o copo de Du Xuan e disse:

— A cobra que você viu da outra vez é a mesma que aparece agora no seu copo, não é mesmo? Preste bastante atenção e vai perceber que é a sombra do meu arco, pendurado na parede!

Du Xuan recuperou a saúde.

A PRESENÇA DA SERPENTE NOS PROVÉRBIOS

Há ditos que comparam a serpente à insaciabilidade. Qu Yuan (340-278 a.C.), o patriota do reino de Chu, relaciona a serpente à ambição expansionista do reino de Qin: “Qual o

tamanho de uma serpente que engole um elefante?” [一蛇吞象，厥大何如? *yī shé tūn xiàng, jué dà hérú*]. No *Livro dos Reinos* [《国语》*Guóyǔ*], a ameaça e o perigo estão relacionados à serpente como uma referência implícita ao soberano do reino de Zhao capturado pelo reino de Wu.

O seu ministro adverte o rei que “há de se eliminar a víbora enquanto é pequena” [

为虺弗摧，为蛇若何 *wèi huī fū cuī, wèi shé ruòhé*]. Em português, há um provérbio semelhante que diz: “quem o seu inimigo poupa, às mãos lhe morre”. No livro do reino de Qi em *Estratégias dos Reinos Combatentes* [《战国策》*Zhàn Guó Cè*], um provérbio diz: “se a serpente



não possui pés, por que adicionar?” [蛇固无足，子安能为知足 *shé gù wú zú, zǐ ān néng wéi zhī zú*], ou seja, não invente coisas onde não existem, conhecido no chinês moderno como “desenhar pernas em serpente” [画蛇添足 *huàshé-tiānzú*].

Um dos *Trinta e Seis Estratagemas* [三十六计 *sānshíliù jì*] é “remexer a mata para ativar a serpente” [打草惊蛇 *dǎcǎo-jīngshé*]. Em português temos provérbios semelhantes, como “não levantes a lebre que outrem leve” ou “quem pássaro há de tomar, não o há de enxotar”. O provérbio adverte para não despertar a atenção do adversário para apanhá-lo desprevenido. No entanto, também existe a interpretação de provocar o inimigo para que saia do abrigo e atacá-lo de tocaia.

Descrever algo como “cabeça de tigre, cauda de serpente” [虎头蛇尾 *hǔtóu-shéwěi*] refere-se a começar com grande entusiasmo e terminar com frouxidão, equivalente

Ao andar pelo interior da China, encontram-se aguardentes com a infusão de serpente e a sua carne é considerada como uma especiaria, muito apreciada em pratos tradicionais

ao dito português “entradas de leão e saídas de cão”. O folclorista Wang aponta outro significado, de acordo com os registos históricos, que serve para descrever uma pessoa que na frente elogia e fala mal pelas costas (1998: 210).

A PRESENÇA DA SERPENTE NA LITERATURA

O leitor ao ler até aqui pode ter ficado com uma impressão de nocividade da serpente, mas não é bem assim. O drama épico *A lenda da cobra branca* [《白蛇传》*Bái shé zhuàn*], é uma das óperas mais românticas chinesas. A serpente alva dá provas de amor incondicional e capaz de tudo para salvar o seu amado, tendo ao seu lado a leal serpente verde.

A peça inspirada no folclore popular conta que um jovem chamado Xu Xian possuía uma pequena cobra branca de estimação até que os seus pais forçaram-no a livrar-se dela. Anos passaram e durante uma violenta tempestade a serpente, que na verdade

tratava-se de um espírito com poderes mágicos, transforma-se na bela Bai Suzhen. Bai Suzhen parte ao encontro de Xu Xian, por quem havia se apaixonado, acompanhada da sua criada Xiao

Qing, também um espírito de serpente evoluído. O encontro dos dois ocorre ao

se protegerem da chuva, na Ponte Quebrada do Lago Oeste em Hangzhou, e se casam imediatamente. O monge local, Fahai, que é capaz de sentir a presença de seres sobrenaturais por meio do seu bojo encantado, acredita que Bai Suzhen é um espírito maligno que roubou um elixir mágico e decide separar os dois jovens. No dia do duplo cinco, o monge procura Xu Xian e insinua-lhe a beber com a sua esposa. Bai Suzhen ao sorver o destilado revela a sua forma original, e Xu Xian morre de susto ao ver a serpente branca. Bai luta contra guardiões celestiais para roubar uma erva mágica que o salvará. Recuperado, ele foge. O monge Fahai acolhe Xu Xian no seu templo e mantém-no como prisioneiro. Bai, com a ajuda de Xiao Qing, utiliza os seus poderes mágicos para ter o amado de volta a seu lado, mas é derrotada. Ao inundar toda a região em que se localiza o templo, ela prejudica todos os seres vivos, e os deuses ajudam o monge Fahai a captura-la e aprisiona-a sob a Torre Leifeng. Bai Suzhen após dar a luz entrega o filho para Xu Xian criar. Depois de adulto, o filho libertará a mãe da prisão e a família finalmente fica reunida. *A Lenda da Cobra Branca* é ovacionada pelo público há séculos e constitui-se mais uma prova do sentimento dúbio de encantamento e medo pela serpente. A personagem Bai Suzhen reúne tradicionais virtudes femininas à personalidade heróica e mágica, um tanto

TRADIÇÕES CHINESAS

contraditória à imagem da mulher chinesa, enquanto a serpente verde, Xiao Qing, chama a atenção pela sua lealdade incondicional à Bai.

ENFIM,

Essas linhas traçaram um panorama da simbologia envolvida no ano da serpente.

Deixo aos leitores os meus votos de felicitação ao Ano Novo Chinês, especialmente dedicada aos nativos de serpente, na cantiga:

Vaidoso, andas sempre todo ajeitado

Por isso, todos se encantam por ti

Dizem que és astuto e charmoso

Mas não têm a coragem de te elogiar

No fundo tens bom coração — mas se mexer contigo — não fazes cerimónia.

Muitos falam de ti, mas és incompreendido.

Se gostem ou não de ti, continuas a ser o mesmo:

Detestas invernos rigorosos

Adoras guardar segredos

Discrição — é a tua palavra-chave

Ages sem deixar rastros

Às vezes, perturbas, outras vezes, és incomodado

Não és de meter foice na seara alheia e segues o teu caminho.

恭喜发财 – Próspero Ano Novo! ●





Bibliografia

Capparelli, Sérgio;
Schmaltz, Márcia (2007) *50 Fábulas da China Fabulosa*.
Porto Alegre: L&PM.

Eberhard, Wolfram
(2000) *A Dictionary of Chinese Symbols*. Londres:
Routledge.

He, Xingliang (1991)
《图腾文化与人类诸文化的起源》 [*A cultura do totem e a origem da civilização*].
Beijing: Zhongguo Wenlian.

Schmaltz, Márcia;
Capparelli, Sérgio (2010)
Contos Sobrenaturais Chineses. Porto Alegre:
L&PM.

Shan'haijing [*O livro da natureza*] (2007) Haikou:
Nanhai Chubanshe.

Simão, Jorge Rodrigues
“Amanhã, sábado, celebra-se o aniversário da deusa Nu Wa”, in *Hoje Macau* dia 10 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://hojemacau.com.mo/?p=28702>, acessado em 8 de Dezembro de 2012.

Tao, Yang; Zhong
Xiubian (1990) 《中国神话》 [*Mitologia Chinesa*].
Shanghai: Shanghai Wenyi.

Wang, Chong (1990) 《论衡》 [*Sobre a balança*]. Yuan
Huanzhong (glosa). Guizhou:
Guizhou Renmin chubanshe.

Wang, Xun (1998)
《腾蛇乘雾》 [*A serpente na neblina*]. Série cultura zodiacal Chinesa. Beijing:
Academia Chinesa de Ciências Sociais.

ALMANAQUE 2013

ANO DA SERPENTE

DE ÁGUA

Texto **Luís Ortet**

No calendário chinês os anos são definidos pela combinação de dez “caules celestes” com 12 “ramos terrestres”. Assim, 2013, a partir do dia 4 de Fevereiro, será um ano *gui-si* 癸巳, isto é, definido pela combinação do caule celeste *gui* 癸 (que representa o elemento água, na sua versão *yin*) com o ramo terrestre *si* 巳, que corresponde ao signo da Serpente (ou Cobra), e contém em si os elementos fogo (predominante), metal e terra. O ano de 2013 será, portanto, um ano “Serpente de água”. Note-se que, ao contrário de convicção comum, os anos astrológicos começam sempre no dia 4 (ou 5) de Fevereiro. Esse é, segundo o calendário solar Xia, também conhecido como “calendário do agricultor”, o dia do *li chun* 立春, ou seja, do “estabelecimento da Primavera”. O mesmo dia marca o início do mês *yin* 寅, ou seja, o mês do Tigre, que abre sempre o ano, seja qual for o signo que domine esse ano. Ao passo que o dia em que se assinala a festividade do Ano Novo Chinês (que será, este ano, a 10 de Fevereiro) é apenas o primeiro dia do primeiro mês lunar, razão por que é uma data móvel. Indica apenas o começo do ano lunar, mas não do ano astrológico, que segue o calendário Xia, que é solar. Há quem tente associar os eventos do ano à simbologia do caule celeste e do ramo terrestre (ou seja, do signo zodiacal) correspondentes. Assim, os futuros eventos dominantes de 2013 teriam de alguma forma a ver com a simbologia do signo da Serpente. A serpente (ou cobra) enrola-se sobre si própria e permanece imóvel, transmitindo uma mensagem, por vezes fatalmente errada, de passividade e inofensividade. Ora, apontam os crentes, foi o que aconteceu nos ataques a Pearl Harbor, em 1941, e às torres gémeas do World Trade Center, em Nova Iorque, em 2001. Ambos os anos foram dominados pela Serpente, um signo tipicamente traiçoeiro.

Quando abandona a sua “letargia” enganadora, a Serpente é rápida, inesperada e devastadora. A sua capacidade de esconder as suas intenções é também proverbial e está associada a actividades conspirativas. Também tem a ver com o sentido estratégico, isto é, o trabalho da inteligência e da visão de longo prazo. Por isso pessoas nascidas sob o signo da Serpente são consideradas bons estrategas. Finalmente, o movimento agressivo e eficiente da sua língua bífida significa a capacidade de argumentação e as batalhas de retórica.

Mas os astrólogos chineses

— os que seguem os métodos tradicionais dos livros antigos - preferem basear a sua análise na conjuntura dos cinco elementos, uma doutrina que também serve de base à medicina tradicional chinesa, às artes marciais, ao *feng shui* e a outros sistemas adivinhatórios da tradição chinesa.

Nas suas previsões para 2013, a partir de 4 de Fevereiro, o astrólogo Raymond Lo de Hong Kong, realça o facto de se tratar de um ano em que os elementos dominantes estão em conflito, pois, de acordo com os ciclos naturais, a água tende a controlar (“apagar”) o fogo. Mas felizmente o elemento água em causa é a água *yin* (feminina), representada pela gentil gota de orvalho, pelo que Raymond Lo espera um ano menos conflituoso em comparação com 1941, 1989 e 2001, todos eles anos de elementos desavindos. Mas ainda assim, um ano conflituoso. ●

1941 (ano *xin si* 辛巳) *elementos em conflito, pois o fogo tende a destruir ("derreter") o metal (*xin* 辛 é o metal na sua versão *yin*)

- A Alemanha de Hitler invade, com pesadas baixas, a União Soviética mas o ataque a Moscovo é repellido. É o princípio do fim do projecto nazi
- As forças japonesas atacam de surpresa Pearl Harbor, no Havai, impondo uma inesperada derrota aos americanos

1953 (ano *gui si* 癸巳) *elementos em conflito, pois a água (*gui* 癸) tende a "apagar" o fogo (da Serpente). Mas, como em 2013, trata-se de um conflito suavizado

- Morre José Estaline, que foi secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética
- Nelson Mandela e Fidel Castro são presos
- Estado de emergência em Berlim Oriental
- Descoberta do ADN

1965 (ano *yi si* 乙巳)

- Nos Estados Unidos, os negros passam a ter o direito de votar
- Intensificação do conflito no Vietname, mas opinião pública americana está contra o conflito
- Líderes políticos brancos declaram a independência na Rodésia do Sul
- Astronautas (da União Soviética e dos Estados Unidos) "passeiam no espaço"

1977 (ano *ding si* 丁巳)

- Pior desastre aéreo da história, nas Canárias, causando 600 mortos. Também em Portugal, acidente no aeroporto da Madeira
- Terrorismo urbano muito activo na Europa, com o assassinato de figuras públicas

1989 (ano *ji si* 己巳)

- Ano dominado pela implosão política dos países do Bloco de Leste, até então controlado pela União Soviética. É desmantelado o Muro de Berlim
- Nelson Mandela é libertado
- Incidentes na Praça de Tiananmen, em Pequim

2001 (ano *xin si* 辛巳) *elementos em conflito, pois o fogo tende a destruir ("derreter") o metal (*xin* é o metal na sua versão *yin*)

- Os acontecimentos do 11 de Setembro, nos Estados Unidos da América



RATO

1948 1960 1972 1984 1996

UM ANO PARA DESCANSAR

Como não há nenhuma relação especial entre o signo do Rato e a Serpente, que é o signo de 2013, as previsões dos almanaques para os próximos 12 meses são relativamente neutras.

Como sobreviventes que são por natureza os Ratos poderão tornar-se pouco criativos quando não têm de se esconder do perigo ou seduzir o sucesso.

Mas por outro, como comenta Peter So, “isso não é necessariamente uma coisa má”. Toda a gente precisa - explicita o astrólogo - de fazer uma pausa e observar, com alguma distância, o que vem sendo feito e a situação em geral.

Se tivermos em conta a circulação da energia universal, *qi*, há uma sugestão evidente. A “energia” do Rato (o elemento Água), tende a controlar o Fogo da Serpente. Isso sugere aos nativos do Rato a necessidade de serem muito específicos na definição dos seus objectivos. Os planos para 2013 não devem ser vagos (como “ter uma vida melhor”), mas sim muito concretos, com datas, nomes e números. Só assim as suas vidas serão produtivas.

Um ano mais para o calmo, com vantagens e desvantagens.

AMOR ++
TRABALHO ++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++

Jogam às escondidas com os problemas e a adversidade e assim sobrevivem. Mas agora é importante definir com precisão os objectivos pessoais



BÚFALO

1949 1961 1973 1985 1997

UMA CAMINHADA SEGURA

A nota dominante para 2013 é a estabilidade. Tudo vai depender dos esforços pessoais e da inteligência com que os nativos deste signo encararem os próximos meses.

O Búfalo privilegia a caminhada lenta e estável pela vida fora. Neste ano da Serpente, a energia universal *qi* circula da Serpente (elemento Fogo) para o Búfalo (elemento Terra). Isso significa a protecção por parte de pessoas poderosas, mas também a predisposição para a preguiça.

O mais importante, contudo, lembram os astrólogos, são as potencialidades que o ano encerra, dado os dois signos em causa pertencerem à mesma família. Os Búfalos sentir-se-ão “no seu elemento”, pelo que poderão realizar progressos assinaláveis. Mas se não se esforçarem, nada acontecerá.

O seu maior trunfo será o seu bom relacionamento com outras pessoas. Isso beneficiará a vida familiar mas também a vida profissional. O que for tentado de forma metódica e persistente dará os resultados pretendidos. Pessoas poderosas estarão dispostas a ajudá-los.

AMOR +++
TRABALHO ++++
DINHEIRO ++
SAÚDE +++

O trabalho e o esforço são importantes, mas as amizades e as alianças têm uma palavra a dizer no caminho para o sucesso e a felicidade



TIGRE

1950 1962 1974 1986 1998

MAIS PACIÊNCIA DO QUE FORÇA

Ter uma grande dificuldade ou um poderoso inimigo pela frente não são propriamente um problema para os felinos Tigres. Eles concentram as suas energias, lançam-se e lutam, como gostam.

Mas desta vez, neste ano da Serpente, as dificuldades que tendem a encontrar serão um bocado mais subtis e de ordem mais subjectiva. São pessoas que os invejam e usam a arma da intriga e são os pequenos conflitos pessoais e discussões frequentes, que acabam por desgastar.

O que têm a fazer perante este cenário? Aconselha Peter So que devem contar com essa possibilidade e “manter-se flexíveis, resolvendo os problemas à medida que eles forem aparecendo”. Ou seja, não vale a pena tentar remar contra a maré.

Aliás, a presença de algumas “estrelas” positivas durante 2013 sugere a ajuda útil de pessoas poderosas. Seja como for, insiste Peter So, “faça o seu trabalho bem, sem pensar em recompensas”, que tudo o mais se resolverá de forma natural.

O campo sentimental e familiar exigirá um esforço extra para manter os relacionamentos em paz.

AMOR +
TRABALHO ++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++

O Tigre, na sua versão “gato”, que esconde o seu poder sob um manto de passividade, saberá tirar melhor partido deste ano da Serpente



COELHO

1939 1951 1963 1975 1987

SAINDO DA TOCA

Trata-se de um ano relativamente neutro, isto é, sem “influências” num sentido claramente positivo ou claramente negativo. Quando muito poder-se-á dizer que a tónica será ligeiramente positiva.

O grande trunfo dos Coelhos é a sua capacidade instintiva de gerir a sua própria vulnerabilidade (ou melhor, a sua imagem de vulnerabilidade). Potenciais inimigos consideram-nos demasiado inofensivos para se darem ao trabalho de os incomodar.

O lado negativo é, assim protegidos pela sua própria atitude, facilmente se limitarem a um estilo de vida pouco ambicioso, reconfortados na sua “toca”. Deste modo as suas potencialidades ficarão por explorar. A boa notícia é que vão atravessar um “ano de mobilidade”, o que promete viagens e mudanças de vária ordem. Assim, devem receber de braços abertos todas as oportunidades para se deslocarem ou promoverem alterações no ambiente em que vivem. Por outro lado, há que ter em atenção que a energia universal qi circula do Coelho (Madeira) para a Serpente (Fogo), o que significa que os nativos do primeiro signo devem agir e mostrar aos outros as suas capacidades.

AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++

Os Coelhos conseguem, sem esforço e sem luta, aquilo que outros, mais voluntariosos, não conseguem pela força. A boa sorte também ajuda



DRAGÃO

1940 1952 1964 1976 1988

UM VOO APAIXONADO

Diz Peter So que os primeiros quatro meses do ano da Serpente (até Maio de 2013) podem ainda estar sob os efeitos da conjuntura do ano do Dragão (2012), um período mais ou menos trepidante para os nativos desse mesmo signo. Portanto, por exemplo em termos de relacionamentos, devem manter uma atitude atenta e cuidadosa nessa fase inicial do ano.

Mas o tom dominante de 2013 é claramente positivo e deve-se à presença da “estrela” Felicidade Celestial, cujo nome diz quase tudo.

Os relacionamentos tendem a estar na agenda do dia pela positiva, sobretudo para os solteiros ou os que acabam de iniciar uma nova relação. Para os casados, poderá haver uma boa notícia para a família, rezam os almanaques.

Bons prognósticos também para a carreira profissional, área em que a capacidade de estabelecer relacionamentos positivos estará igualmente em evidência.

O sonho do Dragão é voar, fazendo jus à simbologia associada ao seu mito. Isso significa a superação da realidade, sobretudo da sua vertente quotidiana e corriqueira. Os sonhos do Dragão são excessivos e apaixonados – e aí reside a sua riqueza.

AMOR ++++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE +++

Com o seu sopro, o mítico dragão desfaz e reforma nuvens. À sua semelhança, os nativos do Dragão deixam um rasto da sua passagem pela vida



SERPENTE

1941 1953 1965 1977 1989

ANO DE MOBILIDADE E TENSÃO

Há a tentação de considerar que para os nativos da Serpente o ano da Serpente é positivo. Seria como “estar em casa”, consequentemente mantendo os acontecimentos sob controlo.

Mas, para a tradição chinesa, quando se repete o signo do ano de nascimento, há “energias” que por serem da mesma natureza entram em “competição” com as “energias” do nascimento. Portanto, poderá ser um ano algo desconfortável, por exemplo por sobrecarga de trabalho e muitos pequenos conflitos a gerir.

A maneira de “dar a volta” ao destino, segundo os astrólogos, é promover-se um evento positivo, do género: um casamento, uma viagem ao estrangeiro, o nascimento de uma criança ou a compra de um apartamento. Isso impedirá – acredita-se - que aconteçam coisas negativas, segundo o princípio de que “um acontecimento alegre previne a concretização de três acontecimentos negativos”. No fundo, trata-se de alterar a evolução dos acontecimentos através de uma tónica positiva na acção.

Por outro lado, haverá uma tónica de mudanças e mobilidade, incluindo viagens e alterações nas condições de trabalho.

AMOR ++
TRABALHO ++
DINHEIRO ++++
SAÚDE +

Diz-se que a magia que os rodeia faz deles as mulheres e os homens mais poderosos, e “fatais”. Quando passam à acção, tudo pode acontecer



CAVALO

1942 1954 1966 1978 1990

PELOS CAMPOS FORA

O signo do Cavalo representa a mais espontânea expressão das energias naturais. Os corações dos nascidos sob a sua égide apaixonam-se todos os dias e a toda a hora, e essa é a sua maneira natural de encarar a vida.

Tudo o resto depende de saber se as circunstâncias condizem com essa predisposição. No que diz respeito a 2013, a generalidade dos almanaques chineses prognostica um ano luzidio e apaixonado. Por um lado, a estrela simbólica O Sol brilhará e os seus raios chegarão longe. Isso significa que as ações dos nascidos sob o Cavalo terão um alcance mais longínquo e poderão mesmo chegar a “terras distantes”, tanto metaforicamente como em termos reais.

Por outro lado, a “estrela” O Sol (cujo nome também pode ser traduzido como O Grande Yang) significa que as pessoas do sexo masculino terão um papel privilegiado na vida dos nativos do Cavalo.

Uma outra “estrela” introduz um lado fortemente romântico ao ano. Os nativos do Cavalo andarão mais atraentes do que o habitual, e conseguirão arrastar os outros.

AMOR +++++
TRABALHO +++++
DINHEIRO +++++
SAÚDE +++++

Dizem os almanaques, que neste ano da Serpente, o Sol brilhará para os nascidos sob o Cavalo e que os seus raios mostrarão “terras distantes”



CABRA

1943 1955 1967 1979 1991

CONTAR COM AS PRÓPRIAS FORÇAS

O quadro geral do ano para os nascidos sob a Cabra tem uma tônica bastante neutra. Nem há nenhuma relação espacial entre a Cabra e o signo do ano, a Serpente, nem há “estrelas” positivas ou negativas que mereçam uma referência especial.

Pode então perguntar-se o que devem os nativos do signo esperar do ano de 2013, dominado pela Serpente. Se é verdade que podem contar com alguma estabilidade, o que lhes permitirá conservar o que têm de bom nas suas vidas, também é verdade que não podem nem devem contar com a sorte. No campo dos relacionamentos, por exemplo, não é provável que surja uma relação verdadeiramente significativa na vida dos que, vivendo sozinhos, vêm esperando que “alguém” apareça.

Na vida profissional, há oportunidades em perspectiva, mas a astróloga Mak Ling Ling recomenda que os nativos da Cabra evitem dar demasiado nas vistas.

Finalmente há que ter em conta o sentido da circulação da energia universal *qi*. Esta move-se da Serpente (Fogo) em direcção à Cabra, o que significa Acção. Os nativos da Cabra acompanharão os ritmos universais se tomarem a iniciativa e mostrarem os seus talentos.

AMOR +
TRABALHO +++++
DINHEIRO ++
SAÚDE +++

Diz-se que os nativos da Cabra conseguem viver com pouco, resistindo bem à adversidade. Mas essa qualidade pode dar lugar à falta de ambição



MACACO

1944 1956 1968 1980 1992

SEPARANDO O TRIGO DO JOIO

“Desenrascados” por excelência, os nativos do Macaco vão ter de recorrer às suas habilidades para se desenvencilharem da conjuntura que encontrarão pela frente. É que a relação do Macaco com a Serpente é ao mesmo tempo boa e má. A grande arte estará em conseguir beneficiar do lado bom e proteger-se do lado mau.

Terão, segundo o astrólogo Peter So, pessoas que tudo farão para os ajudar. E pessoas que, de uma forma determinada, quererão prejudicá-los. Por um lado, os dois signos em causa formam um “casal” no Zodíaco chinês. Isto significa uma afinidade especial entre as “energias” correspondentes, o que se traduz na predisposição para encontrarem parceiros certos, seja no amor ou no trabalho. Também pode significar uma grande oportunidade. Ao mesmo tempo, os dois signos causam um ao outro uma espécie de irritação mútua, que se pode traduzir por inimizades ou conflitos persistentes, difíceis de explicar. Assim sintetiza Peter So: “No fundo tudo se resume em saber quem é seu amigo e quem é seu inimigo. Aproxime-se dos primeiros e evite os segundos. Assim tudo voltará ao seu lugar, sem esforço.”

AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE +

Dotados de uma grande capacidade de improvisação e diplomacia, não há problema que os nascidos sob o Macaco não consigam resolver



GALO

1945 1957 1969 1981 1993

NO POLEIRO

Os nativos do Galo tendem a sentir-se “no seu elemento” durante 2013 e devem procurar tirar partido disso. O Galo e a Serpente pertencem a uma mesma família de signos. Na verdade, o Búfalo, a Serpente e o Galo formam no Zodíaco chinês o triângulo do elemento Metal.

O ano poderá não ser particularmente romântico (por exemplo, não promete grandes notícias para os solteiros) mas a capacidade de se entenderem com os outros, em qualquer campo, estará acima da média. As suas “redes” de relacionamento funcionarão no seu melhor, mas é importante que haja um esforço concreto no sentido de tirar partido dessas mesmas redes. Bem, a este respeito os Galos estão mesmo no seu elemento, uma vez que é na vida social que melhor se sentem realizados.

Por outro lado será um ano de poder e de progresso na carreira profissional. Podem ser promovidos ou chamados a uma missão de grande responsabilidade. Numa palavra um ano para o progresso e para se tentar ir um pouco além da zona de conforto e das rotinas. Avançar para ele sem ambições seria um desperdício.

AMOR ++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++

Os nascidos sob o Galo buscam sempre a perfeição. Esse espírito exigente ajuda-os a rentabilizar as oportunidades deste ano da Serpente



CÃO

1946 1958 1970 1982 1994

TEMPO PARA AMAR

Diz a crença popular que os nativos do Cão privilegiam acima de tudo as relações humanas. Ora, a influência mais importante deste ano da Serpente tem a ver exactamente com o relacionamento com os outros. E tendo em conta a existência de “estrelas auspiciosas” na carta astrológica, o Cão será um dos signos mais beneficiados do próximo ano.

A pedra de toque será uma maior atractividade das suas personalidades e a facilidade com que conseguirão entender-se com pessoas que passarão a desempenhar um papel importante nas suas vidas.

O amor será, naturalmente, um dos sectores mais favorecidos, sobretudo para os solteiros. Será muito fácil o início de uma nova relação sentimental.

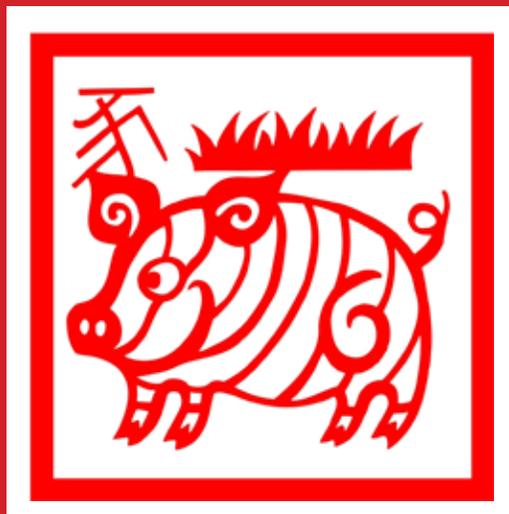
Enquanto o casamento e as relações previamente existentes poderão ser consolidados.

Mas essa atitude de maior empatia e simpatia com os outros poderá beneficiar outras áreas da vida, desde a simples amizade até à vida profissional e ao encontro de bons parceiros para os negócios.

No que diz respeito especificamente à carreira profissional, as previsões dos almanaques são aliás bastante positivas.

AMOR +++++
TRABALHO +++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++

O seu grande trunfo para o sucesso é a intuição (isto é, o faro canino). Assim separam o trigo do joio, o que interessa do que não vale a pena



PORCO

1947 1959 1971 1983 1995

ANO DE REVIRAVOLTA

A Serpente e o Porco ocupam lugares opostos no Zodíaco chinês. Isso significa que os nativos deste signo estarão submetidos a um “choque de energias”.

Para os nascidos sob o signo do Porco, 2013 tende a ser um ano rico em notícias. As coisas não correm como habitualmente, as contradições que até agora estavam camufladas, vêm à superfície.

Devido a esse “choque de energias”, há a tendência para considerar que este ano será negativo.

Mas na verdade tudo depende do estado prévio em que as pessoas se encontrem. Se estiverem numa fase muito boa, poderá significar que os problemas começarão a surgir, já que, para quem está muito bem, qualquer mudança tende a não ser boa notícia. Mas para os que têm vindo a realizar a sua “travessia do deserto”, o ano da Serpente poderá ter uma tónica positiva, exactamente porque haverá mudanças.

Acima de tudo os nativos do Porco não devem esperar que 2013 seja “um ano como os outros”. Muito provavelmente não o será. Pelo contrário, haverá movimento, incluindo a probabilidade de viagens e mudanças de local de residência ou de trabalho.

AMOR ++
TRABALHO +++
DINHEIRO +
SAÚDE ++

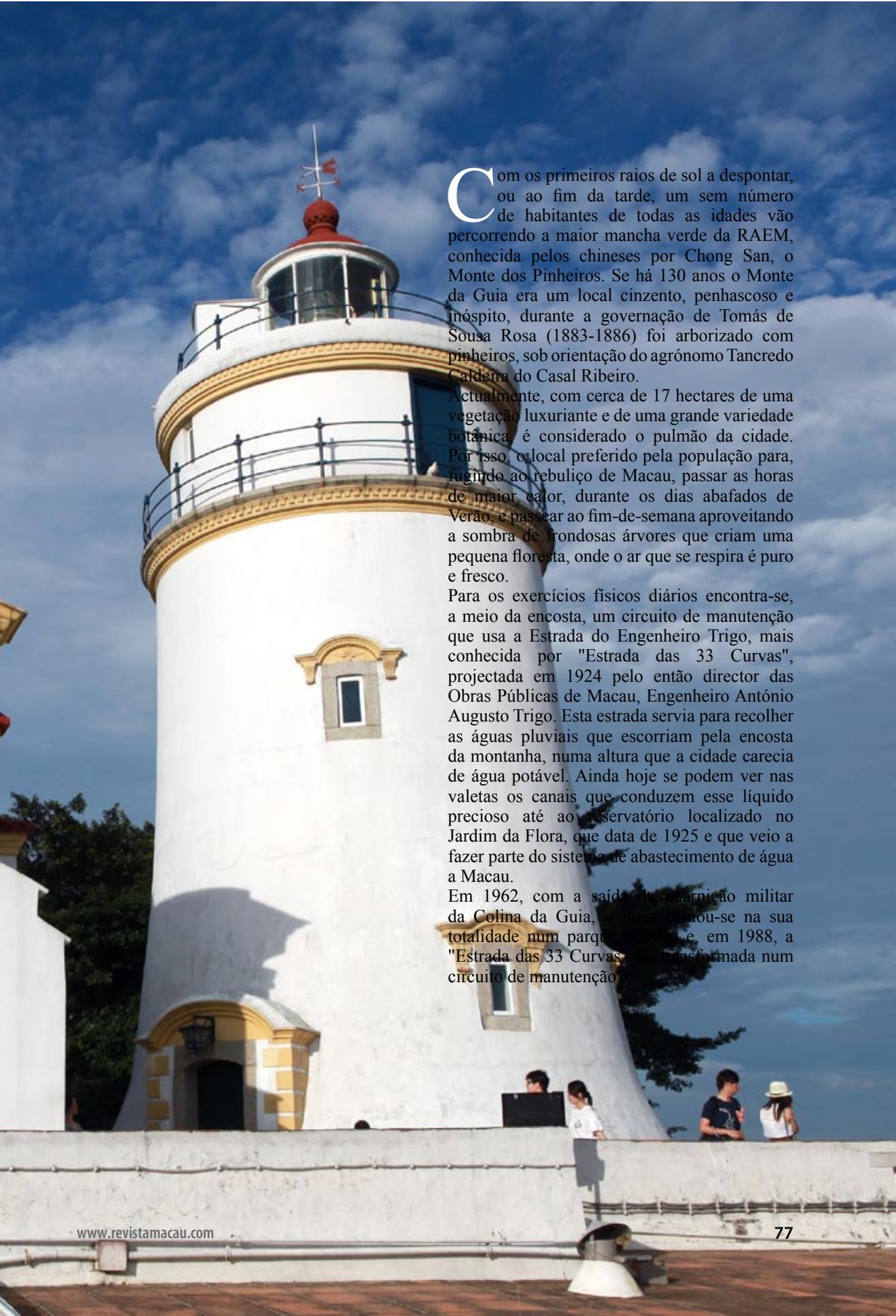
Há a tendência para considerar que só a estabilidade é desejável. Mas também é importante saber gerir as mudanças que se avizinham

MONTE DA GUIA, O PULMÃO DA CIDADE

A colina mais alta da península de Macau empresta o seu nome à pista onde se disputa o Grande Prémio e, além de um circuito de manutenção, tem no seu cume uma fortaleza, em cujo interior foi construído o primeiro farol da costa sul da China

Texto e fotos **José Simões Morais**





Com os primeiros raios de sol a despontar, ou ao fim da tarde, um sem número de habitantes de todas as idades vão percorrendo a maior mancha verde da RAEM, conhecida pelos chineses por Chong San, o Monte dos Pinheiros. Se há 130 anos o Monte da Guia era um local cinzento, penhascoso e inóspito, durante a governação de Tomás de Sousa Rosa (1883-1886) foi arborizado com pinheiros, sob orientação do agrónomo Tancredo Caldera do Casal Ribeiro.

Actualmente, com cerca de 17 hectares de uma vegetação luxuriante e de uma grande variedade botânica, é considerado o pulmão da cidade. Por isso, o local preferido pela população para, fugindo ao rebuliço de Macau, passar as horas de maior calor, durante os dias abafados de Verão, e passear ao fim-de-semana aproveitando a sombra de frondosas árvores que criam uma pequena floresta, onde o ar que se respira é puro e fresco.

Para os exercícios físicos diários encontra-se, a meio da encosta, um circuito de manutenção que usa a Estrada do Engenheiro Trigo, mais conhecida por "Estrada das 33 Curvas", projectada em 1924 pelo então director das Obras Públicas de Macau, Engenheiro António Augusto Trigo. Esta estrada servia para recolher as águas pluviais que escorriam pela encosta da montanha, numa altura que a cidade carecia de água potável. Ainda hoje se podem ver nas valetas os canais que conduzem esse líquido precioso até ao reservatório localizado no Jardim da Flora, que data de 1925 e que veio a fazer parte do sistema de abastecimento de água a Macau.

Em 1962, com a saída da guarnição militar da Colina da Guia, foi inaugurado na sua totalidade um parque desportivo e, em 1988, a "Estrada das 33 Curvas" foi transformada num circuito de manutenção.



A CAPELA E A FORTALEZA DA GUIA

O Monte da Guia começa junto à antiga praia de Cacilhas e daí estende-se para sul, subindo lentamente até terminar abruptamente numa escarpa, de frente para a Colina de S. Jerónimos, ou, como é hoje conhecida, de São Januário. A Ermida de Nossa Senhora da Guia, referenciada já em 1622 aquando do ataque dos holandeses à cidade de Macau, está situada no ponto mais alto do Monte da Guia.

A 24 de Junho de 1622, dia de São João Baptista, os holandeses desembarcaram na praia de Cacilhas e marcharam para se apoderar da cidade, encontrando pelo caminho pequenos focos de resistência por parte dos habitantes de Macau. Num golpe feliz, uma bala disparada da fortaleza do Monte, que estava ainda em construção, acertou em cheio no barco da pólvora do invasor, fazendo-o explodir.

Os holandeses em pânico, numa tentativa de reorganizarem a ofensiva, tentaram ganhar a Colina da Guia, mas um pequeno grupo de habitantes desbaratou os 800 mosqueteiros e estes, fugindo da península em debandada,

deixaram muitos mortos no monte, na praia e afogados no mar.

Após esta estrondosa vitória, os chineses permitiram aos portugueses fortificarem a cidade de Macau. Segundo refere o capitão Eduardo Lourenço no *Jornal Único*, a edilidade local iniciou, em 1622, a construção de uma fortaleza e de uma ermida, ambas sob a invocação da Senhora da Guia. Mas segundo o padre Manuel Teixeira, a ermida terá sido construída ainda antes, em 1560, e foi custeada por dois portugueses, enquanto no local da fortaleza existia já uma bateria de canhões demolida por Manuel da Câmara de Noronha, capitão geral de Macau entre 1631 e 1636.

Quando o seu irmão, Domingos da Câmara de Noronha, lhe sucedeu como capitão geral da cidade (1636-1638), a fortaleza foi construída. Tal complementa a inscrição da pedra que se encontra à entrada da fortaleza, que adita ainda ter esta sido edificada entre Setembro de 1637 e Março de 1638 à custa da própria cidade pelo capitão de Artilharia António Ribeiro.

Em 1808, as tropas britânicas ocuparam a



Sem alterações até 1865, a fortaleza foi ligeiramente ampliada, sofrendo ao longo dos tempos modificações

fortaleza, cujo traçado era de um quadrilátero irregular com uns 700 metros quadrados de área, que se encontrava fora da muralha que guardava a cidade cristã. Sem alterações até 1865, a fortaleza foi ligeiramente ampliada, sofrendo ao longo dos tempos modificações. Abrigava no seu interior a ermida, a casa do comandante, um quartel, uma cisterna de água e das suas quatro torres de vigia, hoje apenas existem duas feitas de betão, que não são as originais.

Por volta dos anos 1930, foi construído um complexo sistema de túneis, paióis e abrigos. Essas quatro vias subterrâneas, com um comprimento a variar entre 47 e 456 metros, foram concebidas pelo alferes Cunha. Sem ligações entre si, davam acesso às baterias, fortaleza e ao quartel, formando uma rede de defesa militar.

Actualmente encerrados por medidas de segurança, apenas o túnel de 52 metros por debaixo da fortaleza pode ser visitado. Com entrada pela parte norte, onde numa tabuleta se pode ler "Salão de Exposições do Abrigo Aéreo da Colina da Guia" e o ano de 1931, nele

se encontra em exposição o gerador e a sala de descanso. Esta fortificação serviu como ponto de observação da chegada de navios, ou da aproximação de tufões.

O FAROL DA GUIA

Dentro da fortaleza existe uma pequena capela com o mesmo nome, onde no lado esquerdo, está um pequeno campanário com um sino. "Este sino era usado para dar horas e para avisar a cidade da aproximação de quaisquer navios. No lado direito da capela fica o famoso Farol da Guia, a primeira construção do género a ser edificada na costa da China", refere o arquitecto Jorge Graça. Instalado em 1865, durante o governo de José Rodrigues Coelho do Amaral, o projecto do farol é da autoria do macaense Carlos Vicente da Rocha.

No ponto mais alto do Monte da Guia, o farol com uma forma octogonal media da base à cúpula 13,5 metros e foi custeado pela comunidade estrangeira de Macau, sendo o maior contribuinte o comerciante da Rua Central H.D. Margesson. Carlos Vicente da Rocha foi

PATRIMÓNIO



também o autor do engenhoso maquinismo que funcionava com um candeeiro de petróleo.

A partir de 24 de Setembro de 1865, a elevação da luz emitida do farol era de 101,5 metros acima do nível do mar nas mais altas marés de tempo calmo e podia ser vista, à noite e com céu limpo, a 20 milhas. A lanterna era vermelha e a luz branca e rotatória fazia um giro completo em 64 segundos.

Dez anos mais tarde foi o próprio Carlos Vicente da Rocha que mandou disparar os tiros para assinalar a aproximação de um grande tufão. Esse tufão, um dos mais fortes que Macau registou, passou pela cidade no dia 22 de Setembro de 1874, causando avarias no sistema de luz e grandes estragos na torre do farol. Enquanto era reconstruído, foi mandado erguer na plataforma da Fortaleza da Guia um farol provisório de madeira, aproveitando a antiga maquinaria de iluminação.

Em 29 de Junho de 1910, este farol deu lugar a um outro, com uma aparelhagem moderna de rotação vinda de Paris. A torre, com 14,5 metros, passou a ser circular e no topo está um aparelho luminoso de terceira ordem, com uma distância focal de 0,375 metros. A intensidade de luz tem um alcance de 25 milhas, sendo a sua altura sobre o nível do mar de 105,7 metros. Na base, a torre tem um diâmetro de sete metros e é feita de alvenaria grosseira, com reboco de estuque e caiado. As coordenadas de Macau foram feitas a partir da localização do farol, 22° 11' norte na latitude e 113° 33' este de longitude.

No compartimento de entrada da fortaleza encontra-se toda a sinalização para ser hasteada quando é preciso anunciar aos habitantes o tipo de tempestade que se aproxima de Macau. No mastro, situado na parte sul da fortaleza, vão sendo colocados os diferentes sinais que anunciam, ao momento, o grau de tempestade. Desde Julho de 2005, o Farol da Guia está incluído na lista dos monumentos do Centro Histórico de Macau, classificado como Património da Humanidade pela UNESCO.

A parte oriental da Colina da Guia, com um íngreme declive, era banhada pelo mar até 1921, altura em que começaram os trabalhos de aterro do Porto Exterior

AS ENTRADAS DO PARQUE

A parte oriental da Colina da Guia, com um íngreme declive, era banhada pelo mar até 1921, altura em que começaram os trabalhos de aterro do Porto Exterior, inaugurado em Agosto de 1926. Em 1954, criou-se um traçado para o Grande Prémio de Macau e, com o Monte da Guia na paisagem, a via ficou a ser chamada de Circuito da Guia. A pista usa os terrenos conquistados ao mar e, na parte leste do monte, um pouco mais abaixo da “Estrada das 33 curvas”, situa-se a Estrada de Cacilhas, conhecida também como Estrada da Solidão, por ter existido na margem esquerda uma fonte com esse nome.

Na parte ocidental, com uma inclinação menos acentuada, encontram-se os dois únicos locais de acesso ao Monte da Guia. A noroeste do sopé da encosta, o jardim da Flora tem ligação por escadas ao Parque Municipal da Colina da Guia e, desde 1997, é também possível subir e descer por um teleférico. Este, logo à entrada do jardim que é feita pela Avenida Sidónio Pais, leva até ao anfiteatro construído nos anos 1980 por cima do reservatório de água, tendo na parte superior uma parede em betão decorada pelo escultor David de Almeida. A outra entrada do Parque Municipal situa-se a sul e é feita tanto pela Rampa do Padre Vasconcelos, que parte da Estrada de Cacilhas, como pela Estrada do Engenheiro Trigo, que serve de continuação da Estrada dos Parses, para quem vem da Colina de São Januário.

As coordenadas de Macau foram feitas a partir da localização do farol, 22° 11' norte na latitude e 113° 33' este de longitude

Embrenhados no parque encontramos um pavilhão construído em 1949 pela Associação Comercial Chinesa, em homenagem ao comandante Albano Rodrigues de Oliveira, governador de Macau entre 1947 e 1951. Por estar a meio da encosta, chama-se *Pun San T'eng* em chinês. Do lado oposto da colina, a Associação construiu um outro pavilhão também em homenagem ao mesmo governador. Em 1965 foi descoberto um túmulo de um mandarim militar na parte noroeste da Colina da Guia. Voltamos à capela dentro da fortaleza para admirar os frescos que durante muito tempo estiveram escondidos pelo caiado e desde 1996 foram trazidas à luz do dia. Após deixar o parque, descemos até à praça do Tap Seac, onde observamos a encosta verde da Colina da Guia encimada pela fortaleza e o farol, complementada pelo desenho da entrada do antigo Hotel Estoril. ●







MENINOS DAS FAVELAS SAGRAM-SE CAMPEÕES NA CHINA

São adolescentes que vivem em favelas brasileiras e encontraram no futebol um escape para a tentação do dinheiro fácil do tráfico de drogas. Em Pequim, jogaram à bola como gente grande e inspiraram as autoridades chinesas a investir no desporto como forma de equilibrar diferenças sociais

Texto **Vera Penêda**, em Pequim

DESPORTO

“A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) acalmou o bairro e já não tem mais bandido não, só policiamento. Todo mundo fica na rua brincando, futebol na quadra; é melhor que virar traficante na rua”, conta Luiz Gabriel, de 14 anos, um dos jogadores da equipa da Escola de Futebol Zico 10, que vive na Providência, uma das favelas no Rio de Janeiro, Brasil. “O meu pai morreu há vários anos, a minha mãe não queria deixar o vinho”, continua Gabriel que vive com a tia-avó e nunca imaginou vir a jogar futebol do outro lado do mundo, na China. Gabriel e outros 17 jovens jogadores da Escola de Futebol Zico 10 saíram do Brasil, andaram de avião e comeram com pauzinhos pela primeira vez na vida em Pequim. Os meninos viajaram até à China para participarem na terceira edição do Torneio da Grande Muralha (The Great Wall Cup - GWC), durante o Verão, no Centro Desportivo 26 Graus, na capital chinesa.

O GWC é um torneio de futebol para adolescentes entre os 11 e os 18 anos que combina futebol e cultura, numa competição que promove a integração e o desportivismo. O torneio pretende ser uma incubadora de talento jovem e um palco de exposição internacional ao mesmo tempo que treina crianças para serem jogadores e cidadãos virtuosos dentro e fora do campo. Um total de 22 equipas, incluindo nove estrangeiras de cinco países diferentes – Austrália, Brasil, Japão, Rússia, Tailândia e Tanzânia -, participaram no único torneio de futebol de carácter internacional juvenil realizado anualmente na China.

A equipa da Escola de Futebol Zico 10 regressou ao Rio com uma taça na bagagem, depois de vencer o Torneio da Grande Muralha 2012 na categoria sub-15, sem qualquer derrota nos cinco jogos que disputou. Os jovens embaixadores brasileiros são a prova viva da forma como o Rio está a apostar no futebol como força motora de paz, educação e desenvolvimento social, na recta final para o Campeonato Mundial de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016. O exemplo da Escola Projecto Zico 10 inspirou a China, que pondera agora investir no futebol como forma de equilibrar diferenças sociais, ao estilo brasileiro.



Os jovens embaixadores brasileiros são a prova viva da forma como o Rio de Janeiro está a apostar no futebol como força motora de paz, educação e desenvolvimento social



FÉ NA BOLA

“A escola de futebol é um projecto bom que tira crianças das ruas para educar, para levá-las para um caminho bom”, refere Matheus Barbosa, de 14 anos, que vive na Cidade de Deus, a favela popularizada através do filme com o mesmo nome. Barbosa vai à escola de manhã, uma das condições para jogar futebol na Escola de Futebol do Zico 10, onde o jovem treina duas horas por dia durante a tarde. O jovem foi um de apenas dois privilegiados que regressaram à China, depois da instituição ter participado no mesmo torneio pela primeira vez no ano passado. Da primeira visita ao Império do Meio, Barbosa recorda a Grande Muralha, mas não ficou fã da gastronomia chinesa. “Fiquei feliz [de saber que ia regressar à China]; muitos meninos queriam estar aqui. Quando receberam a notícia que não

iam viajar, deu até pena deles”, disse o jovem que sonha ser jogador de futebol como os seus ídolos, Cristiano Ronaldo e Ronaldinho. O mais difícil foi mesmo lidar com as “saudades da mãe”. Luiz Gabriel e Matheus Barbosa foram seleccionados de um grupo de 3500 jovens de 11 comunidades pacificadas do Rio de Janeiro - Cidade de Deus, Mangueira, Prazeres, Providência, Rocinha, Salgueiro, Santa Marta, São Carlos, Turano, Vidigal/Chácara do Céu, Projeto Porto Real. No ano passado, os 18 meninos que foram à China eram todos da Cidade de Deus, mas desta vez a escola conseguiu expandir a iniciativa a outras comunidades. “Esta é a primeira vez que estes meninos saíram do seu país, entraram num avião, comeram com pauzinhos ou no McDonald’s e participaram numa competição internacional como a Copa

Os jovens futebolistas pertencem a famílias pobres, muitos são órfãos ou filhos de pais reclusos e só podem frequentar a escola de futebol se estiverem inscritos na escola local e demonstrarem resultados satisfatórios

da Grande Muralha”, observa Otávio Vilarinho, um dos treinadores da equipa. Vestidos com camisolas Rio 16, a equipa representa o mega-projecto brasileiro que promove a inclusão social através do desporto nas comunidades carenciadas das favelas, que antes eram dominadas pelo tráfico de droga e violência nas ruas.

“Antes de treinar o jogador, estamos a educar o cidadão”, explica Vilarinho. Os jovens futebolistas pertencem a famílias pobres, muitos são órfãos ou filhos de pais reclusos e só podem frequentar a escola de futebol se estiverem inscritos na escola local e demonstrarem resultados satisfatórios. O principal objectivo do Projecto Zico 10 – Rio 16 é promover a educação de homens e mulheres para serem bons cidadãos, tendo como inspiração Zico, ex-jogador brasileiro e lenda futebolística que actualmente treina a selecção do Iraque. “Sem bons exemplos humanos, estas crianças passam o seu tempo nas ruas, onde o seu herói passa a ser o traficante de droga de arma em punho”, aponta o treinador, notando que um dos técnicos da equipa pertence às forças policiais.

O Projecto Zico 10 – Rio 16 é uma iniciativa conjunta da academia do Zico, uma organização não governamental que abrange 15 mil crianças por todo o país, e a oficina de desporto e lazer do estado do Rio de Janeiro, com 600 centros na cidade.

NO CAMINHO DO BEM

“Eles são muito bons”, comentou Zhong Zi à beira do relvado, enquanto observava o Futebol Clube Beijing Sangao, a equipa do seu filho, a ser derrotada por 4 a 0 pela equipa brasileira. “É bonito ver como estes miúdos trocam camisolas e tentam conversar mesmo não falando a mesma língua”, acrescentou Zhong no final da partida. “O importante é que estas crianças se divirtam enquanto praticam uma actividade saudável e



convivem com outras culturas.” A presença do Brasil foi um exemplo de “diversão, paixão pelo futebol e uma linda história humana”, referiram os organizadores.

Com mais tempo para seleccionar e treinar jogadores, a Escola de Futebol Zico 10 regressou à China com uma equipa de qualidade técnica superior à do ano passado. “Este grupo está melhor preparado. Estes meninos não são atletas de alto rendimento mas têm muito

potencial. Esta viagem pode ser uma janela de oportunidade para eles”, ressalta Vilarinho, acrescentando que o mais importante não foi ganhar o torneio.

“A prioridade é educar estes meninos, proporcionando-lhes uma experiência desportiva e pessoal”, nota o treinador. Durante a viagem, os rapazes aprendem a comportar-se dentro do autocarro, no hotel, no campo e a respeitar-se uns aos outros. “Para muitos, é a primeira vez



DESPORTO

que lidam com saudades de casa e da família. Queremos levar de volta meninos que, apesar do ambiente em que vivem e do relacionamento difícil com os familiares, aprendam a valorizar a família, sentindo saudades de casa e das pessoas que normalmente têm por perto”, explica Vilarinho. Depois de ter ficado no fim da tabela no torneio do ano passado, a equipa venceu desta vez os cinco jogos que disputou, marcando 24 golos, com apenas um sofrido devido a um penálti. “Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Vou guardar [esta experiência na memória] para sempre”, disse João Victor, do núcleo da Mangueira, no regresso ao Rio e apesar do cansaço das mais de 20 horas de viagem.

BOM EXEMPLO

Escolas, projectos sociais, clubes e academias de futebol amador encontraram-se em Pequim para o Torneio da Grande Muralha. “O objectivo do torneio é desenvolver adultos socialmente responsáveis através da beleza do desporto”, disse a organização do evento. Fora do campo, os jovens participaram em lições de kung fu e de caligrafia chinesa, visitaram a Grande Muralha e divertiram-se em mostras de talento e festas.

Apesar do exemplo brasileiro, muitos meninos carenciados que vivem em favelas africanas na Tanzânia e jogam futebol na Escola Internacional do Morogoro, não tiveram tanta sorte - não voaram até Pequim. O treinador, Fred Tchalewa Ndeki, contou que a escola não tem meios financeiros para pagar a viagem das crianças carenciadas. “São órfãos, filhos de mães e pais solteiros, pedem nas ruas. Muitos estão malnutridos e desistem da escola porque não têm o que comer”, explica o treinador, com os olhos quase em lágrimas.

“Na escola de futebol as crianças fazem duas refeições por dia e passam o seu tempo num ambiente saudável, em vez de estarem em casa, onde não têm bons exemplos e têm que lidar com problemas de gente adulta.” Ndeki treinou cerca de mil rapazes das favelas em dez anos. Sob a asa do técnico, dentro e fora do campo de futebol, alguns rapazes abandonaram o morro onde viviam e hoje estudam na universidade ou têm uma profissão. “Às vezes nem jogamos, só falamos acerca da vida”, comenta Ndeki, contando como estas sessões contribuem para nutrir a auto-estima e o respeito nas crianças.



Tal como no projecto brasileiro, é obrigatório ir às aulas na escola local para jogar futebol na escola do Morogoro, onde Ndeki treina crianças carenciadas e não carenciadas dentro do mesmo campo. O instrutor tanzaniano só conseguiu levar até Pequim os filhos de advogados, contabilistas e juizes – os pais que podiam pagar a viagem. “Treinamos jogadores de futebol, mas antes de mais, educamos. O intercâmbio cultural com crianças de outros países, culturas e condição social é uma oportunidade para interiorizar os valores positivos que o desporto promove, como a camaradagem, o fair-play e o gosto por uma actividade lúdica que é saudável.”



Sem um histórico de violência e com poucos modelos futebolísticos, a China não possui iniciativas sociais ancoradas no futebol. “Sabemos e somos testemunhas dos benefícios que o futebol pode oferecer a crianças de comunidades carenciadas internacionais. Podemos melhorar nesse campo”, refere Shine Liu, director-executivo do torneio.

“O nosso objectivo futuro será a abertura gradual do evento a mais comunidades carenciadas, oferecendo-lhes treino e equipamento desportivo”, ressalta o “Acreditamos que o Torneio da Grande Muralha pode mudar a vida de alguns jovens para sempre.” Liu assinala que a China ainda tem que

encontrar o seu próximo Yao Ming, herói nacional do basquetebol, no futebol. “As crianças têm de sentir-se inspiradas para desenvolverem o seu potencial e perceberem a forma como o futebol pode influenciar positivamente as suas vidas”, diz o organizador. “Quando emergir uma super-estrela chinesa no futebol, a popularidade do desporto vai disparar e o Governo investirá mais em projectos como este torneio.”

PLATAFORMA INTERNACIONAL

Enquanto o torneio oferece aos brasileiros uma arena para superarem problemas sociais e aumenta a esperança dos tanzanianos de

DESPORTO



Desde que o torneio foi criado há três anos que a organização investiu em campos de treino, oficinas para treinadores e jogadores durante o ano, com o objectivo de atrair cada vez mais equipas nacionais e internacionais, bem como abrir o torneio a equipas femininas

poderem seguir as pisadas do Projecto Escola Zico 10, outras equipas encaram o evento como uma plataforma de visibilidade e profissionalismo.

Dez árbitros estrangeiros participaram no torneio deste ano.

“Temos poucas oportunidades de sair do país, esta competição é bastante importante para nós”, afirma Wang, treinador do Futebol Clube Beijing Sangao. “Jogar com adversários de alto nível, como as equipas brasileira e australiana, é uma oportunidade para aprendermos um estilo e técnicas de jogo diferentes. É assim que começamos a preparar as equipas domésticas numa conduta de profissionalismo e estatuto internacional”, sublinha Wang, reconhecendo que a experiência do torneio vai além do campo de futebol e não é mensurável em golos.

O Torneio da Grande Muralha é um evento não lucrativo que pretende transformar-se no melhor torneio juvenil de futebol na Ásia nos próximos cinco anos. O certame é organizado pela Associação de Desenvolvimento Olímpico de Pequim (BODA, na sigla inglesa), pela Associação de Futebol de Pequim e pela empresa de eventos China Sports Tour.

“Esperamos utilizar o GWC como uma plataforma para ajudar a desenvolver o futebol juvenil na China convidando equipas internacionais que ajudem os jovens chineses a aprender, compreender e respeitar o futebol de outros países”, frisa Liu. “A China é uma nação

que ainda está em crescimento na área do futebol, mas o entusiasmo já é visível nos jogos em várias cidades do país. Cada vez que há jogo de futebol do

Beijing Guoan [equipa treinada pelo português Jaime Pacheco], o trânsito pára, o estádio enche e a atmosfera e entusiasmo dos fãs é comparável a qualquer outra cidade estrangeira que ama o futebol.”

Liu explica que o torneio é um palco para dar a conhecer a China e o futebol chinês bem como promover Pequim como capital internacional. Desde que o torneio foi criado há três anos que a organização investiu em campos de treino, oficinas para treinadores e jogadores durante o ano, com o objectivo de atrair cada vez mais equipas nacionais e internacionais, bem como abrir o torneio a equipas femininas. “Lançar boas infra-estruturas e condições [para a prática de desporto] é fundamental para qualquer país que pretenda preparar uma nação de jogadores de alto nível,” aponta o responsável chinês. “Temos esperança que outras associações de futebol na China sigam o modelo do Torneio da Grande Muralha para criar mais oportunidades para que equipas e jogadores a nível local possam ter uma experiência internacional.”

O torneio está aberto a equipas de todos os países, incluindo Portugal que, segundo a organização, seria muito bem-vindo a apresentar a sua candidatura e a participar. A próxima edição decorre no Verão de 2013. ●



PANCHÕES (FOGO-DE-ARTIFÍCIO)



A cendem-se com incensos e reventam nos ares da China desde a dinastia Han (206-220 DC). Primeiro eram pedaços de bambu verde que estalavam sobre o fogo. Depois veio a pólvora, o rastilho, os rolos de papel e as longas fiadas vermelhas de cartuchos.

FABRICA DE PANCHOES

IEC LONG

益隆炮竹廠

NEZIO

Os chineses sempre usaram os panchões para afugentar a má sorte e até os inimigos em guerras psicológicas. Reza a lenda que o panchão assustava o monstro Nian que comia as pessoas e o gado, ou acordava o dragão que trazia a chuva da Primavera aos campos. Mas havia quem acreditasse que era com tais estalidos que se queimavam os pecados. Se o vermelho e as faúlhas eram bons presságios, já o fumo criava uma boa atmosfera. Foi esta combinação que fez do panchão um modo de celebração universal, sobretudo no Ano Novo Chinês.

Em Macau rebentar panchões é uma tradição antiga, mas é algo corriqueiro e não apenas reservado a épocas festivas, como na China. Afinal, ali foram montadas muitas fábricas de panchões no século passado, onde era até frequente ver estendais de panchões a secar.

E não é só por isso que Macau tem lugar marcado na fila da frente da história do fogo-de-artifício. Foi na RAEM que primeiro se ouviu a palavra panchão, com raiz no chinês “pau-tcheong” (“embrulho de pólvora”). Esta ganhou expressão no mundo lusófono e consta até nos dicionários como um regionalismo de Macau, significando “foguetes chinês”.

LENDA DO PANCHÃO

Segundo a História de Tang, o panchão foi inventado por Li Tian no reinado do imperador Taizhong, Li Shimin (626-649). O panchão terá “curado” o imperador que via “fantasmas das montanhas”. ●



A photograph of a man in a white shirt playing a double bass on a stage. The background is a plain wall, and there are some musical equipment like a microphone stand and a drum set visible on the right. The lighting is focused on the musician.

CLUBE DE JAZZ

JAZZ PARA FAZER ESCOLA

Parado durante 10 anos, o Jazz Clube de Macau renasceu no início de 2012. A nova direcção aposta em fazer concertos todos os meses, erguer a sua sede e criar uma escola

Texto **Nuno G. Pereira**



Uma casa transparente, flutuando nas águas sob o olhar da deusa Kun Iam. O Jazz Club de Macau (JCM) foi um espaço mítico da cidade, sem paralelo nos dias de hoje. José Luís de Sales Marques, actual presidente, recorda esses tempos. “Em finais dos anos 1990, o clube tinha ficado sem sede e a direcção veio ter comigo à procura de ajuda. Eu na altura estava no Leal Senado [a câmara municipal da cidade, no período da administração portuguesa], tendo encontrado a solução que vigorou por dois anos, a famosa Casa de Vidro. Parecia uma estufa, às vezes também na temperatura (risos), mas era um sítio muito bonito, junto à estátua da deusa Kun Iam, no NAPE. Ainda não existiam os aterros, ficava mesmo em cima do mar, com uma esplanada sem igual. Era seguramente um dos melhores clubes de jazz, pelo menos do Oriente, onde as jam sessions eram acompanhadas pelos barcos, em fundo, a atravessar a noite.”

A magia durou entre 2000 e 2002, quando foi interrompida pela realidade. Sem capacidade financeira para manter as exigências do espaço onde, em simultâneo, tinha a sede e o espaço de convívio, o clube perdeu a Casa de Vidro. O regresso a Portugal de vários sócios, nos anos seguintes à passagem do território para administração chinesa, também contribuiu para a erosão da dinâmica do clube. A desmobilização alastrou, conduzindo a uma paragem inevitável. Os amantes do jazz, porém, nunca encararam este fecho como definitivo. Ao fim de quase dez anos, a vontade de voltar concretizou-se. A actividade foi retomada a 25 de Fevereiro de 2012, com um concerto e uma jam session, onde participaram os Bridge, a histórica banda residente do clube. A Casa Garden, sede da Fundação Oriente em Macau, foi o palco escolhido, passando a ser o ponto de encontro dos amantes de jazz na região.



Uma comissão organizadora, composta por Ana Soares, Ilda Cristina Ferreira e Manuel Almeida, alimentou o processo de renascimento do JCM e preparou as eleições, realizadas a 19 de Maio. Concorreu uma lista única, cujos corpos sociais tomaram posse a 23 do mesmo mês, para um mandato de dois anos. Além do presidente da direcção, Sales Marques, contam-se os nomes, entre outros, de José Isaac Duarte (vice-presidente), Miguel Campina Ferreira (presidente da Mesa da Assembleia Geral) e Miguel Senna Fernandes (presidente do Conselho Fiscal).

ARRANQUE INESQUECÍVEL

Sales Marques não esperava estar à frente do JCM, embora sublinhe que o jazz é um amor antigo. “Quando fui convidado para presidir a uma das listas, que acabou por ser a única, fiquei um bocado surpreendido. Porém, o clube é um projecto pelo qual tenho grande carinho. Gosto de boa música e sobretudo acho que há lugar para o jazz, é importante existirem espaços alternativos em Macau, sem estarem obrigatoriamente em hotéis e discotecas.”

Apesar de não ter feito parte do grupo de fundadores, acompanha o JCM desde a génese.



Rua das Alabardas, corria o ano de 1985, o JCM foi, até 2002, um local privilegiado de encontro regular dos amadores de música em Macau. Um centro activo de divulgação de vários géneros musicais, em particular do jazz, e também de formação, através da realização de workshops com a participação de músicos residentes em Hong Kong e Portugal. Foi também no palco do JCM que, anos a fio, se apresentaram regularmente músicos e bandas de jazz locais. Houve concertos e jam sessions memoráveis, em que músicos de passagem pelo território animaram, madrugada dentro, muitas noites de Macau.”

APOIOS E AMBIÇÕES

Hoje a quota é de apenas 50 patacas por mês. E os sócios são poucos, como sempre acontece em clubes de nicho. “De cerca de 100 já passámos para mais de 200”, revela Sales Marques, explicando que se conseguem boas adesões nos concertos. “Mas obviamente é um número pequeno, que não faz sentido para um clube que se queira afirmar, mesmo tendo em conta que será sempre um espaço alternativo.”

Com tão curto financiamento interno, a solução tem de passar por outras opções. “O clube tinha e tem muitas dificuldades, porque a quota pedida aos sócios tem de ser obrigatoriamente pequena. Por isso, o funcionamento depende de patrocínios. Temos feito pequenos concertos assim (e também graças a pessoas que conhecem bandas de zonas próximas, ultrapassando um custo inportável para nós que é pagar viagens). Se quisermos fazer uma coisa de grande nível, na linha do Festival Internacional de Jazz de Macau, só com um grande patrocínio, vindo do Governo, de uma fundação ou de uma grande empresa.”

“Sou natural de Macau, conheço o clube desde os anos 1980. Nasceu com bastante pujança, embora com trabalho e participação baseados na boa vontade de algumas pessoas. Sempre foi um clube amador, feito com o coração e não com fins comerciais. O Festival Internacional de Jazz de Macau, ainda nos anos 1980, foi lançado pelo JCM. Tratou-se do primeiro nesta região, julgo até que terá sido o primeiro da era moderna na China.”

Campina Ferreira, presidente da Mesa da Assembleia-geral, lembra-se bem do início do clube.

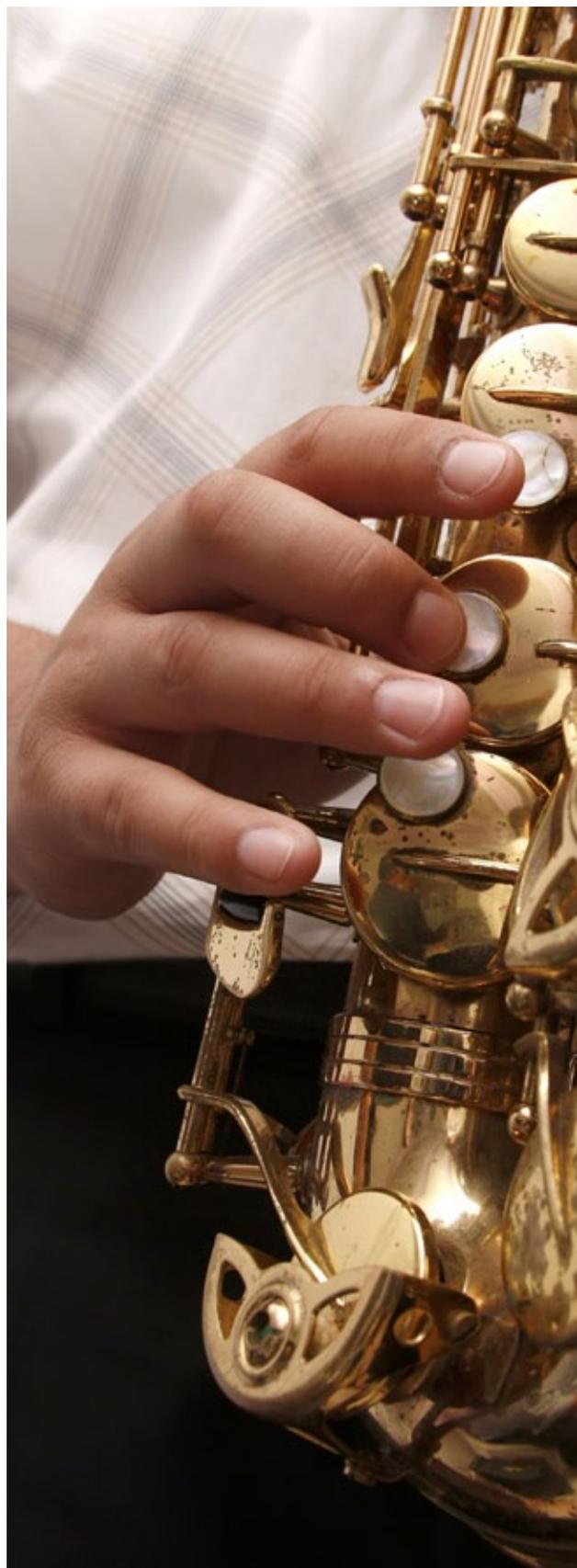
“A partir da abertura da sua primeira sede na

CLUBE DE JAZZ

O discurso é realista, mas Sales Marques sublinha que as dificuldades não afectam o optimismo dos membros do JCM. Aliás, a sua direcção tem já bem definidos os objectivos para os próximos dois anos: arranjar uma sede para o clube funcionar, organizar um concerto por mês e criar uma escola de jazz. Lá mais para a frente, no final de 2013, pensar então em reavivar o Festival Internacional de Jazz de Macau. A prioridade, sem dúvida, é o lugar para o clube. “Queremos pôr de pé um espaço físico. Houve alguns sinais de essa possibilidade se realizar, mas para já tudo tem sido muito difícil. Temos de trabalhar em cooperação com uma empresa ou uma entidade. Admitimos também partilhar um espaço ou fazer uma parceria.”

A falta desta sede, contudo, não coloca em causa a realização de eventos públicos. “A Fundação Oriente, através da Casa Garden, tem-nos proporcionado local para fazer concertos. Felizmente, por termos este apoio fantástico, com grande boa vontade e gosto pelo nosso clube, não estamos presos à necessidade de ter um espaço físico próprio para concertos, que estão a acontecer com regularidade. Naturalmente, desejamos o nosso próprio espaço para 2013, assim como termos também um concerto mensal e, para o fim do ano, conseguir realizar o Festival Internacional de Jazz de Macau. Queremos relançar esta ideia, mas precisamos de músculo financeiro.”

Para lá dos espectáculos, Sales Marques marca outra grande ambição do JCM. “Seria pouco ficarmo-nos pela organização de concertos. Temos também um outro objectivo, que é a parte educativa, através da criação de uma escolinha de jazz. Para isso, é fundamental a existência do espaço físico. Há vários músicos de Macau disponíveis para ensinar, além de que gostariam de tocar jazz e ter ambiente para isso.”





NOTAS DE UM CLUBE DE JAZZ



As origens do JCM reportam-se remontam ao final dos anos 1970, quando um pequeno grupo de amadores de jazz decide organizar um concerto em 1979 com o saxofonista e flautista Rão Kyao, no Jardim Lou Lim Ieok, acompanhado, entre outros pelo contrabaixista Zé Eduardo. A este grupo de entusiastas juntam-se outros, recém-chegados a Macau, frequentadores dos Festivais de Cascais e do Hot Clube de Portugal, que decidem unir esforços e fundar uma associação, sem fins lucrativos, destinada à divulgação da música de jazz em Macau.



O JCM foi formalmente fundado em Julho de 1985 e os seus Estatutos publicados no Boletim Oficial n.º 31 de 3 de Agosto do mesmo ano.



A primeira Comissão de Gestão do JCM foi eleita em Fevereiro de 1987 e os primeiros Corpos Sociais em Junho de 1988, tendo estes renunciado em Março de 1990. Em Abril de 1991 foram eleitos novos Corpos Sociais que, com algumas alterações na composição, foram sucessivamente reeleitos até Março de 1999.



Em Maio de 1999 tomam posse novos Corpos Sociais, que evoluem para uma Comissão de Gestão, empossada em Setembro, a qual viria a ser substituída por outra em Maio de 2000. Esta decide-se pelo encerramento das instalações do clube na Rua das Alabardas, em Agosto de 2000, e reabre-as na Casa de Vidro, na marginal do NAPE.



Em Janeiro de 2001 tomam posse novos Corpos Sociais e em Dezembro de 2002 é formalmente posto termo ao acordo relativo à utilização da Casa de Vidro, pelo IACM (que sucedeu ao Leal Senado). A partir de 15 de Fevereiro de 2002 o JCM deixa de ter instalações próprias que lhe permitam desenvolver actividade normal.



Em Janeiro de 2003 tomam posse novos Corpos Sociais que, confrontados com a incapacidade de fazer reverter a situação, terminam o respectivo mandato em Março de 2004, sendo então nomeada em Assembleia-geral uma Comissão de Gestão encarregue de zelar pelo património do clube.



Em Maio de 2012 são eleitos novos Corpos Sociais. A nova direcção, liderada por Sales Marques, está agora a tentar devolver ao JCM o brilho de outrora.



Com organização da inteira responsabilidade do JCM realizaram-se 13 Festivais Internacionais de Jazz de Macau, que contaram com a presença de músicos de várias proveniências, de Portugal ao Japão, de Macau e Hong Kong a Estados Unidos, França e Inglaterra. ●

**JORNAL
TRIBUNA**
de Macau

澳門論壇日報

* Gonçalo Lobo Pinheiro

SÓLIDO COMO UMA ROCHA

O *Jornal Tribuna de Macau* fez 30 anos, sempre liderado pelo seu fundador. José Rocha Dinis explica a solidez actual do projecto e recorda como a Síndrome Respiratória Aguda Severa salvou o jornal da crise

Texto **Nuno G. Pereira**

IMPrensa em português

José Rocha Dinis podia ser um daqueles bonacheirões que se deliciam a apertar as bochechas dos netos e a levá-los a passear ao parque. Ou mais um avozinho a dourar a barriga nas praias tailandesas, com uma nativa em cada braço. Aos 66 anos, não só está distante desses estereótipos como se diz a milhas da reforma. Para ele, o dia-a-dia faz-se de jornalismo, tal e qual como em 1982, ano em que fundou o então semanário *Tribuna de Macau*. Quando chegou para dirigir o novo projecto, trouxe também a família. Hoje, está separado da mulher e tem a filha a viver na Suíça. Do jornal, agora como há 30 anos, mantém-se inseparável.

A ideia de criar um jornal de referência em Macau, de língua portuguesa, pertenceu a Jorge Neto Valente, conceituado advogado (é o actual presidente da respectiva associação em Macau). Sabia que Carlos d'Assumpção, também advogado com intervenção política (foi presidente da Assembleia Legislativa) ia lançar um diário e pretendia antecipar-se, pois estava em pólo ideológico oposto – era de esquerda, Assumpção de direita.

Para fazer o seu jornal, Neto Valente foi a Lisboa recolher informação. Quis ver como se fazia um jornal, da criação à impressão, e encontrar o homem para dirigi-lo. Segundo contou, chegou ao nome de Rocha Dinis depois de consultar algumas opiniões. O director da publicação diz que ainda desconhece a razão da sua escolha. Embora tenha uma ideia. “Algum tempo antes, tinha vindo a Macau fazer um trabalho para um programa sobre turismo, da minha autoria, para a Rádio Televisão Portuguesa. Como estive aqui dez dias, aproveitei para fazer mais trabalhos. Uma das pessoas com quem tentei falar foi Neto Valente, que me indicaram como ‘líder da oposição’ ao Governo local. Tentei encontrá-lo, deixei várias mensagens, mas nunca respondeu. Foi com a maior surpresa que depois, já em Lisboa, recebi um telefonema dele a dizer que queria falar comigo.” Rocha Dinis achou que seria por causa da entrevista pedida, mas a intenção do interlocutor era outra: convidá-lo para fundar um jornal. “Julgo que me escolheu por ter falado com pessoas que me conheciam e por eu ser uma pessoa moderada politicamente, não de extrema esquerda, o que poderia ‘assustar’ quem estava em Macau, onde o Governo era tradicionalmente de direita.”



* Arquivo Pessoal



* Jorge Neto Valente ouviu várias opiniões em Lisboa sobre Rocha Dinis, que então estava no jornal Tempo

IMPrensa em português

O desafio foi aceite e o público pôde comprar o *Tribuna de Macau* pela primeira vez a 30 de Outubro de 1982. Dois dias antes tinha saído o *Jornal de Macau*, diário de Carlos d'Assumpção, dirigido por João Fernandes, jornalista também vindo de Portugal. Logo no início, gerou-se uma animosidade entre as duas publicações, que incluiu troca de palavras pouco amigáveis entre os directores. A relação, porém, iria desenvolver-se de forma surpreendente.

FUTEBOL E HISTÓRIA

Antes de aterrar em Macau, Rocha Dinis já tinha feito muita coisa, até mesmo antes de perceber que seria jornalista. “Embora sempre tenha gostado de escrever, não pensava nisso. Nem quando fui tirar o curso de História. Depois de estar na profissão, de já estar envolvido, aí é que

percebi. Achei que ser jornalista era a melhor coisa do mundo e nunca mais tive dúvidas sobre o que queria ser. Ainda tive um convite para ser professor assistente, mas achava os académicos uns chatos [risos]. Sempre fiz muita coisa. Participei activamente em acções políticas – nos movimentos académicos de 1969 em Coimbra até estive engavetado, por andar a distribuir panfletos – dei aulas, fui treinador de futebol.” Entre trabalhos para poder adiar a ida à tropa e o serviço militar que acabou por cumprir, o curso foi sendo adiado. Em Agosto de 1975, pouco mais de um ano depois do 25 de Abril, saiu da tropa. “Fui acabar o curso de História, que entretanto tinha levado uma volta curricular no pós-revolução, ganhando várias cadeiras de teor marxista. Pelo meio, comecei a colaborar com o *Diário de Notícias*, dirigido então pelo Mário



O público pôde comprar o *Tribuna de Macau* pela primeira vez a 30 de Outubro de 1982. Dois dias antes tinha saído o *Jornal de Macau*, diário de Carlos d'Assumpção, dirigido por João Fernandes, jornalista também vindo de Portugal

Mesquita. Combinei que enquanto estivesse a acabar o curso colaborava a partir de Coimbra. Só depois fui para Lisboa.”

Quando Neto Valente foi procurá-lo a Portugal, Rocha Dinis era já subchefe de redacção no jornal *Tempo*. “Pensei: ‘Macau? Por que não?’. E vim. Tinha 36 anos.”

RIVAIS UNIDOS

Com dois jornais acabadinhos de sair, no final de 1982, João Fernandes, director do *Jornal de Macau*, mandou umas “bocas” ao semanário. Rocha Dinis não gostou e respondeu-lhe à letra. “O João julgou que eu vinha cá para defender o Governador. Até fiquei muito surpreendido, mas comigo quem bate leva logo.” O arranque tenso da relação durou pouco. “Nem sequer tive de explicar o que quer que fosse. O João é que percebeu, porque logo ao terceiro número pus o Governador aos saltos com uma manchete do jornal. Ele atirou-se ao ar, dizendo que não eram os jornais que faziam o Governo.”

Como os dois jornais sofriam uma oposição feroz por parte do Governador Almeida e Costa, puseram de lado as suas diferenças ideológicas. Tal como João Fernandes e Rocha Dinis. “Nunca escondi que era do Partido Socialista, ele também sempre foi claro sobre as suas convicções ideológicas de direita. E nenhum de nós cometeu o erro de tentar converter o outro. Houve um grande respeito mútuo, que foi crescendo naturalmente. Nos anos 1980, Macau era uma sociedade muito conservadora. Mesmo assim, houve um jantar de desagravo contra o Governador, em 1984, que juntou mil pessoas, algo nunca visto em Macau. Só falou um reformado, eu e o João. Aliás, fui eu que acabei por conseguir que o Dr. Assumpção e o Neto Valente se juntassem. Cada um estava com medo de dar o passo. Como eu estava um bocadinho de fora, tive essa oportunidade. E quem me ajudou a fazer isso foi o João.”

A aproximação entre os dois homens foi mais longe pouco antes da transição. “Em 1997, comecei a pensar no que iria acontecer. Ainda havia muito amadorismo na imprensa de Macau. Era importante que se mantivesse um jornal responsável, regido por regras profissionais. Não sei quanto dinheiro o Neto Valente já gastara com o jornal, mas sabia que tinha sido um valor considerável. O Dr. Assumpção, entretanto,



IMPrensa em português

tinha morrido e havia alguma indefinição no *Jornal de Macau*, que estava em queda. Falei com o João para saber o que ele pensava fazer. Eu estava preocupado.”

A conversa foi frutuosa e os dois acertaram um passo arrojado: a fusão das publicações. A 1 de Junho de 1998, num formato similar ao actual, nasce o *Jornal Tribuna de Macau*, um diário que depressa se torna referência. Rocha Dinis afirma que em momento algum pensou regressar a Portugal. “Até porque tinha combinado com o João que ficava no jornal durante o ano, mas ele iria dirigi-lo no mês das minhas férias. O problema é que teve um AVC e o plano teve de ser alterado.” O que já era um cenário desafiante – a sobrevivência de um jornal em língua portuguesa depois da passagem do território para administração da China – ficou assim mais difícil. E as más notícias continuaram, poucos anos depois. “Foi a altura em que surgiu a Síndrome Respiratória Aguda Severa (SRAS). Macau estava às moscas, com ruas vazias, em Hong Kong ainda era pior. Mas eu a ganhar posso sair, a perder nunca.”

FIM DA CRISE

O quadro preocupante na entrada do novo milénio obrigou Rocha Dinis a medidas drásticas. Os colaboradores do jornal, garante, foram ainda assim protegidos. “Tinha estado dois meses em Portugal, a descansar, estava cá outra pessoa que deixei a tomar conta do jornal. Quando voltei, resolvi ir para uma casa muito barata. Mantive pessoal, um grupo restrito que trabalhava comigo há muito tempo. Uma dessas pessoas, de origem chinesa, era quem fazia as contas. Veio ter comigo e pediu-me para lhe baixar o ordenado. Mas não aceitei. Durante os anos 1990 estive na faculdade a dar aulas, fiz vários outros projectos, consegui ganhar bastante dinheiro em Macau. Tinha uma reserva.”

As finanças pessoais do director seriam poupadas. A luz ao fundo do túnel começou a brilhar, estranhamente, graças à SRAS. Um drama com alguns sorrisos como efeito secundário. “O momento difícil acabou por ser curto, porque os jornais começaram a ganhar com a SRAS. Houve um episódio que marcou





* Gonçalo Lobo Pinheiro

a situação. O jornalista Paulo Azevedo foi a uma reunião oficial sobre a SRAS em que os responsáveis presentes só falaram em chinês, sem direito a tradução. Ele saiu em protesto e escrevi um editorial a dizer que ou o Governo sabia que a gripe não atacava os portugueses ou estava a fazer um mau trabalho. Depois disso, os directores dos jornais foram chamados a Santa Sancha. O então chefe do Executivo, Edmund Ho, pediu desculpa e disse que tal não voltaria a suceder. Pediu-nos também para ajudarmos a combater o problema, informando os nossos leitores. A partir daí, o Governo começou a enviar anúncios para a imprensa portuguesa. E depois anúncios dos tribunais. Começámos assim a levantar a cabeça. Da degradação até à recuperação financeira acabou por ser pouco tempo. E percebeu-se melhor que a comunidade portuguesa é uma parte integrante de Macau.”

As alterações continuariam, em ritmo cada vez mais acelerado, especialmente depois da concessão das novas licenças de jogo. Como é que se acompanham tantas mudanças? “Foi preciso alterar muita coisa. Mas nada de repente. A grande ideia que tive foi fazer um acordo com a Faculdade de Letras de Coimbra, trazendo os melhores alunos para estágios curriculares. E pagando ordenado, viagem, estadia. O contrário do que se faz em Portugal. Assim, tive oportunidade de refrescar a comunidade jornalística em Macau, não só na *Tribuna* mas noutros sítios, porque muitos jornalistas ficaram cá e estão agora noutros órgãos de comunicação social. Veio gente nova, muito bem preparada e que se adaptou bem. Além disso, tive um grande apoio, que foi o Sérgio Terra, director-executivo do jornal.”

Com o aniversário dos 30 anos do seu jornal, Rocha Dinis sublinha que quis chamar a atenção para a importância dos média portugueses no território, mas também para a continuidade do modo de ser de Macau, “a dupla afirmação portuguesa e chinesa, que já tem muitos anos de história”. Olhando para o futuro, fala de uma estratégia de crescimento utilizando as plataformas digitais. “Vídeos e Internet. Como não há cá mais leitores, vou projectar isto para fora. E tenho planos, em associação com outros jornais, para crescer no mundo lusófono.” ●



NO MAPA DA LITERATURA DO MUNDO

Macau acolhe em Março a segunda edição do festival literário Rota das Letras. Este ano os organizadores alargaram o convite a participantes de outros países, além da China e da lusofonia, e convocaram a presença não só de escritores mas também de jornalistas e tradutores

Texto **Cláudia Aranda**

ST TIME I SAW MACAO

O festival literário de Macau Rota das Letras vai continuar a divulgar e promover o intercâmbio entre escritores da China e de países de língua portuguesa e estimular projectos conjuntos, literários ou outros, com vista a “colocar Macau no mapa da literatura do mundo”, explica Ricardo Pinto, director do festival que acontece entre 10 e 16 de Março. Vários pontos centrais da península de Macau juntam-se à iniciativa para receber eventos ligados ao festival - Albergue SCM, Livraria Portuguesa, Livraria Pin-to, Fundação Oriente, Fundação Rui Cunha e Torre de Macau devem ser alguns dos locais.

A intenção este ano de alargar o evento a autores de outros territórios e trazer ao festival não só escritores mas também jornalistas, tradutores e organizadores de festivais literários visa “aproximar os países, juntando representantes dos diversos círculos do mundo literário e aproveitar as sinergias criadas

pela polivalência dos participantes para dar a conhecer Macau, os autores e ajudar a promover o festival internacionalmente”, explicaram os organizadores do evento.

Um dos momentos altos desta segunda edição do festival vai ser o lançamento da compilação de melhores contos passados em Macau, escritos por anónimos que vão ver as suas obras publicadas juntamente com as dos escritores convidados para a primeira edição do certame. Mais de 30 contos estiveram em competição, dos quais foram seleccionados os vencedores, um em cada língua (chinês, português e inglês) pelo júri do ano passado, composto pelos escritores Su Tong, José Luís Peixoto e Xu Xi. Este ano os escritores participantes do festival vão voltar a ser convidados a escrever contos sobre Macau e os interessados poderão participar e escrever um conto, uma iniciativa que visa “fomentar o acto de escrever sobre a cidade”, referem os organizadores.

FESTIVAL LITERÁRIO

Estão ainda previstos debates, conferências, *workshops* e uma feira do livro. Além da vertente literária, o festival contará com a exibição de filmes, exposições e concertos, estando prevista a participação de artistas de Macau na área do cinema, da música e das artes plásticas.

A Rota das Letras deverá continuar a alargar as participações a autores provenientes de países vizinhos e da região, com vista a afirmar-se enquanto festival literário mundial de referência, mas “sem perder o traço identitário português e chinês que lhe está na génese”, sublinhou Ricardo Pinto. O festival é organizado pelo jornal *Ponto Final* e co-organizado pelo Instituto Cultural e Fundação de Macau, contando ainda com o apoio de diversas entidades, entre as quais a Sociedade de Artes e Letras (SAL).

ESCRITORES DO MUNDO

Na programação da segunda edição da Rota das Letras constam nomes de escritores portugueses como Francisco José Viegas, Alice Vieira, Rui Zink e Dulce Maria Cardoso, autora, entre outros, de *O Retorno*, que aborda a descolonização através do relato de um jovem retornado de Angola. A jornalista Alexandra Lucas Coelho, conhecida pelas reportagens no Médio Oriente e Ásia Central e autora de *Oriente Próximo* e *Caderno Afegão* vai também marcar presença no evento. A representar a lusofonia estarão o angolano José Eduardo Agualusa e o timorense Luís Cardoso, que editou, pela Sextante Editora em Janeiro o romance *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Paloma e Cecília Amado, filha e neta, respectivamente, do escritor brasileiro Jorge Amado chegam ao território com uma exposição no Albergue SCM, um documentário sobre a vida do ícone da literatura brasileira e ainda o longa-metragem *Capitães de Areia*.

Da China chegam escritores proeminentes no actual panorama literário chinês, tais como Bi Feiyu, autor de *Three Sisters* e do argumento do filme de Zhang Yimou *Shanghai Triad*, de 1996. Outra figura de destaque é Han Shaogong, que além de ser um romancista reconhecido dentro e fora da China também já traduziu Fernando Pessoa para chinês – a tradução mais conhecida é a do *Livro do Desassossego*. A sua escrita influenciada por Kafka e pelo realismo de Gabriel García Márquez rendeu-lhe, em 2011,

Da China chegam escritores proeminentes no actual panorama literário chinês, tais como Bi Feiyu, Han Shaogong, Qiu Huadong e ShengKeyi



o Prémio Newman de Literatura Chinesa. Outra figura relevante a chegar a Macau é o escritor Qiu Huadong, director editorial de uma das revistas mais vibrantes da cena literária actual de Pequim, a *PathLigh: New Chinese Writing*, que é a versão em inglês da revista literária chinesa *People's Literature*. ShengKeyi é outra das escritoras que chegam de Pequim. Tem obras traduzidas em diversas línguas e ganhou já diversos prémios literários na China.

De França vêm dois autores, “francófonos, mas com forte ligação a Macau e à cultura lusófona”, explica Ricardo Pinto. É o caso de Antoine Volodine, pseudónimo mais conhecido de um escritor destacado da literatura francesa contemporânea que viveu em Macau, fala português e é autor de *Macau* e de *Le Port Intérieur*, que evocam a região e o mar da China. Claude Hudelot é sinólogo, historiador, cineasta e escritor. O autor esteve já anteriormente em Macau a apresentar o documentário *Hou Bo, Xu Xiaobing Mao's Photographers* e o livro *Le Mao*, que descreve os objectos de culto da personalidade do antigo líder chinês.

Um dos momentos altos desta segunda edição do festival vai ser o lançamento da compilação de melhores contos passados em Macau, escritos por anónimos que vão ver as suas obras publicadas juntamente com as dos escritores convidados para a primeira edição do certame



CAMANÉ E DEAD COMBO NOS PALCOS

O fadista português Camané, figura proeminente do fado contemporâneo, e o grupo musical Dead Combo, de inspiração jazz, rock e música do mundo, são alguns dos nomes sonantes que vão fazer vibrar os palcos de Macau.

À Revista Macau Camané referiu que esta viagem à região vai ser uma oportunidade para rever alguns amigos e de mostrar o que há de novo na sua música desde a última vez que esteve em Macau, em 2007. Macau pode contar com um repertório que será uma viagem pela carreira do fadista, “todos os meus sucessos serão cantados”.

Camané já colaborou com Dead Combo, um duo formado por Gato Pingado e o Gangster do Jazz, ou melhor, Tó Trips (com participações nas bandas rock Amen Sacristi, Santa Maria, Gasolina, Em Teu Ventre! e fundador de Lulu Blind) e Pedro Gonçalves, da escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, que tocou com Xutos & Pontapés, Sérgio Godinho e outros.

Espera-se que Macau possa ouvir ao vivo a voz do fadista acompanhado pelo grupo instrumental Dead Combo em temas como *Vendaval*, *Inquietação* e *Ouvi o Texto Muito ao Longe*. “Será com o maior prazer que me cruzarei em palco com os Dead Combo, são sempre momentos únicos”, afirmou Camané.

À CONVERSA COM RUI ZINK

Esta é a primeira vez que Rui Zink visita Macau. “Já estive no Japão, já fiz dois livros passados no Japão. A minha Ásia tem sido o Japão, por razões diversas nunca fui levado para outra. O ano passado fui à Índia, outro tipo de Ásia”. Rui Zink acumulou, no entanto, uma série de referências e citações sobre a região e, em Lisboa, em conversa com a revista MACAU, o autor prometeu: “Eu antes lia histórias sobre Macau, agora talvez escreva uma.”

Rui Zink é autor de diversos livros, desde *Hotel Lusitano* (1987) a *O Amante é Sempre o Último a Saber* (2011) e a *Instalação do Medo* (2012). Em 1997 publicou uma novela gráfica com parte do enredo passado em Macau, *A Arte Suprema*, com ilustrações de António Jorge Gonçalves, que esgotou cinco edições. Este é um dos seus livros favoritos. “Continuo a achar que é um belíssimo livro. Macau é apenas um capítulo final, mas é o clímax, que passa-se numa Macau um bocadinho cliché eu acho que, e se calhar peço desculpa se vou ofender alguém, mas quando uma pessoa diz, ‘as pessoas de Macau só conhecem os clichés’ eu acho que Macau, infelizmente ou felizmente, é também os clichés, ou seja, os clichés são parte de Macau.”

Um dos laços com a Ásia nasceu por ser membro fundador da Associação Wenceslau de Moraes, cujo objectivo é apoiar a cultura portuguesa no Oriente e vice-versa. A relação com Macau acontece através do presidente da associação, o General Pedro Barreiros, macaense, e a sua mulher, Graça Barreiros, que é, diz o escritor, em Portugal, “a pessoa, que mais divulga a fantástica cozinha macaense e quando eu vou a casa deles – felizmente, bastantes vezes - tenho um encontro com Macau”. É assim, e através de um livro sobre Danilo Barreiros, destacada figura macaense do século passado, “que começa e quase termina a minha relação com Macau”, conta o escritor.



No entanto, prossegue Rui Zink, “como sou um leitor e um escritor - quando escrevo não aprendo muito, mas quando leio aprendo bastante - tenho, como toda a gente, ao longo das décadas, peças acumuladas que me dão uma imagem de Macau. Posso partilhar convosco umas três ou quatro frases que li num romance escrito por um senhor americano, Martin Cruz Smith. Ele escreveu uma espécie de *Casablanca* passado na Segunda Guerra em que, a certa altura, há um oficial nazi que se apaixonou por uma chinesa e o protagonista do livro diz ‘É pá não vás para a Alemanha, se vais para Berlim o Führer ainda te trama. Vai antes para Macau, que os portugueses são gente do mundo, aquilo é um sítio muito convivial e passas lá a guerra sem que ninguém te chateie’. Eu gostei muito da



* Paulo Cordeiro

expressão ‘The Portuguese are worldly people’, que dita precisamente o que é Macau”.

Entre as referências acumuladas encontram-se também a escritora Maria Ondina Braga, que viveu em Macau e “escrevia maravilhosamente”, e que lhe deu “algumas pistas” sobre a região, e o filósofo, poeta e ensaísta Agostinho da Silva. “Uma vez”, conta Rui Zink, “fui levado à casa de Agostinho da Silva. Ele dizia sobre Macau que o importante – isto foi antes de 1999 – é que as pessoas saibam conviver e que haja um sítio onde se possa tomar chá, comer um pastel de nata e conversar. Depois ele disse uma coisa que se colou à minha imagem de Wenceslau de Moraes – aliás eu confundo-os os dois – a ideia de que cada homem é uma embaixada... Basta haver uma pessoa (para que a cultura se

propague)...e nós habituamo-nos a amar um país pelas pessoas que temos à nossa frente. E, para mim, o Pedro e a Graça Barreiros fazem-me amar a Macau crioula, ou seja, a Macau crioula das pessoas que são mais portuguesas que chinesas. Eu para amar a Macau chinesa preciso de encontrar alguém de Macau com quem estabeleça laços”. Para o escritor, este convite para participar no Rota das Letras é a sua oportunidade de descobrir a outra parte da cidade. O autor esperava conhecer muitos mais portugueses que falassem mandarim ou cantonês. “Pelos vistos nunca houve. Muita gente não teve essa curiosidade e eu lamento porque tomarmos a língua do outro pode parecer um acto de submissão, mas é um acto de conquista. Quando falo com alemães e consigo arranhar em alemão e eles não conseguem arranhar em português, eu sinto que por um lado estou a mostrar submissão, mas não, estou a mostrar uma conquista, porque eu tenho um código secreto e eles não têm. E o que aconteceu em Macau durante muitos anos, eu imagino isso, uma parte grossa da população tinha um código secreto. Eu se tivesse crescido em Macau imagino-me hoje a falar um cantonês magnífico sem sotaque. Se calhar estou a ser presunçoso.”

Conta o escritor que a sua curiosidade em visitar Macau antes não era muito grande – agora é maior – e isso era “porque como eu não falava cantonês chateava-me um pouco ir para um sítio e sentir-me como não tivesse saído de casa e eu gosto mais de atravessar a rua.”

A comida é a “nossa segunda maior abertura para o mundo”, diz Rui Zink. “O que nós comemos define-nos e o que nós comemos também nos separa. Li isto há um ano ou dois num artigo do Vasco Pulido Valente. Li, registei, gostei, porque ele disse isto de forma tão límpida. Portanto, quando encontramos povos que comem o mesmo que nós há logo ali um elo, sentamo-nos e podemos comer. Portanto a comida, alguém gostar da nossa comida começa logo por ser

“Como sou um leitor e um escritor - quando escrevo não aprendo muito, mas quando leio aprendo bastante - tenho, como toda a gente, ao longo das décadas, peças acumuladas que me dão uma imagem de Macau”

uma ponte de ligação.” Rui Zink, por sua vez, deixa claro que gosta muito de comida chinesa. As primeiras 48 horas em Macau vão ser fundamentais para a percepção da cidade em si e para o processo criativo que daí resultar. “Imagino que é o momento em que eu estou em estado de vigília, meio a dormir, meio acordado, e esse lusco-fusco entre o dormir e o meio acordado muitas vezes é quando aparecem os mosquitos em África, mas para a nossa cabeça é também quando aparecem os mosquitos da imaginação e os mosquitos da compreensão e da empatia com o mundo.”

Quantos aos livros que vai levar para Macau, Rui Zink prometeu procurar na memória algo que acrescente ponto. “Sou um escritor ambicioso. Tento escrever para mudar a perspectiva sobre algo. Quero contar uma história mas também quero questionar o que é aquela história”. Ou pelo menos tenta: “Eu sou o escritor que tenta. Para mim a definição de escritor é a pessoa que tenta, que tenta com palavras dizer aquilo que não pode ser dito por palavras, isso é que é giro, é contar uma história que não pode ser contada”. Mais importante do que tudo o mais, Rui Zink vai “viajar com aquilo que os escritores devem viajar, que é os olhos a mente e os ouvidos abertos. E, já agora, as papilas gustativas”.

CENÁRIO DE FICÇÃO

Os cineastas João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata adiantaram algumas pistas à Revista Macau sobre o filme *A Última Vez que Vi Macau*, galardoado em vários festivais e que vai ser apresentado na Rota das Letras.

Em *A Última Vez que Vi Macau*, a cidade é o território imaginário para um filme que entrecruza documentário com a ficção e conjuga duas memórias, uma memória real, vivida e inspirada na infância feliz de João Rui Guerra da Mata, que viveu em criança em Macau, e uma memória ficcional, de João Pedro Rodrigues. Esta última trata-se de “uma realidade não vivida, memória essa que vem do cinema americano, do período clássico, inspirada no filme *Macao* de 1952, de Josef von Sternberg e Nicholas Ray e protagonizado por Jane Russell e Robert Mitchum; do filme de James Bond, o *Agente Secreto britânico 007*, em *O Homem da Pistola de Ouro*, que foi parcialmente filmado em Macau na época em que João Rui vivia em Macau; do cinema asiático contemporâneo, da pintura, da literatura, e da própria história da região”, explicam os realizadores.

O filme começa com a trama clássica do melodrama ou filme negro americano, um género cinematográfico de Hollywood dos anos 1940 e 1950, em que Guerra da Mata, o protagonista masculino que tem, por coincidência, o mesmo nome que o realizador, regressa a Macau 30 anos depois, assim que recebe uma mensagem da amiga Candy, de quem ele não ouve falar há anos e que está em apuros.

João Rui explica que quando chegaram pela primeira vez a Macau, em 2009, aperceberam-se de que não era um documentário o que queriam fazer, apesar de ser essa a ideia inicial para o projecto.

Os realizadores optaram por deixar-se “contaminar” pelos estímulos que a própria cidade lhes foi oferecendo. “Sentimos como que a cidade estivesse a contar histórias, era como se a cidade nos estivesse a mostrar sítios e nós à



THE LAST TIME I SAW MACAO

A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAO a film by João Pedro Rodrigues and João Rui Guerra da Mata





* Paulo Condeiro

A China vai continuar a fazer parte do enredo dos filmes de ambos cineastas. João Pedro revelou que em 2013 tencionam concretizar uma nova curta-metragem em Macau, num projecto intitulado *Hotel Central*

procura deles e que a cidade estava a revelar-se ou o território estava a revelar-se enquanto lá estávamos”, explica João Pedro. João Rui sublinha que a preocupação foi fugir ao óbvio e ao exotismo imediato. “Macau conta imensas histórias, apetecia-nos filmar em Macau e apetecia-nos filmar em locais que habitualmente não são os locais que se vêm nos documentários e nos filmes.”

A longa-metragem foi sendo realizada ao longo de três incursões na região a partir de 2009, que deram origem também à curta-metragem *Alvorada Vermelha*. O tema asiático havia já começado a crescer na obra de ambos realizadores em 2007 com o documentário *China, China*, filmado em Lisboa.

A China, aliás, vai continuar a fazer parte do enredo dos filmes de ambos cineastas. João Pedro revelou que em 2013 tencionam concretizar uma nova curta-metragem em Macau, num projecto intitulado *Hotel Central*. Ambos têm interesse em continuar a trabalhar na região, aproveitar as dinâmicas que a cidade oferece e estabelecer parcerias. “Há pessoas em Macau interessadas em mudar a paisagem do cinema local. Macau é uma cidade viva e em mudança. É preciso agora concretizar projectos”, referiram os realizadores. ●

CIDADE NUM CÉU RASGADO II

Pequeno Auditório CCM,
1 e 2 de Fevereiro

É uma colaboração rara entre artistas independentes de Hong Kong, dos Estados Unidos, Austrália e Japão. Uma ópera pop que explora e regista a loucura existencial da vida através de uma reconstrução do ambiente urbano com encenação, composição e interpretação assinadas por Kung Chi-shing, artista pioneiro do teatro musical contemporâneo de Hong Kong. Eman Lam, vencedora do prémio 2011 CASH Golden Sail Music, é a convidada especial no conjunto de artistas que inclui o bailarino e coreógrafo japonês Makoto Matsushima, o percussionista americano Les Fong e o violinista australiano William Lane.



A CHEGADA

Companhia Red Leap
Theatre

Grande Auditório do CCM,
29 e 30 de Março

Esta produção premiada conta a história de um homem que tem de ultrapassar dificuldades, em solo distante e desconhecido, em busca de uma vida melhor para a família. Concebida pela companhia de teatro neozelandesa, é uma peça não-verbal e tecnicamente sofisticada adaptada de um conto gráfico da autoria de Shaun Tan, que utiliza marionetas engenhosas e teatro de sombras. Um espectáculo inventivo que inclui cerca de 200 adereços, cenários e dispositivos, venceu dos Prémios de Teatro Chapman Tripp em 2010 e já passou pelo festival de Artes de Hong Kong e o Festival Internacional de Busan, na Coreia do Sul.

CONCERTO "LOUVOR À PRIMAVERA"

Série de Concertos em Sítios do Património Mundial
Casa do Mandarin, 2 Fevereiro

O monumento classificado como património mundial pela UNESCO vai ser palco de concertos que vão desde as *Flores de Boas-Vindas à Primavera*, com arranjos de Chen Linhui, à ópera *Carmen* de Georges Bizet com arranjos de Zou Ye. *Alegria do Festival das Lanternas*, *O Palco de Crisântemos* e *Canção Sagrada* a cargo do músico japonês Minoru Miki são outras das 11 peças que vão encher a Casa do Mandarin de música a assinalar o Festival da Primavera em Macau. Também vão haver concertos no Museu de Arte de Macau dia 3 e 22, e na Galeria dos Espelhos do Teatro Dom Pedro V no dia 23 de Fevereiro.



DEBAIXO DESTAS ASAS ME ACONCHEGO

Maria Leal da Costa
Albergue SCM,
até 24 de Março

José Pedro Matos Fernandes apresenta-a como “um conjunto de elementos simbólicos seculares para explorar o significado profundo dos elementos primordiais”, tema que atravessa vários dos trabalhos da artista, que em cada peça apresenta uma estrutura simbólica em que dominam as figuras do círculo, triângulo e rectângulo. Maria Leal da Costa trabalha com espírito de experimentação e exploração da plasticidade da pedra, do bronze e do ferro, concentrando-se em temas como a grandeza da alma e da viagem. Está representada em Portugal e fora, em colecções públicas e privadas, inclusive no Instituto Internacional de Macau.



VIAGEM AOS CONFINES DO MUNDO: MICHELE RUGGIERI E OS JESUÍTAS NA CHINA

Museu de Macau,
até 3 de Março

Está incluída no Ano do Diálogo Intercultural China-União Europeia e é organizado pelo Ministério da Cultura. Esta mostra apresenta o manuscrito dos mapas da China desenhados por Michele Ruggieri, primeiro missionário da Companhia de Jesus a entrar na China na dinastia Ming e europeu pioneiro no estudo do chinês, e inclui mapas desenhados por outros jesuítas guardados nos Arquivos Nacionais de Roma. É a história dos jesuítas à medida que promoveram o intercâmbio cultural através de Macau e a sua contribuição na área da geografia através da história de vida do missionário.



PINTURA – A MINHA MÚSICA

Arlinda Frota
Fundação Rui Cunha, de 27
de Fevereiro a 16 de Março

Exposição de porcelanas pintadas à mão inspiradas em países por onde passou a artista que, com uma carreira de quatro décadas na área da Medicina, decidiu seguir os passos da mãe, pintora e artista, e pôr em prática a crença pessoal de que a Medicina é muito próxima da arte. Nesta exposição apresenta o trabalho artístico inspirado em locais como a Indonésia, Portugal e Macau onde imprimiu a relação estreita entre a sensibilidade oriental e o diálogo com as origens, bem como uma forte relação com a música.

TEN SUGGESTIONS ON IMPROVING OUR LIVES

Gukzik Lau
Armazém do Boi,
até 28 de Fevereiro

Começou com as previsões do fim do mundo. Nesta mostra a artista plástica e escritora de Hong Kong Gukzik Lau apresenta *Dez propostas para melhorar as nossas vidas* numa mostra dividida em duas partes, que inclui pintura, texto, vídeo, instalações, artes gráficas e graffiti. Conta com as participações dos artistas da banda *My Little Airport* e do grafiteiro Katol, do grupo *Start from Zero*.

MEMÓRIA DE PEIXE

Memória de Peixe

É o projecto do guitarrista Miguel Nicolau e do baterista Nuno Oliveira e conta com as colaborações de Carlos Bica, Da Chick e Catarina Salinas. O nome tem a ver com a técnica: Nicolau usa os pedais para memorizar *loops* de curta duração com uma só guitarra, criando canções em tempo real. O disco é uma exploração de ambiências e imaginários que vivem da improvisação e repetição nas melodias.

Lovers & Lollypops | 2012



ALMA

Carminho

Tem chegado a vários públicos e agora ganhou uma nova edição, que inclui duetos da fadista portuguesa com três grandes nomes da música brasileira: Chico Buarque, com uma versão de *Meu Namorado*, Milton Nascimento com o tema *Carolina*, e *Cais* com Nana Caymmi. O disco nasceu da parceria com o guitarrista Diogo Clemente, inclui um tema assinado pela própria artista e outros assinados por Vasco Graça Moura, Mário Pacheco e Vitorino. É o segundo disco da fadista de 28 anos, sucessor de *Fado* (2009).

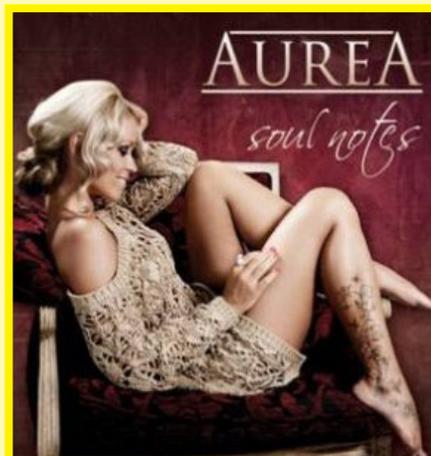
Capitol | 2012

SOUL NOTES

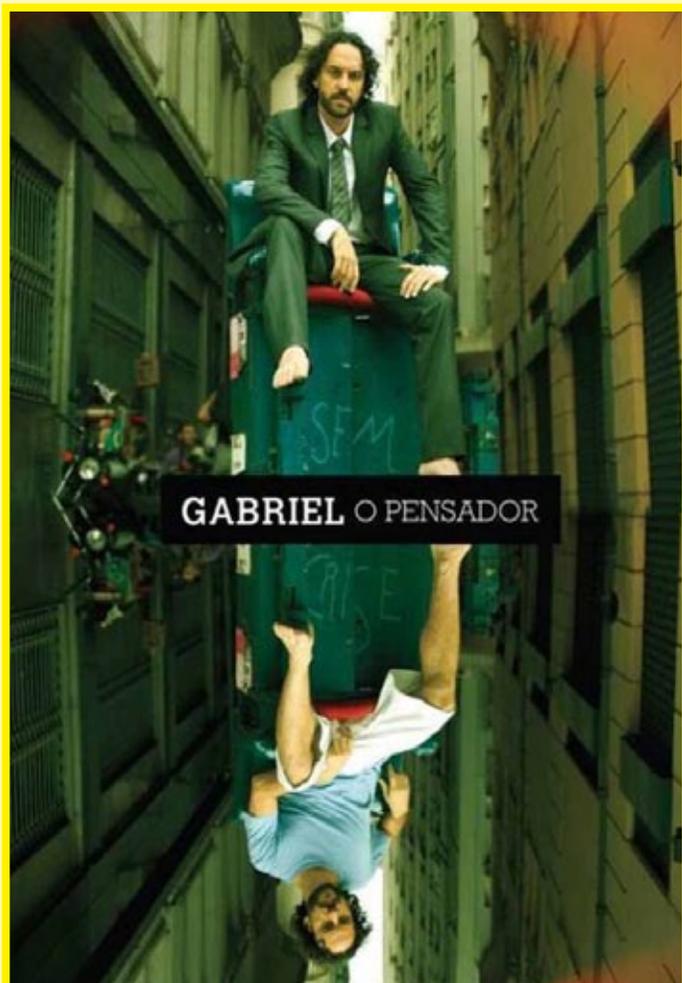
Aurea

Passou por Macau recentemente no Festival Internacional de Música e provou que não é uma desconhecida na cidade. Este é o segundo disco de originais da cantora alentejana, vencedora do prémio *Best Portuguese Act* nos MTV Europe Music Awards em 2011 e 2012, que bebe inspiração à música soul.

Scratch My Back é o single, a mostrar uma faceta mais enérgica de Aurea. As letras continuam a ser intimistas, na linha do álbum anterior, à volta de temas que reflectem situações, vivências e emoções da artista portuguesa que tem como referências Aretha Franklin, Joss Stone, John Mayer e Amy Winehouse.



Blim Records | 2012



SEM CRISE

Gabriel, O Pensador

Nunca tinha estado tanto tempo sem lançar um disco, sete anos. Este é o sétimo álbum de estúdio do músico brasileiro que também se tem dedicado à escrita e ao ativismo social, e é marcado por batidas mais electrónicas e uma série de parcerias. Um leque ecléctico, desde Rogério Flausino, da banda Jota Quest, Nando Reis, Jorge Ben Jor, Afroreggae e Carlinhos Brown. Numa entrevista Gabriel disse que se trata de “uma batalha de rap com novos talentos”. São 15 canções com pouco da contundência do início da carreira há 20 anos, com o êxito Tô Feliz (Matei o Presidente). Surfista Solitário é o single, um tema inspirada pelo desejo que Gabriel tinha de voltar a fazer surf, baseado em Solitário Surfista de Jorge Ben Jor, lançada em 1980.

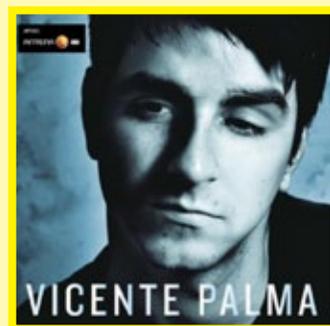
Microservice | 2012

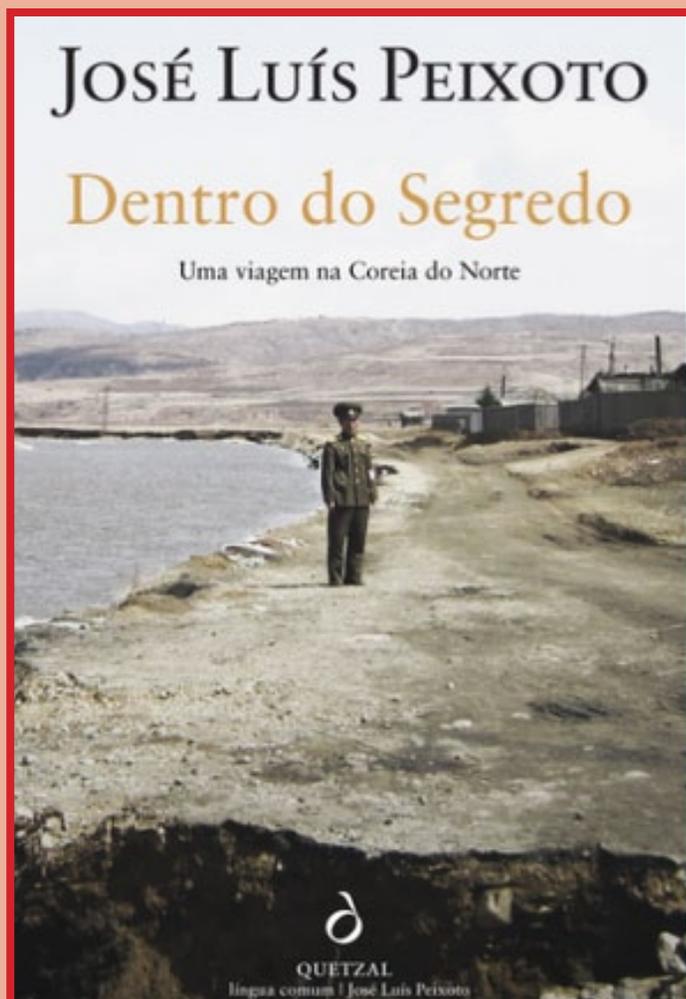
PARTO

Vicente Palma

É uma estreia e o apelido não aparece por acaso. Vicente é filho do músico Jorge Palma. Começou em 2007 no concurso Novos Talentos FNAC e não nega a influência do pai, mas já disse em várias entrevistas que é “outra entidade” e, como tal, tem o seu próprio estilo. Quem quiser conhecer só tem de ouvir. *Parto* é o nome do álbum e do *single* que já toca nas rádios e está à venda nas plataformas digitais. Tem 14 temas e só uma é que não tem letra e música assinada pelo artista. *Para Rosalía*, popularizado por Adriano Correia de Oliveira, foi composto por José Niza e escrito por Curros Enríquez.

EMI | 2012





DENTRO DO SEGREDO

José Luís Peixoto
Quetzal, 2012

Depois do romance, a literatura de viagem. Uma mudança de registo e de cenário do autor alentejano que se aventurou à descoberta da Ásia e começou logo pelo interior daquela que é provavelmente a ditadura mais repressiva do mundo, a Coreia do Norte. É o registo da viagem de duas semanas de José Luís Peixoto ao país, em Abril de 2012, com apontamentos que vão desde a participação nas exuberantes comemorações do centenário do nascimento de Kim Il-sung, em Pyongyang, até àquele que diz ter sido o passeio mais extenso permitido pelo governo norte-coreano a estrangeiros nos últimos anos. É o tom pessoal do autor de *Livro e Abraço*, que esteve no ano passado em Macau para participar na primeira edição do festival literário Rota das Letras, agora transposto para o relato sobre o outro.

CAMÕES NO ORIENTE

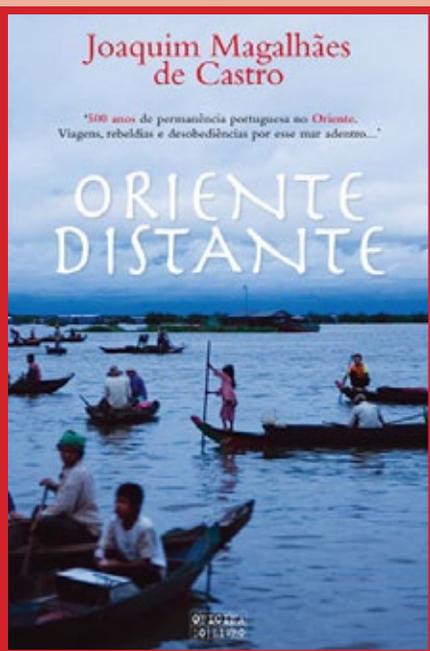
Eduardo Ribeiro
Gradiva, 2012

Demorou anos a preparar e é uma colectânea de textos, revistos e actualizados, publicados na revista Labirintos e em jornais locais. Acompanha cronologicamente a vida do poeta quinhentista Luís de Camões desde a partida de Lisboa para a Índia em 1553 até Macau (1562-1564), passando por Moçambique (1568-1569), e analisando também os últimos dez anos do autor de *Os Lusíadas* no Reino (1570-1580). Eduardo Ribeiro, advogado entre muitos outros cargos que já desempenhou, chegou a Macau em 1985 onde começou a investigação sobre a presença de Luís de Camões no território em 2006.

PONTO FATAL

Rodrigo de Matos
Praia Grande Edições, 2012

Do Chefe do Executivo Chui Sai On a Steve Jobs, da inflação aos direitos humanos, passando pela poluição e a política, o humor de Rodrigo de Matos é tão local como transversal à actualidade global e agora já está disponível em livro. São cerca de uma centena de cartoons publicados semanalmente durante dois anos no jornal *Ponto Final*, e agora compilados pela Praia Grande Edições em versão trilingue - português, chinês e inglês.



ORIENTE DISTANTE

Joaquim Magalhães de Castro
Oficina do Livro, 2012

É o sucessor de *No Mundo das Maravilhas* (Editorial Presença, 2010) e *Viagem ao Tecto do Mundo* (Editorial Presença, 2012), mais um relato do investigador Joaquim Magalhães de Castro que tem dedicado os últimos anos à exploração dos vestígios da expansão portuguesa na Ásia. Neste *Oriente Distante* o autor, residente em Macau, segue o trilho dos vestígios da cultura e presença portuguesa no Japão, Mongólia, Camboja, Região Autónoma de Xinjiang, Quirguistão e Vietname. É o registo de uma presença que persiste nestes locais através dos residentes mais antigos, da língua, tradições e cultos religiosos.

E QUAL É O PROBLEMA? EXTRACTOS DO DIÁRIO DE UM MACAENSE

Albertino Almeida
Edição de Autor, 2012

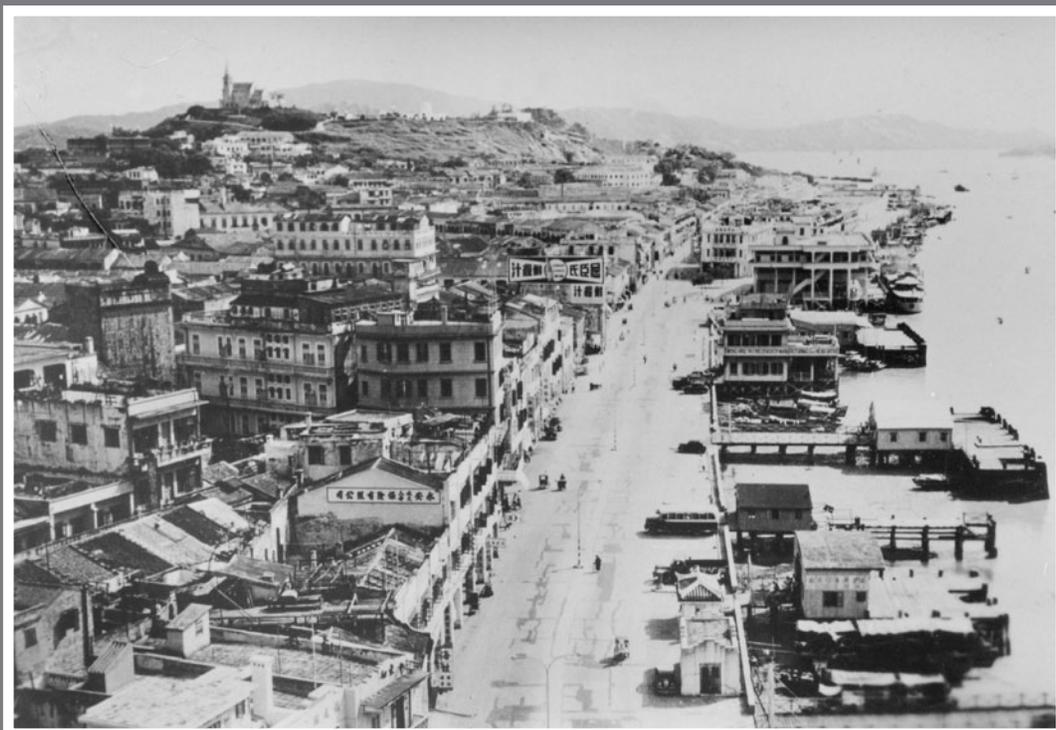
Funcionário administrativo do Governo de Macau, desportista polivalente, fundador do *Jornal Luso-Chinês* em finais dos anos 1970, empresário, dirigente associativo, autor de crónicas e outros textos, Albertino Almeida era descrito como um dos macaenses mais interventivos da história de Macau, sobretudo na segunda metade do século XX. Viveu momentos que fizeram parte dessa história e fez questão de apontá-los. O resultado foi publicado em livro, com edição de autor e o apoio de Rogério Beltrão Coelho e Cecília Jorge. Compila relatos publicados pelo autor na imprensa local em língua portuguesa, são 21 crónicas adaptadas e actualizadas das mais variadas situações, e a envolver as mais diversas personalidades do território. Foi o derradeiro registo do autor octogenário, que veio a falecer a 24 de Dezembro, pouco dias após o lançamento da publicação.

O FILÓSOFO FANTASMA – LÚCIO PINHEIRO DOS SANTOS

Pedro Baptista
Zéfiro, 2012

Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos era uma “personagem conhecida em todo o mundo e quase inteiramente desconhecido entre nós”, nas palavras do autor do livro. Filósofo modernista, criou a corrente da Ritmanálise que tinha por base a visão do homem integrado nos ritmos da natureza e do indivíduo adulto reequilibrado com os ritmos da infância, mas não se lhe conhece obra publicada. O romancista e ensaísta Pedro Baptista, residente em Macau e autor de obras como *O Cavaleiro Azul* (2001) e *Pessoas, Animais e outros que tais* (2006), dedicou-se a investigar o “fantasma” português, desconhecido no país mas venerado fora dele, especialmente em França.





* Arquivo Histórico de Macau

RUA DO ALMIRANTE SÉRGIO, 1950

A Rua do Almirante Sérgio começa na Rua das Lorchas, junto à Praça de Ponte e Horta, e termina no Largo do Pagode da Barra. O almirante António Sérgio de Sousa foi governador de Macau de 1868 a 1872, notabilizando-se pelas medidas tomadas para a protecção dos cules contratados para a América e da população da província. O nome do Almirante Sérgio foi atribuído, em 1869, à rua então recentemente construída à beira-rio.

MACAU 2012

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2012** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2012** – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2012** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



澳
門
郵
票

收藏

COLECCIONE
SELOS DE MACAU
Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地

Largo do Senado, Macau

FILATELIA



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
網址 Website : www.macaupost.gov.mo